UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

O professor inesquecível nas narrativas de atletas olímpicos brasileiros

Maria Alice Zimmermann

São Paulo
2019

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

O professor inesquecível nas narrativas de atletas olímpicos brasileiros

Maria Alice Zimmermann

São Paulo
2019

MARIA ALICE ZIMMERMANN

O professor inesquecível nas narrativas de atletas olímpicos brasileiros

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências

Área de Concentração:
Estudos Socioculturais e Comportamentais da Educação Física e Esporte

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Katia Rubio

São Paulo

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação

Serviço de Biblioteca

Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo

Zimmermann, Maria Alice. O professor inesquecível nas
narrativas de atletas olímpicos brasileiros

/ Maria Alice Zimmermann. -- São Paulo: [s.n.], 2019. 115 p.

Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física e
Esporte da Universidade de São Paulo.

Orientadora: Profa. Dra. Katia Rubio

1. Esporte e Educação 2. Narrativas Biográficas 3. Jogos
Escolares 4. Professores
(Brasil) I. Título.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Autor: ZIMMERMANN, Maria Alice

Título: O professor inesquecível nas narrativas de atletas olímpicos brasileiros

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências

Data:___/___/___

Banca Examinadora

Prof.Dr.:_____

Instituição:_____Julgamento:_____

Prof.Dr.:_____

Instituição:_____Julgamento:_____

Prof.Dr.:_____

Instituição:_____Julgamento:_____

Prof.Dr.:_____

Instituição:_____Julgamento:_____

Dedico este trabalho à minha mãe, professora inesquecível, que com seu brilho nos olhos, transformou muitas vidas e sempre está pronta a ensinar.

À minha avó Maria, aos meus tios José e Maria Luiza, in memoriam, que também trouxeram cores para minha vida.

À minha família que sempre me apoiou incondicionalmente.

Aos meus professores inesquecíveis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus colegas professores da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, que sempre me inspiraram com seus relatos desafiadores e seu amor fundamental para seguir na batalha de ensinar, representados na figura da Prof. Rosangela Faria. Aos meus fantásticos professores desde a primeira infância, lembro bem deles todos, que sempre incentivaram a busca do conhecimento e a enfrentar os desafios da vida. Aos amigos pelas discussões e pontos de vistas diferentes para compor o mosaico esportivo. E às amizades mais recentes, Elayne Fernandes pelas boas conversas, pela escuta nos momentos de aflição e de alegria também. A Arilda Inês Miranda Ribeiro pelos cafés pedagógicos nas passadas por Campinas, sempre ajudando a realizar algo que achava que estava muito distante.

Aos meus amigos do Grupo de Estudos Olímpicos (GEO), que regado ao ritualístico café da manhã, com muita paciência, foram fundamentais em diversos e duros momentos para que eu não perdesse a esperança. Entendi profundamente o sentido de equipe, amizade e respeito.

A Rafael e Dhênis, pela apresentação ao mundo do imaginário. Aos parceiros William Douglas, Rovilson, Neilton e Waleska pelos questionamentos sobre histórias de vida e a busca do cenário que fui construindo. À Lu Tonon, pela correção e revisão do texto e pelas músicas nos churras. Aos queridos Birigui e Marcos, pronta ajuda em qualquer momento, pela paciência de mostrar caminhos, literalmente.

Às queridas Julia, Gabi, Lu Angelo e Gislane que entre um congresso, um seminário e um lançamento de livro ajudaram a entender com mais facilidade alguns pontos que eram por demasiado distantes do meu entendimento.

À Natalia, Carlos, Ivan, Julio, Juliana, Vinícius e Marjorie, o subgrupo da Educação Olímpica. Muitas ideias, reuniões, estudos e principalmente um desejo enorme de colaborar com a Educação pelo esporte.

À minha família que por muitas vezes, aguentou firme minha ausência, minha distância. Sábados e muitos almoços aos domingos ficaram na memória, o que me fortalecia a cada enfrentamento desta jornada. Aos meus irmãos que por vezes me substituíram num papel de cuidado que era meu. Ao meu irmão Carlos Eduardo Santiago, que mesmo antes de ter encontrado minhas questões, ajudava nos questionamentos e pensamentos “viajantes”.

À minha tia Luzia Santiago, que sempre me apoiou, jogou muita bola na rua comigo e meus irmãos, cuidou da minha alimentação, fazendo os pratos prediletos. Rezou muito nos momentos mais difíceis, me ajudando a acreditar que passaríamos pelas dificuldades da vida firmes e fortes.

Ao meu pai que foi um grande incentivador para a minha prática esportiva.

Aos meus tios (*in memoriam*) Maria Luiza Segato de Rosa e José de Rosa pelo exemplo que foram, ela também professora, culta, inteligente, simples, alegre. Foi um presente na minha infância e adolescência, mostrando que o mundo era mais que a rua onde eu morava. A ele, por ter deixado no seu legado o olhar ético, amoroso de fé e esperança nas pessoas e num mundo melhor.

À minha mãe, professora talentosa, apaixonada, inspiradora e responsável pela transformação de muitas vidas pela educação, pelo carinho e respeito com que tratava seus alunos. Não poderia ter escolhido outra profissão senão aquela que a paixão se fez constante. Lembro-me das pilhas de cadernos, trabalhos e redações que levava pra casa pra corrigir e que por muitas e muitas vezes a acompanhava nos parques enquanto eu e meus irmãos brincávamos. A disputa da sua atenção era grande, sempre compromissada com seus alunos, preparava aulas e a ajudávamos separando as folhas recém tiradas do mimeógrafo, para não borrar, com aquele cheiro de álcool. Vivi a rotina de escola desde muito cedo, era um ambiente que gostava, por acompanhá-la sempre que possível. Talvez por isso escolhi passar minha vida na escola também.

À Silmara Furtado pela paciência e entendimento que a minha ausência constante exigiu na rotina acadêmica e de trabalho. E por viver umas das experiências mais desafiantes recentemente.

E, com muito carinho agradeço à minha orientadora Prof. Dra. Katia Rubio, pelo respeito que trata a todos e principalmente seus alunos, com escuta e atenção. Mesmo o puxão de orelha, faz de maneira elegante e sem toques de celebridade. Uma das pessoas “mais humanas”, que conheci. De conversa franca e olhos nos olhos, fala o que é preciso com cuidado. Inspira, incentiva, estimula e traz possibilidades. Ampliou muito meu horizonte, trouxe bons desafios e o meu melhor, fez acreditar que era possível. Verdadeira Mestra e guardiã da esperança humana que cruzou meu caminho e me presenteou com inspiração ao provocativo mundo acadêmico.

“Ainda que eu falasse a língua dos homens
E falasse a língua dos anjos
Sem amor, eu nada seria”

Renato Russo/ Corintios 1/13

RESUMO

ZIMMERMANN, M.A. **O professor inesquecível nas narrativas de atletas olímpicos brasileiros**. 115 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2019.

Resumo: Esta pesquisa teve como objetivo investigar a presença da figura do professor de Educação Física nas narrativas biográficas de atletas olímpicos brasileiros. Para tanto foi utilizado o acervo do banco de histórias da pesquisa Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos Brasileiros, alimentado por dados objetivos e subjetivos, extraídos da fala de atletas de diferentes gerações olímpicas. Participam dessa reflexão três atletas e dois professores cuja relação tem início na escola e dali seguem para uma carreira olímpica no atletismo e no voleibol. A partir da leitura das narrativas dos atletas olímpicos, percebe-se como a figura do professor de Educação Física transpõe o papel de orientador, treinador e técnico. Esse profissional influenciou o processo de ‘encantamento’ e formação daqueles que decidiram fazer da prática esportiva e do sonho olímpico companheiros de uma longa jornada cheia de desafios. Nestas narrativas é encontrado um professor inesquecível, lembrado de maneira carinhosa, por mediar de forma equilibrada o conteúdo pedagógico e a relação dos aspectos afetivos, tão caros à aprendizagem. A relação entre professor e aluno é permeada de cuidados, olhares de atenção para proporcionar um bom desenvolvimento do aluno, que caminha para transformá-lo no escritor de sua própria história. Por isso, ele é aqui chamado de professor suficientemente bom, e como parte do desenvolvimento do self, este professor também tem passagem marcante nos períodos mutativos, momentos esses decisivos para transformações vitais, de tal ordem a poder mudar radicalmente o significado e a direção da história de uma vida. Este momento se assemelha ao instante do encontro entre o Mestre e o discípulo, no qual o mestre que incita, desperta o discípulo a superar as suas limitações, como também a atrever-se nos caminhos nada precisos da reflexão pessoal, do crescimento.

Palavras-chave: Professor; Educação Física; Professor suficientemente bom; Jogos Escolares; Atletas; Narrativas Biográficas.

ABSTRACT

ZIMMERMANN, M.A. **The unforgettable teacher in the narratives of brazilian olympic athletes**. 115 p. Dissertation (Master of Science) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2019.

This research aimed to investigate the Physical Education teacher presence in the Brazilian Olympics' Athlete biographical narratives. In order to do so, we used the collection of stories from the Olympic Memories research by Brazilian Olympic Athletes, fed by objective and subjective data, extracted from the speech of different Olympic's athletes generations. Three athletes and two teachers whose relationship begins in school and from there follow for an Olympic career in athletics and volleyball. From the reading of the narratives of the Olympic Athletes, one can see how the figure of the Physical Education teacher transposes the role of advisor, coach and technician. This professional influenced the process of 'enchantment' and training of those who decided to make sport practice and the Olympic dream companions of a long journey full of challenges. In these narratives is found an unforgettable teacher, affectionately remembered, for mediating in a balanced way the pedagogical content and the relation of affective aspects, so dear to learning. The relationship between teacher and student is permeated with care, looks of attention to provide a good development of the student, who walks to turn him into the writer of his own history. Therefore, he is here called a good enough teacher, and as part of the development of the self, this teacher also has a marked passage in the mutative periods, which are decisive moments for vital transformations, in order to be able to radically change the meaning and direction of the story of a lifetime. This moment is similar to the moment of the encounter between the Master and the disciple, in which the teacher who incites the pupil awakens the disciple to overcome his limitations, as well as to dare in the precise ways of personal reflection, of growth.

Keywords: Teacher; PE; Teacher good enough; School games; Athletes; Biographical Narratives.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Atletas que se referem as palavras professor ou escola em suas narrativas	31
Quadro 2 - Atletas selecionados	32
Quadro 3 - Comparação das Pedagogias	46
Quadro 4 – Objetivos gerais e específicos do <i>Sport Education</i>	48
Quadro 5 - Número de Participações de alunos em todas as modalidades de 2007-2018	50

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 -Termo de consentimento de entrevista.....	115
--	-----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

EF- Educação Física

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
1.1 Minha história de vida e um fenômeno sociocultural	15
2. OBJETIVO	23
3. MÉTODO.....	24
3.1 As narrativas biográficas.....	27
4. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	34
4.1 Esporte e Educação Física.....	34
4.2 Os Jogos escolares e o esporte na escola.....	43
4.3 Enquanto isso na cidade de São Paulo	50
5. O PROFESSOR INESQUECÍVEL	57
5.1 O professor suficientemente bom.....	62
5.2 A função mítica do professor na formação do atleta olímpico	69
6. OS PROFESSORES POR SEUS ATLETAS	72
6.1 Juca por Joaquim Cruz por Joaquim	72
6.2 Paulão por Paulo André Jukoski da Silva.....	85
6.3 Renan por Renan Dalzotto	90
7. FASES DE UMA TRAJETÓRIA	94
7.1 O encontro.....	95
7.2 A descoberta	97
7.3 A realização.....	102
7.4 O reconhecimento	104
8. APITO FINAL	108
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	111
ANEXOS.....	115

1. INTRODUÇÃO

1.1 Minha história de vida e um fenômeno sociocultural

“Chega de ficar na rua!” “...Tá na hora de entrar!” Era assim que ouvia o comando e anúncio, de que o horário das brincadeiras acabara.

Vivi boa parte da infância brincando na rua, o que considero um privilégio, uma “boa” escola da vida. A condição de primogênita, com mais dois irmãos de idades próximas à minha e outros três com idades mais distantes, permitiu que eu continuasse a brincar com diferentes idades. Durante a infância fui intensamente estimulada a brincar muito, época em que ainda se podia brincar na rua.

Além das brincadeiras costumeiras como barra manteiga, polícia e ladrão, mãe da rua, balança caixão (a minha preferida), havia também espaço para o futebol. Jogava bem, tinha habilidades para jogar em qualquer time dos meninos, aliás, podia contar nos dedos de uma única mão quantas meninas brincavam conosco.

Nas férias a dinâmica era outra. Passava temporadas na casa da minha avó, no interior de São Paulo. Lá frequentava um clube, onde a taxa de entrada era cobrada por diárias. Passava o ano guardando moedinhas, mas na verdade, minha avó “patrocinava” estes dias no clube. Nadava e ficava o dia todo na piscina, às vezes com primos, outras com amigos. Andava de bicicleta para todo o canto. Apreendi a andar de patins e ralei muito os joelhos. Soltei pipa, corri atrás de várias. Nos intervalos ajudava também a mexer o tacho de goiabada, minha tia fazia muitas tachadas delas.

Quando fui para a escola, no ensino fundamental, brincava com os meninos durante os intervalos, jogávamos futebol – com o gol demarcado por duas pedras; queimada; pulávamos corda, entre outras brincadeiras. Tivemos um diretor de escola que mandou fazer um paredão bem ao lado da quadra, provavelmente ele gostava de tênis. Nunca vi ninguém praticar.

Na mesma época comecei a frequentar o SESI, que oferecia um programa de formação esportiva para os frequentadores. Era perto de casa e lá pude aprender várias modalidades também. Havia muitos atletas que frequentavam aquela unidade, era referência no atletismo na época. Eu ficava olhando de longe, gostava de tudo, achava lindo como se vestiam, os tênis e os agasalhos.

Fui convidada para treinar natação. Aceitei. Foi minha primeira experiência de treinamento, comecei a ver e a sentir o esporte com outros olhos. Meu professor era excelente, mas, bravo. Todos os professores usavam uniformes amarelo e branco, eu achava a coisa mais linda do mundo.

Era claro que eu tinha habilidades diversas e a partir deste momento estas atividades começaram a tomar outro sentido

Nesta época pedi pelo correio um livro que tinha o título assim: “Aprenda a jogar Tênis”. Fiquei fascinada pela possibilidade de aprender a jogar. No SESI as aulas desta modalidade eram pagas à parte e não era barato. Naquele ano pedi de presente de natal uma raquete de tênis para meus pais. Acho que tinha uns 8 ou 9 anos. Ganhei. E lá fui eu para o paredão da escola também. Meus colegas achavam estranho e então comecei a revezar a raquete com eles.

O tempo foi passando e depois da fase tênis, veio a fase voleibol. Tinha uma professora que ensinava a modalidade nas aulas de Educação Física. Em Santo André, começávamos ali, a viver o auge da modalidade com os meninos do vôlei da Pirelli. Qualquer lugar que você fosse em Santo André encontrava uma rede de vôlei, um cordão de varal, amarrados nos postes ou árvores e a molecada jogando vôlei. Joguei Minivoleibol no SESI, em campeonato e tudo.

Eu estava na quinta série e a professora me chamou para participar de “Campeonato Colegial”. Iria compor com as meninas da oitava série, a equipe que representaria a escola. Achei aquilo o máximo! Ganhei minha primeira camisa com número, o sete!

Meus ídolos eram o William, o capitão e o Montanaro. Eu jogava como levantadora e num destes campeonatos que ela nos levou, ganhei um troféu de melhor jogadora. Recebi este troféu das mãos do ex-jogador, Montanaro. Momento marcado para a vida toda.

Hoje, lembrando destas situações, rapidamente faço ligações com cenários olímpicos. Em Londres 2012, segundo Armour,Dagkas (2012), o legado de educação proposto foi particularmente extenso. Alega-se, por exemplo, que o entusiasmo para o esporte e o espetáculo olímpico inspiraria a geração dos jovens para fazer escolhas de estilo de vida saudáveis e que aspiram alcançar seu potencial. O slogan usado na 30ª edição dos Jogos Olímpicos, Londres, 2012 foi: “Inspire a Generation”. Na Inglaterra, por exemplo, o desejo de deixar uma herança impulsionou o governo a utilizar estratégia para criar uma aliança: “Esporte na

Escola”, que é promovido especificamente como atividade do legado olímpico. O governo alega que as crianças, especialmente aquelas que não gostam do esporte tradicional competitivo e, presumivelmente, falham no esporte deveriam ter vivências de sucesso para fortalecer a sua sensação de êxito. Para o autor este pode ser considerado como uma estranha estratégia se a inspiração é o principal objetivo. Mas, talvez isso faça algum sentido quando definido de encontro ao imperativo Olímpico de se esforçar para fazer o melhor possível contra todas as probabilidades, como o princípio de excelência.

A professora que citei nos ensinava outras modalidades. Ela era ex-jogadora de basquete da Pirelli e me incentivou muito a treinar mais seriamente a modalidade, mesmo porque no vôlei havia sido barrada pela estatura. Como tinha habilidade de armar os jogos de basquete, a pouca estatura não atrapalhou para que eu fosse jogar na equipe do São Bernardo.

Ela me levava para todo canto. Ficava todos os dias da semana na parte da manhã na quadra com ela, meio como uma assistente. Montava a rede de vôlei, ajudava nas aulas das outras turmas.

Assim como proposto por Gusdorf (2003), trago comigo as lembranças de uma destas professoras que deixaram memória nos meus dias:

[...] o homem conservará fielmente a lembrança de seus primeiros professores. Mesmo que sua existência tenha se resolvido fora de qualquer preocupação de saber, não pode deixar de evocar, num reconhecimento retrospectivo, o rosto daqueles que foram para ele os primeiros sustentáculos da verdade, os guardiões da esperança humana. (GUSDORF, 2003 p. 3)

Lembro-me como se fosse hoje, que me ensinou a fazer flexão de braços e dizia que para vencermos era preciso diminuir nossas dificuldades e principalmente saber quais eram elas. Também me orientou a treinar a batida de bola, o drible do basquete com a mão esquerda. Amarrava a mão direita na cintura e ficava treinando horas no quintal de casa quando chegava da escola. Luguetti (2011) afirma ser possível compreender que por meio do esporte formamos alunos/atletas competentes, conscientes e entusiasmados. Competentes no que se refere ao desenvolvimento de habilidades suficientes para a participação nas modalidades esportivas sem muita dificuldade, a partir do entendimento, uma vez que são

utilizadas estratégias que levam a resolver complexidades requeridas. Conscientes por entenderem e vivenciarem os valores, as regras, as situações tradicionais e rituais que o esporte apresenta. Entende e sabe discernir entre as partes boas e ruins. E entusiasmados desenvolvem características para manter, proteger e ampliar a cultura do esporte em qualquer ambiente, seja na escola ou na comunidade. Assim, o professor pode oferecer condições para que seu aluno se torne autônomo e independente em relação a sua prática esportiva.

Foi uma época boa, mas difícil. Meus pais estavam se separando e esta professora, com seus estímulos de “treinar” as dificuldades e encaminhar para outros ambientes pôde ampliar meu pequeno universo. Me ajudou a sonhar, a ter esperanças e, principalmente, a definir minha carreira. Já na sétima série tinha absoluta certeza que queria ser professora de Educação Física.

Fiz magistério, claro, se queria ser professora, seria uma boa opção para me manter e poder pagar a faculdade de Educação Física. Minha mãe, que era professora também, não teria como arcar sozinha esta proposta. O meu sonho era entrar na USP, naquele momento não tinha como me manter e garantir a combinação de períodos entre o curso e o trabalho.

Durante o magistério fiquei muito próxima das professoras de Educação Física da escola e ajudava a formar as equipes de competição, além de continuar disputando os jogos escolares. Houve um ano que a professora das turmas iniciais não tinha muito interesse no basquete, ela não ia encaminhar a equipe pré-mirim para as competições, foi quando me ofereci para colaborar. Ela aceitou e deixou que eu treinasse as meninas. Fomos para os jogos, perdemos, ganhamos e mais do que nunca tive a confirmação que era exatamente aquilo que queria para minha vida. Queria ensinar esporte na escola pública.

Nesse período parei de treinar basquete e comecei a trabalhar para ajudar em casa e me preparar para a faculdade. Entrei na faculdade e na mesma época comecei a trabalhar na Prefeitura de São Paulo. Iniciei na Educação Infantil. Tive destaque entre as professoras, pois ajudava a planejar as aulas e intervenções relacionadas à educação motora, jogos e brincadeiras. Fui convidada para coordenar um projeto com as professoras, que interligava raciocínio lógico matemático, jogos e brincadeiras na Educação Infantil. E, quando, na rede de ensino retomaram os jogos escolares também estava na rede pública.

Nesta época já tinha dois cargos na Prefeitura, um como Professora de Educação Infantil e outro como Professora de Educação Física. Como ainda mantinha contato com minha professora do ginásio, ela me possibilitou começar a dar aulas em uma escola particular, como substituta dela algumas vezes por semana. Então, com o dia tomado pela manhã fazia faculdade, trabalhava na Prefeitura, numa escola de Educação Infantil a tarde, e à noite ia para a escola particular, pois eram aulas de Educação Física para alunos de curso técnico e Educação de Jovens e Adultos. Isso durou alguns anos, até eu ser contratada no lugar dela, o que gerou um conflito grande entre nós. Depois disso, nunca mais a vi.

Anos mais tarde fui convidada a coordenar os jogos da região leste na Secretaria de Educação, já como Professora de Educação Física. Foi um bom desafio. Depois de dois anos na coordenação destes jogos regionais, fui convidada a implantar os jogos municipais da cidade de São Paulo, o maior desafio. Várias regiões faziam seus projetos de maneira independente e a proposta agora era unificar as regiões e fazer um campeonato municipal, as Olimpíadas Estudantis.

O grande estímulo foi justificar a importância do esporte na escola, em que a possibilidade educacional poderia ser um grande aliado. O objetivo não era somente fazer um grande campeonato, mas sim inserir o esporte nas escolas com seus componentes educacionais.

Percebemos que na relação entre esporte e escola, alguns projetos ainda insistem em não relacionar os aspectos educacionais e esportivos, que reforçam as políticas públicas, quando da sua elaboração como nos aponta Bracht (2003, p. 97):

[...] ao tratar do esporte e da escola, deveriam considerar que, em termos sociológicos, estamos nos referindo a instituições com universos simbólicos muito distintos. O grande desafio é conciliá-los e/ou tencioná-los. A escola tem especificidades que precisam ser respeitadas; isso “obriga” todo e qualquer tipo de saber que pretenda adentrar à escola a passar pelo crivo dessas especificidades, tornando-se um saber tipicamente escolar.

Quando tive contato com a Educação Olímpica pude perceber de que maneira faria sentido “brigar” pelo esporte na escola, o que hoje chamamos de educação em valores. A proposta de uma Educação Olímpica considera as

dimensões do esporte relacionadas além do ensino, da técnica esportiva, bem como suas regras e seus resultados. Mais do que ganhar ou perder, o que se coloca como fundamento é o respeito ao adversário e a determinação necessária para enfrentar as dificuldades.

Promover esta implementação na rede municipal de Educação proporcionou o contato direto com o Grupo de Estudos Olímpicos, que por inúmeras vezes colaborou com a formação de professores em Fóruns, cursos e seminários, levando-os a entender sobre a proposta das Olimpíadas Estudantis, cujo objetivo principal é oportunizar a vivência do esporte, considerando a possibilidade de participação de todos. Os educadores começaram a não levar para jogar somente os melhores, mas ficaram atentos a dar oportunidades de inserir nas equipes os menos habilidosos.

Com este contato comecei a frequentar o grupo de Estudos Olímpicos que estava totalmente imerso na pesquisa “Memórias Olímpicas por atletas olímpicos Brasileiros”. Durante as transcrições das narrativas que fazíamos dos atletas entrevistados, percebi que vários deles mencionaram a importância do professor de Educação Física e da escola na sua descoberta, no seu encantamento por uma atividade tão específica e no seu encaminhamento para os treinamentos. Muitos dos professores achados tiveram o papel de “mentores” não deixando que esses atletas desviassem a atenção do foco de se tornarem atletas. Vários atletas citam os professores de Educação Física como responsáveis por se transformarem em atletas.

Não que estes professores tenham sido responsáveis pela trajetória heroica destes atletas, mas de acordo com Rubio, Leite e Zimmermann (2013), estes professores são lembrados pela preocupação que tiveram em não apenas formar atletas de destaque, campeões ou mesmo medalhistas olímpicos, mas sim, pelo fato de que estariam para além da carreira tão intensa e efêmera. Assim buscaram fazer destes atletas seres humanos maiores, plenos de habilidades e projetos, para desempenharem seus papéis heroicos.

Comecei a observar mais atentamente a maneira como diferentes professores levavam seus alunos para competir. Há professores supercompetitivos, que não gostam de perder, que procuram “brechas” nos regulamentos, nas falhas dos colegas para poderem ganhar as partidas e as provas. Outros, em que a grande preocupação é exatamente proporcionar a vivência do esporte formal, com

arbitragem, com adversários desconhecidos, com torcida. Estes professores no final das competições levam seus alunos premiados ou não, para comer hambúrgueres ou esfihas.

Havia muito mais em jogo, não era só o troféu ou o título de campeão, era um processo que começava na escola e que com todas as dificuldades de organização ou comunicação, conseguiam concretizar a participação destes alunos. Refiro-me a estes professores como principais responsáveis pelo esporte na escola. Mesmo com todas as adversidades no caminho, eram e são capazes de colaborar e transformar a educação com a dimensão de alto teor educacional presente no Esporte.

Durante anos na coordenação deste projeto, que é hoje considerado o catalisador e principal difusor de outras propostas relacionadas ao desenvolvimento do esporte na Rede Municipal de Educação de São Paulo, pude acompanhar de perto o trabalho de muitos professores. Alguns, a cada edição dos jogos levam mais alunos, aprimoram a participação, seja com melhora no desempenho técnico/tático das equipes ou na proposta pedagógica da organização de suas equipes.

Desta maneira fui altamente instigada a pesquisar sobre esta relação que desperta para a prática esportiva. Não era somente a presença do esporte, mas sim, como esta relação entre aluno e professor, este fenômeno na condução de aulas e conteúdos, pode transformar vidas.

Nas reuniões semanais do Grupo de Estudo Olímpicos, tive os primeiros contatos com textos de diferentes autores que levam a reflexão de como o esporte é muito estudado para além das técnicas básicas e fundamentais dos treinamentos, aprimoramentos técnicos e táticos. Havia outra preocupação, outros entendimentos e a partir de então, uma partida de voleibol, handebol ou mesmo uma prova de natação nunca mais foram as mesmas. Outros olhares, outras considerações e muitas dúvidas começaram a me acompanhar.

Fiquei muito interessada, a princípio, nos textos sobre a Educação Olímpica, por ter relação com o meu universo naquele momento. Foi muito importante entender outras relações entre o esporte e a educação. De acordo com Brownlee (1999) a Educação Olímpica, por meio do ensino dos ideais olímpicos, é um processo que busca trazer à filosofia do Olimpismo e fornecer experiências que reforçam a identidade cultural e pessoal, a compreensão mútua, a tolerância para todos, o desenvolvimento individual e colabora para a busca da excelência humana.

Atualmente, muitos alunos têm o primeiro contato com as modalidades esportivas na escola, seja na educação física ou em turmas de projetos de iniciação esportiva. Alguns destes alunos são encaminhados e não concretizam o chamado inspirador do Esporte de rendimento, outros sim, se tornam atletas e alçam vôos mais altos. Outros ainda percorrem este chamado durante a vida toda fazendo da prática esportiva um hábito em suas vidas.

A partir das narrativas biográficas (Rubio, 2014c) dos atletas olímpicos brasileiros pude perceber que existe nesse cenário um personagem responsável para este encaminhamento de “vida”. Alguns depositam nele, seu professor, lembrado sempre com carinho na memória, a chance que tiveram, o desafio aceito, o compromisso firmado, o encontro que os levou para a vida de atleta.

2. Objetivo

Esta pesquisa tem como objetivo investigar a figura do professor de Educação Física na trajetória de vida, presente nas narrativas biográficas de atletas olímpicos brasileiros.

3. MÉTODO

O conteúdo da pesquisa Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos Brasileiros, realizada pela Prof^a. Dr^a. Katia Rubio, ao longo dos últimos 18 anos, tem colaborado para a expansão do entendimento sobre o cenário do esporte no país e proporcionou uma reflexão sobre o papel do atleta olímpico em nossa sociedade. Esta pesquisa consiste em capturar a história de vida dos atletas, por meio de suas narrativas e o produto desse trabalho é a constituição de um grande acervo constituído por mais de 1400 entrevistas, que guardam a memória dos atletas que participaram de alguma edição olímpica.

A pesquisa foi realizada de acordo com a determinação do Sistema Nacional de Informações sobre Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (SISNEP), e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (CEP – EEFE/USP) sob protocolo nº 30756114.6.0000.5391

Segundo Rubio (2014a) trata-se de uma pesquisa que coletou dados sociodemográficos, além de todas informações esportivas possíveis dos atletas como descrito pela autora:

Foram coletados dados como: local e data de nascimento; nível socioeconômico; onde e quando iniciou a prática esportiva; que clubes defendeu; com quantos anos participou pela primeira vez da seleção nacional; quem foram os primeiros professores/técnicos; como foram as experiências como atleta olímpico; em que momento da história do esporte defendeu o país; que percepção teve do amadorismo (ou do profissionalismo); de que forma as questões institucionais atravessaram sua vida; no caso das mulheres, se viveram algum tipo de preconceito ou discriminação, idem para os negros; como foi a condução dos estudos ao longo da carreira; a relação com a mídia tanto na fase do amadorismo como do profissionalismo; como se deu a transição de carreira para aqueles que já são pós-atletas; a relação com a dor e a vida presente para aqueles que já não mais competem e outros temas de ordem mais pessoal (p. 98).

Essa pesquisa se transformou em um grande acervo de histórias que hoje fomenta as pesquisas dos integrantes do Grupo de Estudos Olímpicos, as quais incumbem das propostas analíticas das entrevistas, ou seja, na proposição e

delimitação de ‘novos’ objetos de estudo. Mesmo se tratando de um grupo específico, o atleta olímpico, é possível construir recortes e propor uma infinidade de temas para a interpretação das narrativas.

Conforme Rosina (2018) o banco de histórias de atletas olímpicos brasileiros, alimentado por dados objetivos e subjetivos, se constituiu como uma fonte inesgotável de pesquisa, que atenderá à necessidade do olhar e da escuta do pesquisador para a narrativa. A partir disso, sua leitura definirá o objetivo da sua investigação, que se altera continuamente à medida em que o observador interage com as histórias. A história oral pode ser usada como instrumento orientando o pesquisador no processo de produção e tratamento das narrativas ou como método de pesquisa. Serve, também, como um recurso importante para produção de novas fontes, que podem completar lacunas ou falhas que constam em outras formas de documentação.

A proposta desta pesquisa se deteve sobre histórias de vida de atletas que comumente se referem ao professor de Educação Física como importante personagem na sua trajetória.

Em uma definição, pode ser considerada como um método de pesquisa, seja histórica, antropológica ou sociológica, que permite as entrevistas com pessoas que de alguma maneira participaram, presenciaram os acontecimentos, situações, como maneira de se aproximar do objeto de estudo. Tem ainda como ponto de partida um projeto com a definição de pessoas a serem entrevistadas. Há, portanto, um conjunto de procedimentos para a realização destas entrevistas, que foram gravadas, transcritas, conferidas e autorizadas pelos entrevistados para serem utilizadas na pesquisa. Estas narrativas oferecem diferentes diálogos e são contadas a partir de uma multiplicidade de pontos de vistas, experiências e vivências possibilitando compreender a importância de alguns atores que participam destas histórias.

Como consequência, de acordo com Alberti (2005), o método de história oral, gera fontes de consulta, no caso, as entrevistas, para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Desta maneira, considero, a fonte primária de pesquisa, as entrevistas de atletas do acervo da pesquisa “Memórias Olímpicas, por Atletas Olímpicos Brasileiros”.

A história oral e as histórias de vida ajudam a criar uma imagem mais verdadeira do passado e da mudança do presente, documentando as vidas e os sentimentos e muitas outras imagens escondidas da história. As histórias de vida, gênero que tem sido difundido recentemente, é a modalidade mais subjetiva, segundo Meihy e Ribeiro

(2011), que versa sobre aspectos continuados da existência dos entrevistados. Um tipo de narração com começo, meio e fim, que tenta ganhar lógica explicativa.

Para Rubio (2013, p. 23), “A história de vida é uma forma particular de história oral que interessa ao pesquisador por captar valores que transcendem o caráter individual do que é transmitido e que se insere na cultura do grupo social ao qual o ator social que narra pertence”.

Segundo Oliveira (2005, p. 94), os aspectos individuais e o contexto histórico deve ser levado em consideração:

A história oral recupera aspectos individuais de cada sujeito, mas ao mesmo tempo ativa uma memória coletiva, pois, à medida que cada indivíduo conta a sua história, esta se mostra envolta em um contexto sócio histórico que deve ser considerado. Portanto, apesar da escolha do método se justificar pelo enfoque no sujeito, a análise dos relatos leva em consideração, como já foi abordado anteriormente, as questões sociais neles presentes.”

Baseados na pergunta disparadora, “Conte-me a sua história”, os atletas têm a oportunidade de contar uma história de sua vida, relacionando os fatos de início de carreira, onde nasceram, de onde vieram, as equipes que passaram, os diferentes lugares que jogaram, e seguem organizando sua história. A sequência nem sempre acontece cronologicamente, muitas das narrativas acompanham fatos e situações desencadeadoras que podem aparecer com sua “linha de tempo” própria.

Alguns atletas respondem à pergunta com outra pergunta: Mas você quer saber no esporte ou minha história de vida? E, instigados a falar como quiserem, como se sentem mais à vontade, muitos deles iniciam a narrativa trazendo as informações que podem seguir ou não uma sequência linear de tempo, cronológica. Alguns são guiados pelas edições olímpicas, por passagem pelos clubes e outros vão e voltam na linha cronológica.

Segundo Pineau (2006) as histórias de vida encontram-se na confluência das correntes biográficas, autobiográficas e relatos de vida cujo objetivo é a construção de um sentido temporal para a história de uma pessoa. E afirma, “A determinação desse objetivo de construção de sentido temporal pela história de vida mobiliza alguns e imobiliza outros. Ela abre um horizonte ambicioso que pode ser uma miragem ilusória”

(p. 341). São muitas as histórias, que também fazem entrelaçamento com outras histórias, vistas e trazidas em suas narrativas com diferentes prismas, na qual um atleta narra sua existência através do tempo

De acordo com Halbwachs (2003, p. 30), “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que nós vimos.”

A relação de tempo, de ritmos temporais, está relacionada como cada classe vive, assim como cada pessoa. A memória é considerada um trabalho sobre o tempo, um tempo vivido, que é sugerido pela cultura e pelo indivíduo. Para Bosi (2003), o tempo social acaba absorvendo o tempo individual, desta maneira a percepção coletiva abrange a individual. Assim para Bosi (2003 p. 66), “A narrativa é sempre uma escavação original do indivíduo, em tensão constante contra o tempo organizado pelo sistema. Este tempo original e interior é a maior riqueza de que dispomos”.

3.1 As narrativas biográficas

A pesquisa “Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos Brasileiros” segundo (RUBIO, 2014a), trouxe várias reflexões que contribuem para promover o entendimento sobre a importância do atleta, o movimento de construção e a manutenção do imaginário esportivo brasileiro. O entendimento do método passa pela atitude reflexiva do narrador e foi isso o que Rubio (2014b) considerou como dados relevantes da trajetória do atleta, uma vez que oportuniza o retorno à experiências e situações passadas, ressignificando episódios marcantes, do que foi a sua vida e do que ele mesmo é neste momento. Desta maneira o narrador se permite inverter ou subverter sua narrativa levando em consideração sua própria cronologia de afetividade dando ao seu texto um contexto.

Segundo Santos, Oliveira e Susin (2014) a abordagem de narrativas biográficas permite a construção de tipologias de interpretações do mundo da vida, considerando, neste processo, como os indivíduos manuseiam seu “estoque de conhecimento”.

A pesquisa realizada com os atletas olímpicos teve inicialmente como perspectiva metodológica as histórias de vida, uma forma particular de história oral, até chegar à proposta metodológica das “narrativas biográficas”. (RUBIO, 2001; 2003; 2004; 2011; 2013, 2014, 2016).

As histórias de vida contidas no acervo de narrativas permitem o contato com diversas situações vividas pelos atletas, que são a razão do esporte, o maior legado

deixado pelos Jogos Olímpicos (Rubio 2014b). Várias histórias de superação, de dedicação extrema, de sonhos, pesadelos, alegrias, frustrações, conquistas, dores estão ali contidas o que permite interpretações e novas buscas.

De acordo com Rubio (2014b) as narrativas biográficas além de considerarem o momento histórico, podem vir carregadas de representações verbais da memória que concede a recriação do sujeito, colaborando assim com a possibilidade de uma construção identitária, apresentando o indivíduo como valor, sendo único e singular. Ao elaborar sua resposta à pergunta disparadora, o narrador, no esforço de buscar imagens e lembranças do passado, transforma essas informações, verbalizando-as, com isso promove a recriação ou transcrição. Para a autora, “As narrativas biográficas são entendidas como discursos individuais que oferecem uma compreensão do sujeito que narra, do mundo, e das próprias experiências acumuladas na trajetória da existência” (p. 15).

Resgatar e organizar a memória do esporte brasileiro, construir como um grande quebra-cabeça a memória das participações brasileiras nas 28 edições¹ olímpicas em que o Brasil esteve presente, proporcionando momentos de importante reflexão e descobertas, a pesquisa “Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos Brasileiros” trouxe as narrativas biográficas dos verdadeiros atores destas memórias. Assim a pesquisa com o acervo de 1.120 narrativas busca entender o passado e preservar a memória do esporte brasileiro.

A escolha dos entrevistados se deu a partir de sua participação em Jogos Olímpicos. Em 2001, a primeira fase da pesquisa, teve início com o projeto “Heróis olímpicos brasileiros” cujo objetivo era conhecer os desencadeadores do imaginário esportivo do país, ou seja, os medalhistas olímpicos de todos os tempos, segundo Rubio (2014a, p. 18), “Buscar, ouvir, registrar e também interpretar as narrativas tornou-se uma tarefa que exigiu a criação de uma dinâmica específica visando cartografar o esporte olímpico brasileiro pela ótica do atleta”.

De acordo com Leal (2012) o termo sobre memórias transita por áreas com a Psicologia, Filosofia e Sociologia. A memória pode representar as lembranças do

¹ O Brasil participou de 21 das 28 edições dos Jogos Olímpicos, com o seguinte cenário: 30 medalhas de ouro, 36 de prata e 63 de bronze. A primeira das 129 medalhas conquistadas foi em Antuérpia em 1920. Participaram até a última edição realizada no Rio de Janeiro, em 2016, 2041 atletas entre as modalidades coletivas e individuais. A cada ciclo olímpico estes números são atualizados, assim como os estudos e novas pesquisas também.

passado, que surgem no pensamento, no momento atual, também é considerada como a capacidade de armazenar informações ou dados relacionados a fatos vividos. É estudado por áreas diversas e podemos classificar como multimodal, multidisciplinar e multidimensional.

O momento narrativo é assim permeado de lembranças, memórias e fragmentos de experiências, que o atleta traz para significar sua trajetória. E numa tentativa de organizar sua história de vida, transbordam momentos que muito comumente não tenham sido relacionados em outros instantes. Por algumas situações o entrevistado narra fatos, percepções e sensações que nunca havia comentado com outra pessoa ou situação. Assim, em contato direto com fragmentos de sua memória, o atleta revive fatos, situações e pode assim trazer novas nuances da sua história, trazendo nas suas memórias um outro significado atual.

Na sua amplitude, o estudo das narrativas biográficas transpõe os marcos históricos, sociais e, segundo Rubio (2016), adentra o campo da subjetividade indicado por elaborações simbólicas que precisam ser conhecidas neste contexto. Assim estas narrativas conduzem a elementos com inúmeros componentes simbólicos e representações metafóricas que podem ser experimentadas a partir da perspectiva da imaginação. Bosi (2003, p. 66) corrobora afirmando que, “Nesta relação temporal, a memória do passado não é um refúgio, mas pode ser uma fonte de consideráveis razões para lutar, deixa assim de ter um caráter de restauração e passa a ser memória geradora de futuro”.

Desta maneira, a metodologia das narrativas biográficas compõe e colabora para compor o cenário dos próprios atores. As nuances e tonalidades dos episódios vividos são trazidos de maneira a percebermos e registrarmos seu significado e importância na sua trajetória. Os atletas constituem, organizam, reconciliam, restabelecem suas trajetórias e suas narrativas. Nesse momento de construção dialógica, ficamos atentos aos vários caminhos que surgem. O que é considerável diante de uma escuta atenta e cuidadosa.

O tipo de entrevista que pressupõe a relação com o método biográfico, concentrando-se no tema, a sua participação nos jogos olímpicos com a pergunta disparadora possibilita a entrada neste universo, e tem como eixo central a narrativa biográfica do entrevistado, sua vivência e sua experiência relacionada ao esporte olímpico.

Para que esta entrevista flua de maneira a corresponder a expectativa é

importante que o entrevistador tenha conhecimento prévio da trajetória olímpica e a relação do atleta com clubes ou equipes. Sua participação deve estimular as lembranças, ou corrigir rotas de maneira a motivar a fala do atleta, respeitando suas pausas, silêncios e reflexões. Desta maneira, há uma interação no sentido de ampliar os horizontes de uma entrevista. O que se espera, não são respostas para perguntas prontas unicamente, mas sim, que o atleta fale dele, de suas experiências, vivências, expectativas, relacionando aos fatos ocorridos. Como uma conversa, neste caso, com interlocutor ouvindo mais que intervindo.

Este procedimento vai determinar a possibilidade de volta ao entrevistado, como se fosse criado um vínculo, em que o entrevistado pode, de alguma maneira, confiar no entrevistador e no objetivo da pesquisa. O reverso também ocorre, onde o entrevistado sente necessidade de retomar alguns pontos em uma nova entrevista, que segundo ele, podem ser melhor explicados ou lembrados.

As entrevistas foram guardadas em arquivos digitais, sempre com arquivos reservas. Estão catalogadas e registradas em um banco de dados. Após as entrevistas foram realizadas as transcrições, respeitando cada palavra dita, silêncios e expressões, erros de linguagem, ou seja, *ipsis litteris*.

É interessante observar nas narrativas utilizadas nessa pesquisa que a referência ao professor se deu de maneira espontânea, sem qualquer questionamento precedente. A pergunta disparadora da interação com o pesquisador é: Conte-me sua história. As narrativas percorrem um caminho sem roteiro, de livre expressão e comumente não apresentam ordem cronológica ou mesmo ordenação por referência a fatos importantes, seguindo uma linha do tempo que faz sentido ao narrador, no caso o atleta olímpico. Desta maneira, as narrativas e pesquisa são prolíficas no sentido de ampliar questões sobre o universo esportivo no Brasil.

A questão que mais chamou a atenção durante a leitura das narrativas é a constância com que aqueles jovens foram introduzidos no mundo esportivo. Durante as entrevistas, contando suas histórias e trajetividades, estes atletas descrevem como o esporte começou a fazer parte de suas vidas, e como por vários anos seria, e para alguns ainda o é, o tema central de suas existências. Muitos iniciaram no esporte nas quadras escolares ou como tratamento de saúde, para amenizar os efeitos e fortalecer o corpo frente a batalha contra alguma doença, ou para acalmar sua vasta energia. Outros foram levados ao esporte por seus familiares, como “herança” de prática familiar. Há também aqueles que foram seduzidos pelas imagens de TV ou pelos feitos

memoráveis de outros atletas antecessores.

No contato com as narrativas, como pesquisadora, foram os relatos espontâneos sobre a figura do professor de Educação Física. A memorável passagem pela escola, pela mudança, às vezes, do seu comportamento muito tímido e reservado, pela descoberta de uma nova modalidade e a importância do olhar atento do seu professor, que foi o responsável por lhe apresentar essas novas possibilidades.

Algumas modalidades possuem mais relatos que outras, muito provavelmente isso aconteça devido à prática cultural esportiva presente nas escolas. Como também está relacionado diretamente à formação do professor. Alguns foram atletas ou possuem forte afinidade com determinada modalidade, por vezes se tornando quase um especialista na escola de tal modalidade.

Neste levantamento realizado a partir do acervo (QUADRO 1) foi encontrada a relação de atletas divididos por modalidades, que mencionam esta condição, de relatar sobre a escola ou especificamente sobre o professor.

Escola		Professor	
Modalidade	Atletas	Modalidade	Atletas
Atletismo	20	Atletismo	46
Basquete	6	Basquete	22
Canoagem	1	Boxe	3
Futebol	5	Esgrima	5
Ginástica Rítmica	1	Futebol	5
Handebol	8	Ginástica	7
Judô	1	Ginástica Rítmica	3
Pólo	1	Handebol	14
Vôlei	14	Hipismo	1
Vôlei de Praia	1	Judô	21
TOTAL	58	Luta	1
		Nado	2
		Natação	10
		Pólo	3
		Remo	1
		Saltos	1
		Tênis	3
		Tênis de Mesa	1
		Vôlei	22
		Vôlei de Praia	2
		TOTAL	173

Quadro 1 – Atletas que se referem às palavras professor ou escola em suas narrativas.

Deste universo de atletas olímpicos que em suas narrativas citam, comentam e

expõem suas experiências de iniciação esportiva relacionadas à escola e principalmente ao professor, selecionei três deles, de modalidades diferentes (QUADRO 2).

A modalidade atletismo aparece comumente na prática da escola, e por ter sido a modalidade que mais se referiu ao professor e o início da prática na escola, assim como o voleibol, ficando em situação de empate com o basquetebol. Por esta razão foram escolhidas estas duas modalidades.

O atleta do Atletismo, diferente de outros, teve um professor que depois se tornou seu treinador e o acompanhou durante muitos anos, mesmo depois da conquista de medalhas olímpicas. Os dois atletas do Voleibol foram alunos do mesmo professor, assim como outros cinco olímpicos do vôlei, o que chamou a atenção.

Modalidade	Atleta	Nascimento	Participação Olímpica	Data da entrevista	Entrevistador/ Pesquisador
Atletismo	JOAQUIM CRUZ	12/mar 1963	Los Angeles - Ouro nos 800m	28/set 2002	Katia Rubio
			Seul		
Voleibol	PAULO ANDRÉ JUKOSKI DA SILVA (Paulão)	24/dez 1963	Atlanta - Prata nos 800m	04/jan 2013	Katia Rubio
			Seul		
			Barcelona - Prata		
Voleibol	RENAN DAL ZOTTO	19/jul 1960	Atlanta	02/jan 2013	Katia Rubio
			Moscou		
			Los Angeles - Prata		
			Seul		

Quadro 2 - Atletas selecionados

Após a fase de escolha das entrevistas que notadamente relacionam os professores à descoberta e ao encaminhamento para o esporte de rendimento, foi realizada a transcrição da entrevista no formato literário, considerando os momentos que ecoam com a investigação para assim apresentar ao leitor a história do atleta narrada no momento da entrevista (MEIHY e RIBEIRO, 2011; AMATO, 2017). Todos os aspectos que compõem as entrevistas foram preservados, como silêncios, contextualizações dos eventos, sentimentos, características percebidas através das

palavras utilizadas.

Neste processo foram considerados os eventos, conquistas e outras informações que foram citadas nas narrativas. Não foi utilizado nenhuma informação documental para completar as histórias.

4. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

“O Esporte é demasiadamente humano e inadvertidamente complexo para se submeter aos limites das definições acadêmicas e corporativas. “
Walter Roberto Correia

4.1 O Esporte e Educação Física

A presença do esporte na sociedade é secular. Fenômeno antropológico (BENTO, 2004) e uma das mais potentes manifestações culturais do mundo (RUBIO, 2011) o esporte concentra em seu universo de significados a possibilidade da prática competitiva institucionalizada e regulamentada por regras internacionalmente estabelecidas (BARBANTI, 2006). Para Elias e Dunning (1992) o esporte se distingue enquanto espaço de criação de tensões, mediante representações de perigo e medo, vitória e derrota, substanciadas pela alternância de sensações de alegria e tristeza, euforia e angústia, orgulho e identificação.

Ainda quanto a sua dimensão antropológica, o esporte se caracteriza, conforme postulou DaMatta (1982), como veículo para uma série de dramatizações da vida social, modo privilegiado através do qual a sociedade se expressa, conta sua própria história e se permite observar. Esporte e sociedade, no entanto, não se confundem. O primeiro exerce função específica dentro da última, tal como a religião, a arte, o trabalho ou a política, compreendendo assim, de acordo com Rubio (2001) um espaço da manifestação da vontade heroica e de potência humana, uma vez que convoca os seus praticantes à realização de grandes feitos, seja em nome da instituição, cidade ou país representado, ou da garantia de subsistência. Para autora, o fenômeno esportivo é, a despeito de sua forma-espetáculo contemporânea, uma das, senão a mais perene, herança imaterial de ligação da sociedade hodierna com sua ontologia lúdica, mítica e ritualística.

Rubio (2001), destaca o imaginário não só como um elemento central à singularidade do esporte, mas como força que mobiliza os indivíduos à busca de experiências que transcendem a objetividade e pragmatismo da atividade atlética. Paralelamente às razões e valores extrínsecos que advém da sua prática, o esporte é terreno de emergência de relações e identificações intergeracionais e do desenvolvimento de expectativas de realização e autorrealização que orientam padrões de comportamento determinantes à formação da identidade daqueles que optam pela sua prática regular. Esta seria, conforme considera a autora, “[...] razão

porque em torno de uma modalidade específica, e do esporte como um todo, desenvolve-se um conjunto de práticas coletivas e comportamentos individuais chamados pelo senso comum de cultura esportiva” (p. 213).

Em sequência, teremos os elementos extrínsecos, que compondo o fenômeno esportivo o torna especialmente atrativo, para não dizer apaixonante. Sua cultura plena de evoluções motoras e reforços positivos, cria ambiente fértil a manifestação de comportamentos comparativos, de auto superação e superação do outro, seguido da possibilidade de validação e reconhecimento público ao desempenho individual ou coletivamente apresentado. A imagem de sucesso com que os meios de comunicação por regra apresentam os atletas mais destacados, é mensagem que cala fundo nos afetos e perspectivas de futuro dos jovens praticantes, sobretudo jovens periféricos, que se aventuram no competitivo mundo do esporte visando alcançar o mesmo patamar que seus ídolos, escapando assim da pobreza.

Há mais de dois mil anos os gregos inventaram as práticas atléticas, de acordo com Bento (2004), com finalidades de divinização do homem e de humanização da vida, trazendo à luz princípios e valores em nome de uma política e ideologia de harmonia entre corpo e alma. Na atualidade, conforme observa Rubio (2001, p. 123), esse imaginário se reconfigura, de forma que a coroa de louros, outrora símbolo de um dos mais altos valores helênicos, foi substituída por medalhas de metais nobres, “[...] as honras e isenções que os atletas campeões recebiam de suas cidades, transformada em contratos publicitários milionários”, e enquanto que a condição heroica e exemplar passou a dividir espaço com o prestígio efêmero do espetáculo publicitário.

A organização e sistematização do esporte moderno – porque não dizer sua filosofia e pedagogização – originalmente se orienta pela possibilidade de desenvolvimento civilizatório das gentes. Nos idos do século XIX, época de intenso conflito geopolítico, uma das razões de ser do esporte no mundo, segundo Pierre Coubertin (2015, p. 192) consistia em proporcionar não só o aprimoramento físico, moral e ‘espiritual’ dos envolvidos, mas em mitigar a barbárie que se avizinhava. Seu foco principal era a juventude, segundo o utopista, os herdeiros do “helenismo moderno”. Buscando resultados semelhantes, as práticas ginásticas tanto na Suécia como na Alemanha apresentam um caráter educador e de formação daquilo que se entendia ser uma identidade nacional. De acordo com Campos (1976), na Alemanha, Friedrich Jahn (1778-1852), depois da derrota para Napoleão, pela primeira vez, inicia

a juventude do país nos exercícios de cultura física, especialmente na ginástica e no desporto, com o objetivo de elaborar, na prática, o ideal de homem a que Nietzsche se referia como “super-homem”, capaz de não se permitir reduzir ao sujeito de posses, mas superar-se a si mesmo. Na Suécia, Henrik Ling observava a influência que a religião exercia em todas as manifestações da vida, e compreendeu que prática de exercícios físicos, principalmente de caráter gímico, poderiam produzir semelhante influência sobre a sua cultura.

Já a Inglaterra é considerada a pioneira na utilização do esporte como meio de educação. A experiência promovida na *Rugby School*, então dirigida por Thomas Arnold, surge como um marco na relação com esporte com as propostas educacionais. Segundo Futada (2007) com esse projeto pedagógico observa-se significativa mudança nas relações entre os estudantes, com a criação de normas e códigos norteadores de condutas, mostrando valores e comportamentos tidos como significativos para a sociedade daquela época. O Diretor da *Rugby School*, considerava que o esporte possuía um potencial transformador e construtor de caráter, uma vez que seus alunos eram expostos e envolvidos num processo de constante revisão de conceitos e ideais de liderança. Para ele, a prática coletiva auxiliaria o desenvolvimento individual. Os jogos com regras, ajudava a mente e corpo a permanecerem em equilíbrio, proporcionando o dispêndio de energia e diminuição do tempo ocioso.

Destaque-se que nesse momento histórico a Inglaterra estava preocupada em preparar os filhos da aristocracia para o exercício de poder político e influência social. Os então alunos das *Public School*, onde estudavam os filhos das classes mais abastadas, eram preparados para serem líderes em várias esferas da vida inglesa, na indústria, na política, no exército, nas empresas comerciais, pois a nação estava num momento crescente de colonização pelo mundo (RUBIO, 2001).

O modelo educacional inglês oficializado pelo Estado, segundo Betti (1991), somente após 1870 efetivou que sargentos ministrassem instrução em Educação Física nas escolas mantidas pelo Estado, diferenciando o modelo esportivo usado nas *Public School*, ou *Escolas Públicas*, utilizando, assim após 1904, o sistema ginástico sueco. Desta maneira, institucionalizou-se duas formações distintas: a formação de homens chefes de empreendimentos e bons oficiais nas Escolas Públicas; e pela disciplina e as benesses do exercício sistemático, os bons operários e soldados nas escolas do Estado.

Com este modelo de esporte nas Escolas Públicas, há uma expansão do esporte presente na cultura inglesa pelos embaixadores, missionários, comerciantes, colonos e marinheiros. Esta expansão ajudou outros países a adotar o esporte também em seus programas de Educação Física (BETTI, 1991). Observa-se em seguida este modelo britânico, e o conhecimento sobre as competições na Grécia antiga, inspirar a organização dos Jogos Olímpicos da era moderna pelo Barão de Coubertin, em 1894. Surge assim o movimento olímpico internacional e o esporte expande sua multidimensionalidade, sendo e se transformando no maior fenômeno sociocultural da contemporaneidade.

As áreas das atividades físicas - Educação Física e Esporte - por décadas foram impulsionadas por metodologias e perspectivas diferentes e por longo tempo se confrontaram. Segundo Tubino (2004), a Educação Física foi motivada pelo aparecimento de métodos, enquanto isso o esporte moderno (considerado desta maneira a partir da segunda metade do Século XX), desenvolveu-se a partir de diferentes perspectivas do ideário olímpico e do uso político-ideológico.

O esporte e sua relação com a escola é, portanto, antiga. Foi utilizado no princípio como meio disciplinador para rapazes que precisavam se ocupar do tempo livre e despendar energia suficiente para acalmar seus ânimos, e mesmo como uma possibilidade de sensibilizar para a expectativa de liderança, para assim desempenharem funções e papéis na sociedade da época (TUBINO, 2004).

Até meados da primeira metade do século XX, o potencial e benefícios imateriais do esporte estavam submetidos a um recorte de classe. A prática não institucionalizada era pouco incentivada, para não dizer que era vista com maus olhos por parte da burguesia brasileira entre os anos 10 e 20, muito embora o apreço popular às manifestações atléticas, sobretudo o futebol, só fazia crescer. Santos (2000) explica que independentemente do campo ideológico, as críticas ao esporte no Brasil à época eram não só consideravelmente numerosas, como tinham o propósito de atenuar o entusiasmo popular em relação ao fenômeno. Oposição derrotada aos pés do agigantamento e crescente participação das camadas populares num fenômeno que não atraía adeptos apenas à prática esportiva, mas à apreciação do espetáculo proporcionado pelos seus protagonistas. Para o autor, a ascensão de Getúlio Vargas ao poder em 1930 representaria uma virada em benefício do esporte, que desde então passaria a ser concebido como política a ser popularizada, ainda que regulada a partir das concepções que o Estado brasileiro tinha do fenômeno à época. No entanto, é

nesse período que o esporte, paulatinamente, começa a ser regulamentado, a ponto de o futebol - não sem oposição - chegar a ser reconhecido como atividade profissional. Eram tempos de intenso debate sobre a presença e papel que o esporte deveria ter num Brasil nacional-desenvolvimentista.

Desse período, é possível ainda ressaltar as inúmeras controvérsias que a presença e usos do esporte gerava entre os entusiastas e os mais pessimistas, tal como o papel por vezes determinista assumido pelo Estado em relação aos destinos da pasta, restringindo às mulheres o direito à exploração de todo acervo esportivo disponível, ou a marginalização de modalidades como o Boxe e a Capoeira; manifestações diretamente relacionadas à comunidade afro-brasileira (CASTELLANI FILHO, 2004). Entretanto, é também verdadeiro e, no que toca a pesquisa ressaltar, que a primeira metade do século passado se encontra entre os mais férteis períodos da construção do capital político e prestígio social pelo esporte. Processo que contou com a contribuição de personagens como Rui Barbosa, Fernando de Azevedo, dentre outros, responsáveis pelas primeiras elaborações conceituais e formação técnica de muitos dos profissionais do Esporte e da Educação Física, cuja influência será especialmente lembrada pelos mais destacados atletas do país.

Para Belbenoit (1976), a identificação dos termos esporte e Educação Física é um tanto superficial, mas sabe-se, contudo, que a intenção do esporte não é necessariamente educar. Considera que:

[...] o desporto não é educativo sobre todos os planos, a menos que um educador faça dele, ao mesmo tempo, um objeto e um meio de educação, que eu chamarei uma ética de saúde “global” [...] o desporto pode, decerto, fornecer uma experiência privilegiada, corporal e poderosamente vivida, em que a ética de saúde passam a ser parte estruturante de sua aplicação, mas é necessário para isso contrariar sua tendência natural para se tornar um fim em si (p. 55).

Mais que introduzir o esporte na escola, é necessário, ainda conforme argumenta o autor, “ensinar o desporto na escola, o desporto em todas as suas dimensões, incluindo a mais rica e a mais perigosa, a competição” (p.115).

Segundo Betti (1991) alguns educadores projetam um esporte sem competição, devido aos excessos provados por ele como doping, corrupção, agressões. Considera assim que há aí uma contradição posta, pois, o esporte exige luta, performance,

afirmação de si, sendo conduzido para comparação ou defrontação, ou seja, “lutar contra é lutar com”.

Considerando todas as esferas que podem ser problematizadas pela prática do esporte, é possível observar a metaforização dessa prática desde sua face mais virtuosa, como por exemplo proporcionar a possibilidade de diferentes segmentos vestirem a mesma camisa, o líder e a equipe; fazer o esportista que procura o esporte sentir-se bem, ultrapassar seus limites, superar os obstáculos; provocando o desenvolvimento da personalidade do praticante que preenche suas horas de lazer e divertimento com a prática atlética. É na escola que tais práticas podem ser iniciadas. Sob uma perspectiva educativa, o esporte é visto como uma maneira de promover virtudes educativas e autonomia que perdurarão durante toda a vida do educando, corroborando tanto para que siga praticando e ou participando, se possível reflexiva e criticamente, de manifestações esportivas diversas.

Parlebas, citado por Belbenoit (1976 p. 114), resume o caráter dialético do esporte:

O desporto não possui nenhuma virtude mágica. Ele não é em si mesmo nem socializante nem anti-socializante. É conforme: ele é aquilo que se fizer dele. A prática do judô ou do Râguebi pode formar tanto patifes como homens perfeitos preocupados com o fair-play.

Para Sarmento, Bastos e Luguetti (2012 p. 303):

[...] o desporto é uma pedagogia do esforço, da ação e vontade, tão necessária para reabilitar a escola e ajudar esta a cumprir a sua missão central, para que nela se faça o que se quer, mas se queira e deseje aquilo que se faz.

O esporte compreende um espaço da manifestação de potências. A aderência à prática esportiva, bem como à continuidade do praticante em categorias de alto rendimento está diretamente associada à percepção de evolução da competência técnica pelos praticantes, independentemente dos contextos socioculturais nos quais estão inseridos, conforme demonstram Bernardes, Yamaji e Guedes (2015). Os autores observam ainda que este determinante se encontra estreitamente relacionado ao fato de os praticantes estarem envolvidos numa agenda esportiva de

caráter competitivo, seja no âmbito escolar ou de clubes esportivos, onde encontram e constroem noções de competência a partir da relação que estabelecem com professores, treinadores e gestores das instituições das quais participam. O que não quer dizer que entre as idades mais jovens, motivos como diversão e sociabilidade não participem do conjunto de fatores que mobilizam os praticantes a permanecer no esporte na idade adulta.

Segundo os autores, a questão é que, para além do simples envolvimento e prazer, a prática esportiva, especificamente destinada ao alto rendimento, também opera no âmbito da identificação profissional e dos reforços advindos do tipo de compromisso assumido no contexto esportivo, dentre os quais cabe não menos alegria, além de sentimentos de pertencimento e realização pessoal. Diversão e competência estão intrinsecamente associadas a tais qualidades, uma vez que o campo da aquisição de habilidades, teste e comparação de performances também se estrutura mediante o estabelecimento de comunicação, afetos, confiança, cooperação e, não raro, amizades entre membros da equipe, familiares, professores e treinadores (BERNARDES, YAMAJI e GUEDES, 2015).

Corroborando com esta questão, Santos et al., (2016) analisam a importância das relações sociais que se constituem no contexto do esporte, chamando atenção especificamente para o papel do treinador. Tal como os familiares, amigos, a televisão e, mais recentemente, as redes sociais, treinadores participam, não raro decisivamente, do processo educativo e de formação da personalidade dos atletas. Embora seja destacada com relativa recorrência pelos atletas, esta relação ainda permanece pouco esquadrihado cientificamente e filosoficamente. Sabe-se a princípio que o terreno da atuação do professor e ou treinador de jovens praticantes insere-se na mesma dimensão do imaginário esportivo e filohelênico abordado por Coubertin (2015) em suas reflexões sobre o papel do esporte e de seus educadores. A partir de uma perspectiva utópica, o pensador do Olimpismo Moderno compreendia o professor como:

Um vigilante sob cujo olhar é colocada a criança para que com suas palavras, seu exemplo e seus ensinamentos ajude ao desenvolvimento do que nela há de bom e de honrado. Para conseguir seu objetivo, o professor não se sente autorizado a usar meios violentos: somente recorre à razão e aos sentimentos; não quebra

nada, e contraria o menos que pode. Mas, posto que este é um trabalho que requer uma grande delicadeza, em vez de uma ousadia inusitada, cerca-se de tudo o que puder fazer no mesmo sentido que sua discreta direção; faz de sua escola um compêndio do mundo exterior, a qual transporta o ar que ali se respira, as vantagens e os prazeres permitidos que nele se desfrutam, os empecilhos que cabe encontrar e inclusive alguns dos obstáculos que terá que superar. Sua arte consiste em fazer que tudo isso resulte adequado às forças físicas, intelectuais e morais do menino (p. 103).

O esporte é facilmente identificado nos espaços escolares, adentrando seus portões e sendo praticado não somente nas quadras ou durante as aulas; consolida-se como conteúdo da Educação Física ponderando esta conjuntura em que o esporte se faz presente nos dias hoje. A sua multidimensionalidade, sua pregnância cultural, o seu processo de mercantilização e considerando inclusive sua profissionalização, facilmente abrem espaço para este fenômeno na educação. Eis algumas das razões da sua presença no espaço escolar.

Faz-se necessário, contudo, o progressivo entendimento deste fenômeno multidimensional, que ao se constituir nos dias atuais em escala global, transcendendo os limites da escola para fazer parte da paisagem e agenda cotidiana. Promover a reflexão e a compreensão deste fenômeno tem sido, portanto, tarefa pedagógica essencial e urgente, da qual a escola - não sem dificuldades - por meio dos seus professores de Educação Física, não tem se furtado a desempenhar.

Em pesquisa com um grupo de cem educandos, Ribeiro, Da Silva e Kogut (2015) verificaram a percepção do grupo sobre a importância das aulas de Educação Física, bem como a forma como seu professor contribuem para a formação cidadã. Embora o estudo restringiu-se à realidade de uma única unidade escolar, os autores verificaram que entre a maioria dos educandos há um reconhecimento positivo, tanto da disciplina quanto do docente no que se refere o entendimento que o grupo tinha do termo “formação cidadã”.

No caso em questão, constatou-se que a grande maioria dos entrevistados se aproximou da compreensão de que as atividades propostas pelo docente contribuem com a formação cidadã, uma vez que proporcionam situações que exigem habilidades tais como trabalho em grupo, cooperatividade, comunicação e respeito mútuo. As impressões do grupo, especificamente acerca do papel do professor de Educação

Física, também foram positivas e elencaram qualidades tais como a capacidade de o docente de estimular os educandos à realização das tarefas em equipe, a respeitar as limitações do grupo e de incentivá-los ao conhecimento e participação de atividades físicas. Embora mínimas, as contradições apresentadas pelo grupo reforçam a necessidade da adoção de métodos que permitam compreender de maneira mais ampla o papel e influência que o professor de Educação Física exerce sobre os educandos.

Martins Junior (2000) considerou que dentre os fatores determinantes da participação motivada dos educandos na Educação Física escolar, bem como para a compreensão da importância da cultura corporal de movimento em suas vidas, o professor é, sem dúvida, um dos, senão o fator mais importante. Muito embora até hoje não se identifique ao certo o que distingue o técnico desportivo e o professor de Educação Física Escolar em termos do papel educacional que compete a ambos, faz-se notória, e em determinadas ocasiões, pertinente, a intrínseca participação desses atores na formação não só psicomotora, mas vocacional, cidadã e desportiva dos educandos. Essas e outras premissas, conforme identifica o autor, por algum tempo pautou as preocupações a configuração dos currículos de formação docente nas Escolas e Faculdades de Educação Física, no entanto, o estabelecimento de um acervo teórico e procedimental capaz de compreender a formação psicomotora, cidadã e vocacional dos educandos sempre - e até hoje - evoca críticas e discussões. Se no interior dessa discussão há algum consenso, encontra-se no princípio de que dentre as funções do professor de Educação Física destacam-se o incentivo, a orientação e o controle de atividades tanto formativas como informativas, visando à formação integrada do educando. Nesse processo, a função de técnico e especializado instrutor acaba por ser desempenhada pelo docente, seja devido ao caráter de sua formação ou ao caráter e demandas da instituição na qual trabalha.

No nível global do macro sistema em que os currículos têm se constituído, a expectativa (sempre frustrada) é da construção de uma identidade adequada, tal qual sugerem Nunes e Rubio (2008) ao denunciar a influência da seleção (hegemônica) dos conteúdos do currículo, estabelecidas pelas políticas educacionais, para que o sujeito assuma determinadas posições temporárias, as identidades adequadas. Segundo os autores, o professor de Educação Física é sujeito de múltiplas identidades, consequência da indefinição da função social da Educação Física na escola e do seu papel no contexto escolar. Em consonância com as inferências deste

trabalho, no que diz respeito às possibilidades de apropriação das novas tendências, os autores advertem:

Sem conhecer os pressupostos que embasam as novas tendências, e sequer ter tempo para as experimentar e adaptar a sua realidade prática, o professor vê-se, constantemente, diante da negação de seu trabalho, da própria função da escola e da Educação Física. O resultado tem sido o trabalho docente cada vez mais inseguro. Diante das novas abordagens, da formação superior, dos cursos de extensão e pós-graduação, da formação contínua, dos diversos campos de atuação e das heranças conceituais vividas em períodos anteriores, parece que a atuação do professor encontra-se em níveis distantes de ser resolvida (NUNES; e RUBIO, 2008, p.68).

O cerne da hipótese, oferecida por esses autores, reside na crença de que o currículo e seus enunciados são produto e produtores de discurso, cujas verdades são validadas na prática pedagógica, sem que os professores se detenham sobre a sua construção e as relações de poder ali contidas. O resultado que se observa é uma prática de reprodução descontextualizada e desprovida de seus significados culturais.

Mesmo que consideremos o papel decisivo do ecletismo e indistinção dos campos de formação superior docente, não poderíamos deixar de citar que seu papel, como já mencionado anteriormente, compreende em grande medida a dimensão dos afetos e identificações dos educandos não apenas com dada atividade, mas com a figura propriamente dita do professor. Conforme Martins Junior (2000) ainda que não escapem às expectativas institucionais e curriculares da prática pedagógica, essa dimensão da relação professor-aluno se inscreve e poderia ser melhor compreendida no âmbito das subjetividades e escala de valores dos docentes e, principalmente, dos educandos, os alvos principais da ação pedagógica. Sobre esse aspecto, a teoria da avaliação pedagógica é rica em considerações sobre a importância de se dar vez e voz aos educandos no que tange os "resultados" da prática educativa.

4.2 Os Jogos escolares e o esporte na escola

A Educação Física brasileira tem seus primórdios relacionados às propostas de introdução curricular em 1851, quando o então deputado Luiz Pedreira do Couto

Ferraz apresentou as bases de reforma do ensino primário e secundário ao Município da Corte para a Assembleia. Logo após, em 1854, na posição de Ministro do Império, regulamentou a sua obrigatoriedade a ser ministrada no ensino primário como ginástica e no ensino secundário como dança (BETTI, 1991).

Nesta trajetória até os dias atuais esporte e educação física aproximaram-se e distanciaram-se em função de políticas públicas, interesses políticos, determinantes históricos tornando-os parceiros e adversários dentro e fora da escola. Fato é que o esporte, como fenômeno sociocultural visível foi e é utilizado conforme os interesses macro políticos e macrossociais, distanciando-se de um fenômeno social que tem relações diretas com a escola, lugar onde são trabalhados os conceitos básicos da cultura corporal de movimento. Os conceitos de abordagem de ensino e tendências pedagógicas no campo da Educação Física Escolar passaram por transformações ao longo do tempo. Segundo Daólio (2010, p. 2), “o predomínio biológico passou a ser questionado realçando a questão sociocultural na Educação Física”.

A trajetória da Educação Física, a legislação específica, suas relações com a política educacional, oferece a possibilidade de compreensão do cenário atual e a forte presença do Esporte nas escolas também nos dias atuais. Nota-se a discussão em torno das propostas e objetivos da Educação Física, e apesar de serem componentes da área, o esporte e sua competição referenciada pelo Jogos Escolares Brasileiros não apresentam sintonia. Embora, na segunda fase, correspondente ao período de 1985 a 1989, houve tentativa de desvincular a competitividade enaltecendo o espírito de solidariedade; fase em que foram introduzidos a natação e atletismo para pessoa com deficiência, além da capoeira e participação da nação indígena. O que somente em 2009 viria a se tornar as Paralimpíadas Escolares, com coordenação e realização do Comitê Paralímpico Brasileiro.

No cotidiano escolar, as atividades de iniciação esportiva como são apontadas na Prefeitura de São Paulo, ou “turmas de treinamento” como são chamadas as Atividades Complementares Desportivas - ACD, na rede Estadual Paulista, têm como orientação estarem de acordo com a proposta curricular da escola, com um plano de trabalho articulado com o currículo da EF, apresentado e homologado depois de aprovado em algumas instâncias. Na proposta estadual, encontramos a necessidade de apresentação dos seguintes quesitos: modalidade, categoria, sexo, número de aulas semanais e a programação anual de trabalho especificando, além

da justificativa, os objetivos, os conteúdos, as atividades e a avaliação a serem desenvolvidos.

Mesmo estando em consonância com a proposta curricular, vemos na verdade, pouca influência de reflexão acerca das possibilidades educacionais do esporte no cotidiano da escola. A princípio são ações dicotômicas, as aulas curriculares de EF e as turmas de iniciação esportiva. Seria interessante, se houvesse um alinhamento a começar pelo entendimento do tipo de esporte que queremos estimular, ensinar e vivenciar na escola. Mesmo entendendo que a prática esportiva é composta por regras, técnicas e táticas, pode ainda assim estar presente de maneira transformadora na escola, usando a tática para refletir sobre como podemos considerar as virtudes de cada membro da equipe de maneira mais elaborada, com o entendimento de todos, por exemplo. A descoberta de talentos, como muitos querem nos fazer acreditar seria então o resultado de um processo, não seu objetivo.

Mais recentemente algumas propostas relacionadas ao ensino-aprendizagem do esporte começaram a ser estudadas pela Pedagogia do Esporte, cujo objeto é essencialmente constituído do jogo e do esporte ao corpo e ao movimento. Considerada uma subárea do conhecimento da Educação Física, segundo Araújo (2008, p. 11), “busca caminhos (alternativas) pedagógicos para o processo de ensino-aprendizagem do esporte a fim de tornar compreensível para os professores e discentes na sua prática e na relação com o mundo, seus significados”. No quadro 3, Araújo (2008) expõe a comparação entre a pedagogia tradicional e a progressista.

TRADICIONAL	PROGRESSISTA
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ensino fragmentado ▪ Valorização de forma exacerbada da competição ▪ Gestos motores, repetitivos. ▪ Noção de tática como esquema ▪ Estratégia como ação confusa de preparação para "guerra". ▪ Fundamentos técnicos ensinados por etapas. ▪ Compreensão do jogo estabelecida de forma unilateral. ▪ O jogo é dividido em elementos isolados. ▪ Ensinar a técnica e a tática fora do contexto de jogo. ▪ Ênfase na técnica sem compreensão. ▪ Especialização esportiva precoce. ▪ Repetir movimentos para automação. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ensinar o Esporte por meio dos jogos. ▪ Complexidade de tática e estratégia. ▪ Ensinar o jogo pela compreensão e cooperação. ▪ O esporte como fenômeno social. ▪ Educação Esportiva. ▪ Aborda o jogo em unidades funcionais. ▪ Inteligência do jogo. ▪ Competição Pedagógica. ▪ Educar para competir. ▪ Festivais esportivos.

Quadro 3 - Comparação das Pedagogias. Fonte: Araújo (2008)

O que se observa é que enquanto a proposta tradicional apresenta padrões técnicos de memorização e movimentos mecanicistas, repetitivos, na perspectiva progressista a abordagem considera elementos da cultura corporal de movimento como parte da compreensão do gesto individual e coletivo. Na primeira pressupõe-se que o aluno não sabe praticar esporte, se este não realizar os movimentos com as prescrições biomecânicas e fisiológicas, na segunda leva-se em consideração o repertório do indivíduo para explorar suas habilidades.

Entre as propostas de modelos pedagógicos para o ensino-aprendizagem esportivo, Bunker e Thorpe propuseram o Teaching Games for Understanding (TGfU), em 1982, como uma alternativa às abordagens tradicionais, conduzidas por técnicas, no ensino e aprendizagem de jogos, segundo (KIRK; MACPHAIL, 2002). A proposta pode ser denominada como o “ensino de esporte por meio de jogos” (Araújo, 2008, P. 43).

Para Araújo (2008, p. 45) o modelo TGfU:

[...] acolheu perfeitamente as idéias construtivistas sobre o papel do aluno no processo de aprendizagem, colocando-o numa posição de autor principal das suas próprias aprendizagens, valorizando os processos cognitivos, de percepção, tomada de decisão e compreensão. Torna-se fundamental, neste modelo, a diretividade do

professor no tocante ao pensamento, à cognição, à compreensão. Assim, após o jogo, uma reflexão do que ocorreu na realidade deste jogo.

Outro modelo que tem ganhado destaque entre alguns professores e tem sido objeto de pesquisa é o *Sport Education*, inicialmente criado para o contexto escolar norte-americano. A ideia é colocar o aluno no centro do processo ensino-aprendizagem, forçando-os a resolver problemas, construir seus próprios conhecimentos estimulando assim o trabalho em grupo. A proposta, de acordo com Siedentop, Hastie e Mars (2011), é vivenciar a modalidade em todos os diferentes papéis, permitindo que aprendizagem e o conhecimento seja ampliado de acordo com suas vivências. Neste modelo, não serão somente “jogadores”. Atuarão como árbitros, técnicos, imprensa, podendo criar um comitê de fair play, que organiza de maneira democrática as regras de conduta, a atuação dos colegas que estão jogando, de acordo com o regulamento. Os diferentes papéis e atuações são importantes para estimular experiências de autonomia e liderança.

No quadro 4, proposto por Siedentop (1994), observa-se como há várias possibilidades de conduzir o ensino aprendizagem do Esporte de acordo com os objetivos apresentados no Modelo *Sport Education*.

OBJETIVOS CENTRAIS	EXPLICAÇÃO	OBJETIVOS ESPECÍFICOS
Formar um aluno competente	<ul style="list-style-type: none"> Habilidades básicas e necessárias para conseguir se apropriar do conhecimento e desfrutar das práticas. 	<ul style="list-style-type: none"> Ensinar as habilidades específicas. Ensinar a modalidade esportiva para além da abordagem tradicional (centrada na técnica e na dimensão procedimental) Adaptar as regras e espaços para que todos possam participar (mais e menos habilidosos).
Formar um aluno letrado	<ul style="list-style-type: none"> Um aluno "alfabetizado", que conheça as regras, rituais e tradições das práticas. 	<ul style="list-style-type: none"> Fazer com que os alunos vivenciem diferentes papéis para além da prática em si, atuando como: técnico, manager, árbitro, jornalista etc. Incentivar papéis de liderança e responsabilidade. Promover trabalhos em grupo em busca de um objetivo em comum. Fazer os alunos conhecerem, respeitarem e, até, apreciarem os rituais particulares de cada prática.
Formar um aluno entusiasta	<ul style="list-style-type: none"> Um aluno que possua boas atitudes, que respeite a cultura esportiva e seja engajado na prática. 	<ul style="list-style-type: none"> Fazer com que os alunos vivenciem os papéis de árbitros e juizes, de modo que possam compreender sua importância. Despertar o interesse pela prática.

Quadro 4 – Objetivos gerais e específicos do *Sport Education*. Fonte: Siedentop (1994)

Compartilho que o esporte deve estar presente no cotidiano escolar, como proposta alinhada com as expectativas educacionais e orientações curriculares podendo abordar e transformar definitivamente diversos conceitos, que em outras disciplinas não encontrariam um campo tão fértil, como: os valores humanos; lidar com a vitória e a derrota; o respeito com o adversário; entender o cenário competitivo e o esporte profissional; a prática saudável pela vida toda; a utilização da técnica e táticas; a possibilidade de pertencimento aos locais pouco usados na cidade; o fortalecimento do protagonismo; o despertar para o surgimento de líderes e principalmente a ampliação multicultural possível na prática esportiva.

A formação dos atletas na escola, segundo Zimmermann (2016), não deve ser vista apenas pela ordem técnica, que aprimora o gesto técnico e tático, mas aquela que propõe a formação educacional, no seu sentido amplo, que proporcione a formação da cultura esportiva. A formação que preza os valores humanos, que sensibiliza para projetos de vida e possibilidades de transformação e que considera a consciência, a multidimensionalidade e a integridade de cada um de nós.

Em um histórico dos Jogos Escolares no Brasil, Arantes, Martins, Sarmento (2012) mostram como se deu a organização desse evento, as diferentes instâncias responsáveis por eles e apontam que a continuidade, ou mesmo alguma transformação nos seus objetivos, foi rara. A tônica foi e continua a ser a descoberta de talentos.

No final da década de 1960, o MEC criou a competição de abrangência nacional que tem como objetivo estimular a integração nacional e descobrir talentos esportivos. Os autores dividem estes períodos em quatro fases, identificando sua natureza de acordo com análise documental referente ao período de 1969 a 2010. As quatro fases apresentam no seu escopo a formação integral do aluno e o claro desenvolvimento do esporte na escola. Exceto na segunda fase, as demais demonstram nitidamente disposição para a descoberta de talentos esportivos.

A fase intitulada “O início” compreende o período de (1969-1984), a segunda fase corresponde de 1985 a 1989, denominada de “Esporte Educacional”, pois de acordo com SEED/MEC, responsável pela área do Esporte e Educação Física no país na época, o esporte escolar deveria se “desvincular definitivamente das competições, que superestimando o confronto entre estudantes e subvertendo o espírito de solidariedade, buscam exclusivamente o rendimento” (BRASIL, 1987, p. 159).

A terceira fase, de 1990 a 2004 é chamada de “Procurando Identidade”, momento em que os jogos passaram pela responsabilidade de diferentes organismos no comando do esporte: Secretaria de Desporto da Presidência da República, pelo Ministério da Educação, pela sua Secretaria de Desporto, Instituto Nacional de Desenvolvimento pelo Esporte, Ministério do Esporte e Turismo e de acordo com seu regulamento ficou descrito em seus objetivos a preocupação comum na descoberta dos talentos esportivos.

A quarta fase de 2005 a 2010 é apontada como “Encontrando o rumo”, sendo o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) o responsável pela organização, com o apoio do Ministério do Esporte na sua realização. “Os objetivos constituem-se na descoberta dos talentos esportivos; mobilização da juventude escolar e desenvolvimento integral do aluno; e no estímulo e oportunidade de acesso ao esporte na escola” (ARANTES; MARTINS; SARMENTO, 2012, p. 920).

4.3 Enquanto isso na cidade de São Paulo

Uma das maiores redes municipais de ensino do país, com cerca de 547 Escolas Municipais de Ensino Fundamental - EMEF e 46 Centros Educacionais Unificados - CEU, a Secretaria Municipal de Educação promove desde 2007 o Projeto Olimpíadas Estudantis da Rede Municipal de Ensino e desde 2010 o InterCEUs (competição entre os CEUs). Devido a sua importância foi promulgada em Lei 15.993/14 e regulamentada pelo Decreto 56.962, a partir do ano de 2014. Em janeiro do ano de 2018, também foi sancionada a Lei 16.807/18 que institui e regulamenta o InterCEUS.

O Projeto Olimpíadas Estudantis da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, teve início em 2007 e vem incentivado o desenvolvimento da iniciação esportiva na escola e CEUs, estabelecendo uma ponte significativa entre Esporte e Educação. Segundo Zimmermann (2014), tem como proposta norteadora unificar e estimular a iniciação esportiva nas escolas municipais. Desde o princípio teve como objetivo aproximar a prática e a iniciação esportiva com aspectos implícitos nos esportes, principalmente os valores humanos.

Na sua primeira edição, contou com aproximadamente 29.807 participações (QUADRO 5), colaborando com o desenvolvimento do esporte, sobretudo no ambiente escolar.

ANOS	OLIMPIADAS	INTERCEUS	PARALIMPIADAS	TOTAL ALUNOS
2007	29.807	-	-	29.807
2008	64.501	-	-	64.501
2009	63.464	-	-	63.464
2010	78.411	5.853	117	84.381
2011	106.302	6.589	330	113.221
2012	86.270	16.865	263	103.398
2013	89.238	14.027	591	103.856
2014	139.839	16.565	310	156.714
2015	91.318	8.707	0	100.025
2016	90.312	10.748	620	101.680
2017	89.118	10.564	189	90.927
2018	91.635	8.916	354	100.905

Quadro 5 - Número de Participações de alunos em todas as modalidades de 2007-2018²

² O ano de 2014 foi organizada em formato de festival de algumas modalidades, saindo do modelo original, e retornando ao formato competição no ano seguinte. Fonte: Relatórios Anuais – FEDEESP-SME.

O projeto além de promover a prática esportiva fora do turno escolar, tem como objetivo ressignificar o esporte que é praticado na escola. Vários cursos de formação para professores e coordenadores são oferecidos a fim de ampliar a discussão e reflexão do fenômeno esporte e suas potencialidades educacionais. As próprias regras passam por adequações para garantir de alguma maneira a participação dos menos habilidosos, dos habilidosos e das equipes femininas em 14 modalidades divididas entre individuais e coletivas, desde as mais comumente praticadas como voleibol, handebol, futsal e basquetebol, natação, atletismo, assim como o rúgbi, ginástica artística e rítmica, atletismo paralímpico, tênis de campo e de mesa, karatê, judô.

Outro diferencial do projeto é o regulamento. Atentos aos movimentos que ocorrem na escola e na sociedade todos os anos são discutidas as questões mais sensíveis que se manifestam nas competições. Por exemplo, nele ficou estabelecido que cada Unidade Escolar ou CEU tem na pré-condição de participação, a inscrição de uma equipe coletiva feminina, caso contrário, não será permitida a participação da unidade, mesmo com diferentes times masculino. Esta regra foi incluída após a verificação de uma defasagem de 10.000 participações de meninas em relação aos meninos.

Como acontece em todo campeonato escolar as equipes de futsal são numericamente muito superiores às outras modalidades. Para ajustar e tentar equilibrar essa conta, as Unidades que se inscrevem no futsal, assim como no handebol, outro “campeão de audiência” devem se inscrever também no voleibol ou basquetebol. Espera-se com isso que haja uma ampliação da prática destas duas modalidades, como ocorreu no ano de 2011 quando o número de equipes de voleibol superou as de handebol.

Estas duas situações são chamadas de “equivalências”, no regulamento. Equivalência de equipe feminina e de modalidade.

Ao longo do ano os professores participam de formação de novas modalidades, que poderão entrar para o programa, como badminton, skate, hóquei e floorball. Também são promovidas atualizações técnico-pedagógicas e de arbitragem das modalidades mais praticadas. Além da atualização nas modalidades esportivas,

propriamente dita, são realizados encontros sobre Formação Esportiva, Educação Olímpica, onde são discutidas e abordadas questões sobre: valores; empoderamento feminino; o papel do esporte na educação; promoção de equidade na participação dos alunos; e doping.

Entendemos que o professor, pode articular durante os processos pedagógicos os caminhos adequados para atingir os objetivos, deve buscar possibilitar o convívio com situações de sucesso. Segundo Sawitzki (2007) é durante a prática esportiva escolar que o professor tem a responsabilidade social, ética e moral de buscar eliminar todas as formas de desigualdades e segregação social, de exclusão e de insucesso.

Neste sentido, alguns professores têm colaborado para, de alguma maneira, compor e colaborar para a prática esportiva ultrapassar as fronteiras a prática pela prática, seja no entendimento das possibilidades que a vivência esportiva possibilita, seja nos encaminhamentos para centros de treinamento, mas, principalmente nas ações que despertam para um outro olhar frente às dificuldades que o mundo esportivo apresenta cotidianamente. O acompanhamento dessas intervenções tem sido feito de forma sistemática, permitindo a observar a transformação da postura dos alunos, a maneira como enfrentam suas derrotas, e principalmente as vitórias, o respeito à arbitragem, a relação respeitosa entre os componentes das equipes.

A título de ilustração, certa feita, em uma disputa de terceiro e quarto lugar, durante a cerimônia de entrega de medalhas, um dos alunos da equipe vencedora seguiu em direção ao professor da equipe derrotada, sacou a medalha da conquista de terceiro lugar pendurada no pescoço e entregou-a ao professor, dizendo: “sua equipe jogou muito, você merece esta medalha”. Os professores das duas equipes comungam da visão do esporte como prática pedagógica fundamentada em valores. Consequentemente, seus alunos são bons competidores no sentido de agregar significados e expandir entendimentos possíveis ao universo esportivo.

Outra professora, que tem convicção da importância do seu trabalho na escola com a expectativa de participação nos jogos, faz questão de levar muitos alunos às competições em todas as edições. Mais do que ser a melhor em quadra, pista ou área de ginástica sua expectativa é com relação aos desdobramentos dessa experiência na vida futura de seus pupilos. Sua postura a leva a estar constantemente cercada por ex-alunos, que se mantêm próximos auxiliando-a na preparação das equipes atuais. Alguns deles já ingressaram na carreira de professor. Essa “amizade”, “pós-discência oficial”, é compartilhada por outros professores de Educação Física, que de

maneira muito comum, inventaram uma tradição nas escolas. São aqueles alunos, que encontram em seus professores, respostas para suas questões de momento por meio da admiração e da inspiração, transformando o árduo e precário cotidiano presente no sonho de um futuro melhor.

Durante a realização das Olimpíadas Estudantis, alguns instantes de puro significado afetivo, educacional, e principalmente de verdadeiro sentido para a existência do esporte da escola são registradas na memória afetiva dos participantes, compondo assim um importante mosaico multidisciplinar. Isso levou a uma ampliação da discussão acerca dos valores do esporte, a reflexão sobre as contingências pedagógicas do esporte do cenário atual, tanto do Brasil, como no mundo. A proposta de abordar a Educação Olímpica nas formações está baseada na potencialidade de reflexão acerca do esporte na sociedade, considerando todos os aspectos políticos, econômicos, culturais e sociais que fazem do esporte esse fenômeno multidimensional. O termo Educação Olímpica surgiu na década de 70 e teve a pretensão de resgatar a relação do esporte com os pressupostos valores pedagógicos presentes no pensamento inicial do Movimento Olímpico a partir das ideias e ideais do Barão de Freddy, Pierre de Coubertin (RUBIO; LEITE; ZIMMERMANN, 2013)

A vivência nos jogos e competições busca reproduzir a mesma estrutura das grandes competições esportivas tanto em modalidades coletivas como individuais com a presença de arbitragem, staff de organização, transporte das equipes, medalhas, jogos e provas com regras adaptadas para estimular a participação ampliada, não somente dos mais habilidosos e dos que comumente já praticam as modalidades, como também cerimônia de abertura e encerramento.

Para Arantes, Martins e Sarmiento (2012) e Paes e Balbino (2009) o esporte na escola é importante por ser um dos conteúdos da Educação Física, por ser a escola uma agência de promoção e difusão da cultura e até mesmo por uma questão de justiça social uma vez que em outras instituições o acesso ao esporte é restrito a um número reduzido de crianças e jovens que se associam a clubes esportivos, tornando-se clientes de academias ou participam de escolas de esporte. Zimmermann (2014) aponta que o fato de os alunos jogarem representando os alunos da sua escola e nas fases subsequentes da competição representarem a sua região e, possivelmente, sua cidade implica em estimular cada vez mais a inclusão deste aluno ao seu grupo. Muitos professores relatam as mudanças positivas no comportamento dos alunos que participam das competições, dos times e equipes.

As Olimpíadas Estudantis envolvem atualmente cerca de 90.000 participações, entre as escolas, e 46 CEUs na competição paralela, o InterCEUs. O projeto é desenvolvido totalmente por adesão e os inscritos recebem o suporte necessário para participar das competições, como acesso a site com notícias e documentos oficiais, regulamentos, ambiente de inscrição, tabelas, orientações sobre os jogos e provas, assim como os resultados e classificação. São oferecidos transporte, lanche/refeições, dependendo da fase da disputa medalhas e troféus. Há também socorristas, arbitragem em todas as modalidades, coordenadores de região, que colaboram para a logística de transporte, inscrição eletrônica, publicação de tabelas divulgação de resultados. Zimmermann (2014) entende que o objetivo das Olimpíadas Estudantis é proporcionar a todos os participantes as mesmas condições de competição. O fato de o projeto contar com um cenário semelhante ao esporte de rendimento não visa a especialização precoce ou mesmo a descoberta de talentos. O que se espera é oportunizar a vivência da competição, do esporte.

Para se ter uma ideia da proporção e alcance do projeto são utilizados 1.990 ônibus, 30.005 medalhas, são realizados 4.130 jogos nas modalidades coletivas e no atletismo são 14.300 participações, 2.756 equipes nas 12 modalidades³. As modalidades mais praticadas nas escolas aparecem nas três categorias, sub 12, sub 14 e sub 17, no masculino, como no feminino, sendo o basquetebol com 348 equipes, futsal 951 equipes, handebol, 470 e voleibol com 594 equipes.

A presença do esporte escolar não pode estabelecer-se apenas na perspectiva de jogar só pela busca do resultado. Para Kunz (1994) é necessário organização e principalmente ter objetivos educacionais, pois sem eles, os alunos já o fazem fora do espaço escolar. O fato de estarem envolvidos em ações educativas, como um jogo esportivo, poderá contribuir para a sua formação tanto no que repercute as aprendizagens sociais, quanto na melhoria das habilidades motoras como jogadores.

Segundo Rubio, Leite e Zimmermann. (2013) as Olimpíadas Estudantis, foram concebidas para serem não somente a execução dos jogos e competições, mas para motivar alunos e professores a exercerem seu protagonismo no processo, uma participação efetiva e real em competições onde podem exercitar conceitos como o “fair play”, a ética, a excelência, o trabalho em grupo e as responsabilidades advindas do ganhar e do perder. Ao longo dos anos de realização das Olimpíadas Estudantis

³ Referência a realização no ano de 2018, no período de setembro a dezembro.

foi oferecida formação dos professores, cuja finalidade da proposta era ressignificar o esporte da escola. A questão central dessa formação era discutir possibilidades sobre o que efetivamente “esse” esporte estava fazendo na educação. O fato desta formação em iniciação esportiva acontecer nas escolas, no seu primeiro momento, visava diminuir a distância entre a população e a oferta de situações onde a prática esportiva pode acontecer livre e seguramente, proporcionando o desenvolvimento integral do indivíduo, a formação da cultura esportiva e a sua formação para o exercício da cidadania.

Muitas regiões da cidade não possuem quadras públicas esportivas ou mesmo em boa situação. Igualmente acontece com a oferta de professores ou técnicos esportivos que possam orientar, ensinar e estimular a prática frequente nestes locais. Desta maneira, espera-se que a população tenha autonomia e protagonismo para inserir a prática esportiva nos seus dias, reivindicando espaços mais saudáveis, seguros e bem cuidados.

Zimmermann (2014) considera que a escola pode estimular a prática esportiva, pode realizar a iniciação no esporte com qualidade, mas é preciso criar condições para o desenvolvimento esportivo após esta fase. Na escola são estimuladas as vivências esportivas e motiva-se a formação de equipes para disputas em campeonatos. Muito mais que descobrir talentos, tem-se a missão de formar cidadãos, por isso a necessidade de se democratizar o acesso, proporcionando a experimentação do esporte na infância e na adolescência. Os valores olímpicos vêm colaborar sobremaneira com esta missão.

No novo currículo da cidade, publicado em 15 de dezembro de 2017, que tem como base a BNCC, encontram-se aspectos que fortalecem a prática esportiva nas escolas e estas são fortalecidas pela prática esportiva. Essa proposta caminha com as expectativas dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, proposto pela UNESCO de acordo com a agenda 20+30.

No documento Currículo da Cidade - “Matrizes do saber” (2017), encontra-se aspectos relacionados com a formação esportiva, a partir de uma abordagem reflexiva e questionadora. Acredita-se que isso pode colaborar na formação de nossos cidadãos, com um currículo que contempla, além da parte de conteúdo, as habilidades conhecidas como socioemocionais, a saber: o pensamento científico, crítico e a criatividade; a resolução de problemas; a comunicação; o autoconhecimento e o autocuidado; a autonomia e a determinação; a abertura à diversidade; a

responsabilidade e a participação; a empatia e a colaboração e o repertório cultural. Definidas como “saberes”, são nove as competências que serão trabalhadas nas diversas áreas de conhecimento.

É interessante ressaltar que este documento (o Currículo da Cidade) levou em consideração a opinião dos estudantes da rede, além de ativa participação dos professores de todas as áreas. Nesta participação ativa dos alunos 47.2% apontaram que gostam de participar de projetos de práticas esportivas. No quesito “fica mais fácil para aprender quando o professor”, 55.4% indicaram quando o professor abre espaço para discussão. Desta maneira é notório que o espaço e o momento esportivo, quando bem requisitado oportuniza o espaço para discussões e reflexões.

Após 11 anos de execução das Olimpíadas Estudantis, é perceptível pelos relatos de alguns professores e de vários alunos que a possibilidade da vivência do Esporte na Escola trouxe outras perspectivas, ampliando os horizontes. O projeto está inserido no calendário de várias escolas, onde professores e corpo diretivo comungam da proposta educacional que o Esporte apresenta.

Mesmo sendo uma representação do esporte formal, o projeto possibilita a vivência destas competências. O seu diferencial está na maneira, na condução como os professores preparam e encorajam seus alunos para “enfrentar” estes momentos de ansiedade, de amizade, de respeito, de superação.

Ações educativas, segundo Sawitzki (2007), indubitavelmente contribuem para as pessoas viverem e conviverem melhor, podendo provocar alegria de estarmos juntos, sensações gostosas e necessárias ao desenvolvimento do nosso relacionamento social afetivo. Isso, a prática de esportes na escola colabora enormemente, além de possibilitar a ampliação do acerto de aprendizagem motora, nos possibilita a convivência com outras pessoas, estabelecendo novas relações sociais.

5. O PROFESSOR INESQUECÍVEL

“Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador.

A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática”.

Paulo Freire.

As pessoas que tiveram a oportunidade de passar pela escola têm sempre uma boa história para contar sobre um professor que marcou uma época, uma passagem, boas lembranças. No caso de alguns atletas olímpicos brasileiros seus professores são lembrados e, mesmo sem que tenha sido perguntado, os professores são citados ao longo de suas narrativas. Atualmente o professor enfrenta baixos salários, condições precárias de trabalho, estruturas físicas das escolas e quadras minguadas, o que normalmente prejudica sua saúde. Alguns para enfrentar as dificuldades começam a desempenhar suas funções de maneira automática, o brilho nos olhos vai rareando, mas, ainda há esperança no seu coração.

Há quem pense e proponha sua substituição por um livro (daqueles inclusive que já apresentam as respostas dos exercícios resolvidos e das questões já respondidas), por uma estação de rádio, ou mesmo por uns programas de TV. Aham até que isso resolveria o problema do ponto de vista financeiro, o que poderia resultar em redução de quadro funcional resultando numa pequena equipe de instrutores que daria conta de levar “este” conhecimento aos locais mais distantes. Desta feita teríamos monólogos, pois somente o instrutor falaria, ao receptor deste conhecimento. Caberia ouvir as recomendações, não haveria diálogo, troca, construção. Quase como uma jornada heróica, num rápido devaneio surge a figura de Dom Quixote, o homem de la Mancha, que percorre campos e persegue moinhos, luta bravamente com as figuras mais bizarras e tem no brilho dos seus olhos a amada Dulcinéia. A Educação e a escola muitas vezes exigem deste professor uma aventura quixotesca para não sucumbir.

De acordo com a pesquisa realizada por Leite e Tagliaferro (2005), que procurava identificar os possíveis efeitos de uma relação que se estabeleceu entre o professor de português e seus alunos, com os objetos e conhecimento do conteúdo

escolar, verificaram que as características apontadas do professor relacionado como professor inesquecível pelos seus alunos foram: o fato de sempre saber tudo; buscar coisas novas; ser sincero; competente; didático e tradicional; e ser bastante sério.

No caso específico dos professores de Educação Física, as características são ampliadas considerando sua ocupação: por estarem próximos aos seus alunos no transporte para os jogos, às vezes utilizando para isso seu próprio carro, trabalhando horas a mais do que as apontadas na sua jornada diária, estendendo o período dos treinos e jogos. Não raro vão à casa dos alunos com a missão de convencer alguns pais a autorizarem o filho que foi punido com ausência por ter feito alguma traquinagem, levam os uniformes para casa para aprontá-los para jogo seguinte. Essa é muito mais do que uma atividade obrigatória. Muitos professores atentam às peneiras dos clubes, para onde poderão indicar seus pupilos para o rendimento, torcem por eles e mediante a aprovação, vibram e os levam para os jogos com o orgulho da conquista de um troféu.

Bento (2004, p.46) que inicia uma das descrições sobre o professor pedindo desculpas pela presunção, mas que pertencia ao subgrupo dos criadores do Homem, criadores do seu corpo e assim da sua alma, “Não é minha esta afirmação; já vem de Juvenal: ‘Mens sana in corpore sano’ [...]”. A condição do professor de Educação Física, difere dos demais professores da escola, no sentido e devido à sua aproximação com seu principal objeto de trabalho, o corpo do aluno, o movimento produzido e contido neste corpo, a Educação Física, interessa-se pela produção e consciência a partir do corpo, portanto a “construção” do corpo e da alma:

Porque o acto desportivo constrói e revela o homem por dentro e por fora. À unilateralidade de outras expressões da cultura corresponde o desporto com a mobilização e empenhamento da totalidade da pessoa. À configuração dos ossos, músculos e articulações liga-se a arquitectura interior da consciência e da vontade. Cada um joga como é, no corpo e na alma. O controlo dificilmente encontra aqui aplicação, porque nele predomina a desmedida; corre-se e transpira-se mais do que seria necessário. E é mais fácil aos actos do que às palavras romperem os constrangimentos e trazerem à superfície aquilo que mora na escuridão dos sentimentos. Pelo que no desporto ficam à vista tanto as virtuosidades como as inabilidades, os feitos e os

defeitos, as criações e as deformações, o melhor e o pior da condição humana. (Bento,2004, p. 47).

Decerto a afinidade com a expressão corporal produzida por trajetórias e sequências de movimentos para alvejar gols, redes e malabarismos para desviar de adversários, os traga próximo aos que são encantados por proezas técnicas de superação.

O professor de Educação Física, no seu ofício diário, é envolvido por desafios e estes desafios comumente estão a proporcionar um encantamento para a prática da atividade física permanente, para o despertar esportivo, para o estímulo à livre manifestação de sentimentos, por meio das ginásticas e danças. Não esquecendo de jogos e brincadeiras que são atualizadas constantemente. Isto tudo num mundo que cada vez mais tem nos oferecido o conforto e segurança nas nossas pontas dos dedos. Facilidades “viciantes”, necessidades de um mundo do trabalho que também experimenta novas demandas.

Este professor oferece instantes de proximidade, pois sempre é demandado por um assunto interessante, uma final de campeonato de futebol, um lance espetacular de uma modalidade nova, um atleta que realizou um feito considerável, uma decisão de arbitragem que gerou polêmica, uma dieta da moda, uma atriz famosa que lançou um treinamento e obteve um resultado fantástico, para não dizer fantasioso. Assuntos atuais como amor, sexualidade, drogas, questões políticas a partir das aulas de Educação Física são frequentemente abordadas inclusive despertados pela prática esportiva, como questões de gênero, doping, o que pode estimular que seus alunos pensem e de alguma maneira, comecem a se posicionar, a desenvolverem a reflexão e argumentação, para posteriormente sustentar uma opinião.

Assunto não falta. E as orientações que o professor comumente indica e aponta, são elos que os aproxima de seus alunos. Alguns alunos demandam mais atenção, mais dedicação, pois possuem uma expectativa mais aprimorada, possuem urgência na atenção solicitada. Suas dúvidas ou mesmo sua dedicação a superar as condições de treino são mais rápidas e intensas. Pode-se dizer que há um encontro de raridades, o professor preocupado em promover a potencialidade do aluno e este, com sua habilidade de alguma maneira excepcional, busca a oportunidade de se tornar atleta. Segundo Zimmermann e Rubio (2016), o professor proporciona de

diferentes maneiras a escuta de um chamado que brota de dentro do aluno, mas que nem sempre é ouvido em função de muitos ruídos derivados do momento contemporâneo.

De acordo com Leite (2012b) todas as decisões planejadas e desenvolvidas pelos professores produzem fortes impactos afetivos nos alunos, mesmo quando os docentes não estão fisicamente presentes na situação, como ocorre nas relações face a face.

O ser humano desenvolve-se basicamente através de relações subjetivas, impulsionado pelas experiências de aprendizagem. Para Leite e Molina (2002, p.104) o conhecimento é constituído por meio das relações interpessoais, sendo que as trocas recíprocas que se estabelecem durante a vida fornecem as matrizes de significações na formação do indivíduo, “Neste processo de interação os interlocutores participam de forma ativa, constituindo-se também como pessoas e participando do processo de constituição do outro”.

Machado (2003) aponta as conotações das palavras objetividade e subjetividade na construção do conhecimento, com certa curiosidade nos apresenta a relação feita com a primeira palavra nos remete a algo positivo e com a segunda o mesmo não acontece. Menciona que nossas referências quando apontadas em situações de avaliação, classificação o veredicto é: “isto é muito subjetivo”, e que em se tratando da educação com vistas à constituição do sujeito é constantemente utilizada como positiva, como:

[...] um elogio da construção da identidade pessoal, plena de elementos emocionais e afetivos. O subjetivismo está associado à arte, à intuição, à imaginação, a verdades relativas ou dependentes de percepções mais elevadas”, acrescenta ainda que a subjetividade é injusta porque é parcial, representa um ponto de vista pessoal; para o subjetivismo, as coisas mais importantes da vida são nossos sentimentos, a sensibilidade estética, os valores éticos, que são puramente subjetivos (MACHADO, 2005, p. 218).

Mediante este ponto de vista, Machado (2005) fazendo uso da imagem de Polanyi conhecida como iceberg, onde aquilo que conhecemos e conseguimos “explicitar em palavras, articular em teorias, compõe a ponta visível do iceberg; todo o imenso corpo imerso, no entanto, constitui conhecimento legítimo, mesmo sem

nenhuma realização verbal”. Esta imagem nos remete a pensar na escola, no sentido que a aprendizagem, se apresenta muito além dos conteúdos disciplinares.

Para Machado (2005), o processo ensino-aprendizagem está além do contexto objetivo, ocorrem processos subjetivos na relação professor-aluno, “Tacitamente, todo professor ensina muito mais que tenciona, e todo aluno aprende muito mais do que foi tratado nas aulas das diversas disciplinas” (p. 222). Assim, de desenvolvimento humano, de acordo com Leite (2012) pode ser entendido como um processo de apropriação dos elementos e processos culturais, que ocorrem no sentido do externo (relações interpessoais) para o interno (relações intrapessoais), mediado pela ação do outro (pessoas físicas ou agentes culturais). Nesse processo, a aprendizagem desempenha, um papel fundamental na medida em que possibilita o processo de desenvolvimento. Neste sentido a afetividade desempenha um impacto fundamental no processo de mediação pedagógica, “vivido pelo sujeito/aluno e o objeto de conhecimento/conteúdos escolares, tendo na sala de aula o professor como o principal agente mediador, embora não o único” (LEITE, 2012b, p.361).

Wallon (2008) aponta que a afetividade é expressa de três maneiras: por meio da emoção, do sentimento e da paixão. Essas manifestações surgem durante toda a vida do indivíduo, mas assim como o pensamento infantil, apresentam uma evolução, que caminha do sincrético para o diferencial. A emoção segundo o educador, é a primeira expressão da afetividade. Ela tem uma ativação orgânica, ou seja, não é controlada pela razão. Desta maneira o esporte, a dança, o movimento corporal é um campo fértil para promover experiências sensíveis, uma vez que essas manifestações se fazem presentes a todo instante no cotidiano escolar.

Leite e Tagliaferro (2005), entendem que a afetividade, possui uma concepção mais ampla e complexa integrando uma série maior de manifestações, como sentimentos (de origem psicológica), e da emoção (origem psicológica), surge numa fase mais tardia da criança, quando se manifestam os elementos simbólicos.

Levando para o cenário comum aos professores de Educação Física, local e espaço para os jogos, para as brincadeiras e posteriormente, apresenta-se o campo fértil do mundo dos esportes. O que é o jogo esportivo senão um lugar de “adversários” como se estivessem num campo de batalhas?

Teves (2004, p. 44) aponta a importância do corpo na tomada de consciência, um instrumento que escreve as informações do mundo exterior na forma de uma reprodução:

O homem aprende a sentir sentindo o mundo através do seu corpo. Na consciência da realidade estão presentes a razão e a emoção, imbricadas, e não há como dicotomizá-las. O ato perceptivo é uno: pensa-se sentindo, sente-se pensando.

Desta maneira, os professores de Educação Física têm muito a contribuir neste sentido, utilizam de um mecanismo complexo, um corpo que ama, decide, pensa, tem desejos e sonhos inimagináveis, corre, salta, luta, joga, dança e se relacionam com outros corpos, emoções e sentimentos ao mesmo tempo e a todo instante. Assim, de acordo com Leite (2002, p. 33):

A afetividade, está indissociavelmente ligada a inteligência e se manifesta nas ações e condutas dos indivíduos, sendo responsável pelo rumo que as ações tomam em direção aos objetos. A afetividade dá os objetivos e as metas para as ações de conhecimento do mundo, associada aos interesses e escolhas que o sujeito faz.

Se o afeto é uma dinâmica produtora e promotora de aproximação na relação professor-aluno, é o professor um agente fundamental nesse processo. Nele estão depositadas inúmeras expectativas. É necessário, porém, considerá-lo em sua condição humana, logo falível.

5.1 O professor suficientemente bom

Ao citar aprendizagem, afetividade e a importância da mediação do professor, atento aos sinais de seus alunos, logo podemos relacionar sua atuação e relação também ao cuidado. O que alude de certa maneira ao cuidado de mãe, de proteção, que de alguma maneira provê e está preocupado com seu desenvolvimento.

O conceito de professor suficientemente bom é inspirado na definição de “mãe suficientemente boa” de Winnicott, a qual:

[...] efetua uma adaptação ativa às necessidades de bebê, adaptação que diminuiria gradativamente, segundo a crescente capacidade deste em aquilatar o fracasso da adaptação e em tolerar os resultados da frustração, e cujo êxito desses cuidados para com a criança depende da sua devoção e não do jeito ou esclarecimento intelectual (WINNICOTT, 1975, p 25).

A proposta de utilização deste conceito, na definição do professor suficientemente bom, caminha na direção das narrativas de alguns atletas olímpicos, que tiveram sua experiência inicial no mundo esportivo na escola. Esta relação entre professor e aluno é permeada de cuidados, olhares de atenção no sentido de proporcionar um bom desenvolvimento do aluno e caminha para transformá-lo no escritor de sua história. Este professor suficientemente bom é preocupado em proporcionar, condições de aprimoramento, incentivando seu aluno para que realize algo fora da média a fim de ser excelente.

Segundo Zimmermann e Rubio (2016), nesta posição de mestre/professor se sente responsável em proporcionar tais condições para que este pupilo aprimore seu virtuosismo ainda que latente. Seja por ter-lhe mostrado outra nova modalidade, por ter visto a possibilidade de sucesso, sem antes mesmo do aluno ter ideia do novo que se apresentava na hora do desafio aceito, seja por assegurar sua permanência nos treinos, seja por insistir com os pais deste aprendiz a importância da nova prática esse professor foi capaz de alterar o curso de uma trajetória pelo fato de ter tido o cuidado e olhar, observar e pontuar um detalhe que, no futuro, fará toda a diferença na vida de um jovem. Esta adaptação às necessidades supera o papel fundamental na promoção das habilidades motoras que aprimoram suas técnicas na execução de gestos realizados com maestria, é agente de mobilização e contribuição para projetos de vida.

A mãe suficientemente boa proporciona total adaptação às necessidades do bebê e com o passar do tempo, estas adaptações passam a ser menores a fim de proporcionar, de maneira gradativa, a progressiva capacidade de enfrentar o fracasso e de ter autonomia. Esta nova realidade, se tudo correr bem, vai proporcionar ao bebê um certo “lucro” diante da frustração de não ter todas suas necessidades atendidas, tornará real seus objetos. Segundo Winnicott (1975, p. 26), “o ser humano está envolvido, com a problemática da relação do que é objetivamente percebido com o que é subjetivamente concedido, desde seu nascimento”.

Nesta analogia, temos no professor a vivência da afetividade, propondo assim a qualidade desta relação, que estabelece o vínculo com o processo de aprendizagem:

Esta relação que se estabelece entre o sujeito e o objeto do conhecimento é, também, de natureza afetiva, sendo que a qualidade de mediação desenvolvida é um dos principais determinantes dessa

relação que se estabelecerá entre o sujeito e o objeto (LEITE, 2018 p. 21).

Este professor não tem pretensão alguma de substituir o papel da mãe ou do pai. Nas narrativas dos atletas olímpicos o professor não aparece como um substituto, com frases do tipo: ele foi como um pai, uma mãe. O professor se torna um terceiro elemento responsável por este constructo identitário de seu aluno. Toma por vezes a função de levá-lo a exceder os limites de dedicação e comprometimento, sensibiliza para a disciplina, propõe o aprimoramento no autoconhecimento, abre horizontes de reflexões, proporciona ancoragens em outros portos culturais. A partir desta relação de afetividade e confiança se estabelece vínculos que um professor poderá encaminhar para adaptação do aluno ao mundo, de acordo com os desejos e sonhos do seu pupilo.

Este encontro nada mais é que o professor com um olhar de carinho e cuidado para reconhecer algo tão especial em alguém com um desejo que às vezes precisava ser despertado. Para Gusdorf, (2003, p.76):

O encontro consagra um novo questionamento da existência. Até aí cada um havia recebido, mais ou menos docilmente, diversos ensinamentos, mas esses ensinamentos, se tivessem mobilizado a memória em certa inteligência superficial, não teriam podido provocar essa atenção profunda, ou ainda esse ser em expectativa que se afirma no mais essencial de cada vida pessoal. Cada homem, jovem ou menos jovem, está a espera do amor. Igualmente, espera e aguarda a chegada o mestre, capaz de orientar seu destino por uma espécie de graça decisiva.

Segundo Rubio e Zimmermann (2016), a tutela destes professores para com seus alunos, vai além do ensino das habilidades comuns, mas principalmente a partir da convivência, estímulos e coparticipação possível advindas de um ambiente de nome escola. Os trabalhadores da educação, chamados também de professores, fazem o trabalho pedagógico e atuam muito comumente em situações de qualidades escassas, mas que apesar de todas essas dificuldades fazem diferença nestes cenários. De acordo com algumas narrativas de atletas olímpicos brasileiros, a figura do professor passa do mero orientador, técnico ou treinador. Reconhece-se a gratidão

pelo encaminhamento para uma equipe de rendimento, ou mesmo pela inserção na equipe representativa da escola, fato este que muda consideravelmente sua trajetória.

E como descreve Gusdorf, (2003, p. 74), “Daí para frente, e por toda a sua vida, estará ligado ao mestre que, ao impor-lhe essa mudança de direção essa conversão, no sentido próprio do termo, lhe revelou o sentido do seu próprio destino”.

O que se observa é que houve o cuidado, a atenção e certa proteção para aquele aluno, no sentido de preservá-lo e prepará-lo para as durezas do cotidiano. Seja no aprimoramento da sua disciplina aos treinos e demandas de estudos, seja na viabilização financeira, mesmo que tímida, mas que permite a continuidade dos treinos naquele momento. Muitos permanecem na sua jornada tida como heroica e nesta aventura quase quixotesca, que muito se assemelha a jornada diária dos professores que obstinadamente combatem a falta de estrutura, de recursos, de momentos de aprimoramento, de apoio das instituições, de dificuldades ao acesso de cultura e principalmente de condições legitimadas do exercício de sua profissão escolhida e agora, mais recentemente, convive com olhos vigilantes, inquisidores e duvidosos da sua importância no processo de desenvolvimento da sociedade.

Criar um espaço para a criatividade, para a imaginação fértil, para o sonho é o papel deste professor, que muitas vezes sem perceber promove a imaginação, o sonho, a possibilidade de realização. Como afirma Pitta (2005, p. 40), “imaginar é criar o mundo, o universo, que pode ser por meio das artes, da ciência e por meio dos atos, mesmo que pequenos, profundamente significativos, do cotidiano”.

Safra (2005) colabora com essa discussão ao discutir a importância da dimensão afetiva na constituição de relações de aprendizagens. Para o autor:

[...] o acontecer humano demanda a presença do outro; as primeiras organizações psíquicas do bebê, a entrada na temporalidade, a abertura da dimensão espacial e a personalização só se constituem e ganham realização pela presença de alguém significativo (SAFRA, 2005, p. 22).

Desta maneira, voltando ao conceito de “professor suficientemente bom”, ele provê o que for necessário para o bom desenvolvimento de seu aluno e vai considerando a distância da sua relação para que este aluno se constitua, assim como

um bebê consegue distinguir entre fantasia e fato, o simbolismo está utilizado, entre objetos internos e externos, entre criatividade primária e percepção.

O ursinho ou a ponta do cobertor são considerados símbolos de algum objeto parcial, tal como o seio. Para Winnicott (1975 p. 19), “o importante não é tanto o seu valor simbólico, mas sua realidade. O fato de ele não ser o seio (ou a mãe), embora real, é tão importante quanto o fato de representar o seio (ou a mãe).” Como parte do seu desenvolvimento, o objeto passa a ser representativo, chamado de objeto transicional, ou seja, empregando o simbolismo neste objeto, este, por sua vez, auxiliará a criança a se conectar com o mundo externo, a distinguir o que faz parte dela e o que não faz. No início o bebê considerava que o seio da mãe fazia parte dele, do seu próprio corpo. Aos poucos a mãe vai se distanciando, e então o bebê começa a perceber que o seio pertence a ela, mas não faz parte do seu corpo. Assim o objeto transicional pertence à criança e é controlado por ela, sendo ela quem decide quando quer ficar com ele e qual a distância quer manter dele.

Para Safrá (2005, p. 23), “[...] os fenômenos transicionais abrem campo de experiências da criança para a primeira possessão do não eu”. O que classifica como concepção do mundo simbólico e, ainda, “É a função simbolizante que permitirá ao indivíduo seu atravessamento nas diferentes modalidades de estar no mundo: do estado subjetivo à realidade compartilhada (p. 23)”. O professor suficientemente bom, incrementa o desenvolvimento de seus alunos oferecendo situações de processos de criação. Ainda segundo o autor (p. 23), “o campo de nosso saber não se estende nunca além dos confins de nossa própria criação, pois o homem só compreende enquanto cria”. No caso do aluno, ele irá significando suas experiências com linguagem discursiva, assim como ocorre com a criança e sua mãe, também desenvolverá articulação de formas estéticas e simbólicas no campo sensorial de suas vivências, como criação de formas com o uso da cor, da luz, do espaço, do tempo, do tato. Neste processo de desenvolvimento, existem alguns momentos decisivos de transformações vitais que Safrá (1995, p. 8) denomina de momentos mutativos:

São decisivos de tal ordem a poder mudar radicalmente o significado e a direção da própria história de uma vida, propiciando visão interior de tal importância e liberação de aspectos vitais até então soterrados que são surpreendentes e imprevisíveis em suas consequências. Transformações vitais que dizem respeito a mudanças no núcleo

interior do Eu, no que este tem de mais decisivo para um posicionamento assertivo na vida.

Este momento muito se assemelha ao momento do encontro entre o Mestre e o discípulo. Tal ocorrência é possível onde a intuição concede uma atitude de receptividade ao potencial inerente à vida de cada pessoa (SAFRA, 1995). Antes do momento mutativo, propriamente dito, há as passagens por períodos, que no processo analítico, segundo o autor, são movimentos complementares, que levam a dispersar os obstáculos estabelecendo assim condições para que ocorram os momentos mutativos. Assim, propor ao aluno intervenções que propiciem elementos que possam substituir os modos do passado pelas necessidades do presente equivalem aos períodos mutativos. Ainda segundo Safra (1995, p. 113), “Períodos e momentos são ambos mutativos. Contudo, os momentos atuam no Eu do paciente em aspectos essenciais à sua individualidade”.

O interessante é que para haver momentos mutativos são necessários vários períodos mutativos, como se os períodos mutativos fizessem um preparo prévio para o momento mutativo. Assim, poderá acontecer que os períodos mutativos não cheguem a condição de ocasionar um momento mutativo. Ou seja, é possível entender que os alunos precisam não somente de contato com o outro, mas um contato de tal qualidade que o sensibilize para a evolução do nível de simbolização. Essa experiência emocional está estreitamente associada às identificações projetivas e introjetivas, conforme Safra (1995). Neste encontro com o outro, haverá a viabilidade de despontar o contato com a própria verdade e assim a evolução e simbolização da vida psíquica. Reforçando a imprescindibilidade do contato com o outro.

Sobre influenciar e sobre ser influenciado, Winnicott (1977) aponta a grande dificuldade junto às questões humanas que o homem encontrou para identificar a existência dos sentimentos inconscientes, mesmo que há muito tempo as pessoas conhecessem o inconsciente sabiam que a manifestação de uma ideia, a recuperação de uma recordação perdida ou simplesmente invocar para a inspiração, seja ela benigna ou maligna, “Mas há uma grande diferença entre esses relâmpagos intuitivos do reconhecimento de fato e a apreciação intelectual do inconsciente e seu lugar no esquema das coisas” (p. 225).

A expectativa de uma revitalização intelectual por parte dos alunos pode servir de pretexto para esse encontro. Para Gusdorf (2003, p. 69), se trata de outra coisa:

“Toda vida humana tem necessidade de ser chamada à ordem de si própria. O professor dá ao discípulo, mais ou menos felizmente, mais ou menos plenamente, a revelação de sua própria existência”. Neste caminho de aprendizagens há outra denominação além de professor, o mestre. Na verdade, o mestre se diferencia do professor no sentido de promover o encontro do aluno com o seu Eu, colaborando na sua busca. O professor cumpre sua tarefa de ensinar a todos a mesma coisa; o mestre manifesta que cada aluno uma verdade particular, e aguarda que este aluno responda de maneira singular com uma realização. Neste sentido, o professor cumpre sua função, o mestre vai além, traz para os dias algo mais que a manifestação do saber, não é um repetidor da verdade já pronta.

O encontro frente a frente sobre temas impostos pelo calendário escolar é apenas a máscara desse outro encontro mais secreto, de caráter quase iniciático. O mestre está lá: se é verdadeiramente um mestre, à altura de sua mestria, atesta com a presença que é alguém. E, porque esse alguém é alguém, impõe ao discípulo o dever de ser alguém, não à semelhança do mestre, mas segundo a fidelidade a si mesmo (GUSDDOF, 2003 p. 70).

Segundo o autor, é o mestre que incita, desperta o discípulo a superar as suas limitações, como também a atrever-se nos caminhos nada precisos da reflexão pessoal, do crescimento. O mesmo diz Araújo e Araújo (2004), que cabe ao mestre a função de provocar a descoberta na dimensão transcendente, como se bastasse sua presença para estabelecer a ordem no mundo e homem.

Nesta jornada, o mestre suscita, aproxima-se do discípulo a fim de que ele construa seu próprio mundo, seu texto. O mestre encoraja, ensina o discípulo e este suscita o mestre. Ambos vivem solidários, a mesma aventura. O mestre aparece quando o aluno se apresenta (LIMA, 2017).

5.2 A função mítica do professor na formação do atleta olímpico

O papel do mestre é um mitema⁴ presente em diferentes construções narrativas. Na condição de arquétipo⁵ o mestre se encontra em todas as culturas e quando se manifesta apresenta o fascínio que envolve e mobiliza a emergência do discípulo.

Esse momento mágico denominado "chamado" (CAMPBELL, 2007) é o início de uma trajetória mítica que envolve separação-iniciação-retorno e não pertence apenas ao aluno. Se o chamado do aluno envolve o início de uma trajetória que envolve o enfrentamento do desafio de uma carreira altamente competitiva, o chamado do professor, por sua vez implica no enfrentamento diário de um cotidiano que envolve os desafios de novas aulas, novas turmas, novas dificuldades, sem o glamour que a competição esportiva apresenta.

Nesse sentido, a trajetória do professor se aproxima do mito de Quíron, o centauro mestre dos heróis.

Conforme aponta Brandão (1992) todo herói tem sua trajetória associada a um mentor. Na mitologia grega, o mentor dos grandes heróis foi o centauro Quíron, em Kheíron, uma possível abreviatura de *Keirourgós* (Kheirurgós), ou seja, "aquele que trabalha ou age com e pelas mãos", cirurgião.

Filho da ninfa Filira, cuja forma física assemelha-se a um cavalo e de Cronos, o regente da segunda geração divina, Quíron herdou da mãe o corpo de cavalo, e cabeça, tronco e braços iguais aos dos humanos. Ao observar a forma física do filho

⁴ Mitema é definido como a menor unidade de discurso miticamente significativa, um 'átomo' mítico de natureza estrutural ('arquetípico' no sentido junguiano, 'esquemático' no sentido durandiano) e seu conteúdo pode ser indiferentemente um 'motivo', um 'tema', um 'cenário mítico', um 'emblema', 'uma situação dramática'. No mitema o 'verbal domina a substantividade. E mais, desde que o mitema integra um sistema estatístico que define o mito, observa-se – como irredutivelmente a psicanálise o estabeleceu no domínio psicológico – uma dupla utilização possível desse mitema estrutural segundo os recalques, as censuras, os costumes ou ideologias atuantes numa época e num meio dados: um mitema pode se manifestar e semanticamente agir de dois modos diferentes: um modo 'patente' e um modo 'latente'. De modo patente o mitema pode se manifestar pela repetição explícita de seu ou de seus conteúdos (situações, personagens, emblemas, etc.) homólogos; e de modo latente, pela repetição de seu esquema de intencionalidade implícita, pela repetição de um esquema formal mascarado por conteúdos distanciados. Durand, G. De la mitocrítica al mitoanálisis: figuras míticas y aspectos de la obra. Barcelona: Anthropos; México: Universidad Autónoma Metropolitana-Iztapalapa, 1993.

⁵ O conceito de arquétipo deriva da observação sistemática de que os mitos e os contos da literatura universal encerram temas bem definidos que reaparecem sempre por toda a parte. Às imagens e correspondências típicas ele denominou *representações arquetípicas*, mas o arquétipo em si escapa à representação, visto que sendo preexistente e inconsciente faz parte da estrutura psíquica herdada e pode, assim, manifestar-se espontaneamente sempre e por toda parte. Jung, C. G. A natureza da psique. Petrópolis: Vozes, 1991.

ao nascer, Filira desesperou-se, e implorou aos divinos morrer ou tornar-se em algo que não pudesse sofrer. Assim sendo assumiu a forma de uma árvore de Tília, de cujas folhas se preparam chás. Depois de abandonado Quíron foi encontrado por Apolo, que o criou e lhe ensinou todos os seus conhecimentos: a música, a poesia, a ética, a filosofia, as artes divinatórias e proféticas, as terapias curativas e a ciência. Curandeiro, astrólogo e oráculo, Quíron era tido como o último dos centauros, reverenciado como professor e tutor. Entre seus pupilos consta-se Asclépio, Aristeu, Ájax, Enéas, Actéon, Ceneu, Teseu, Aquiles, Jasão, Peleu, Télamon, Héracles, Oileu, Fênix e, em algumas versões do mito, Dioniso (BRANDÃO, 1992).

Quíron é a expressão simbólica do mestre, uma vez que se preocupa com os cuidados do corpo, do psíquico e da espiritualidade. Seu cuidado com os tutelados visava torná-los aptos para completarem seus ritos iniciativos de efebria, ou seja, a competência para se tornar participante da vida da polis (BRANDÃO, 1987).

A educação dos jovens à Grécia Helênica preconizava que o Estado se responsabilizasse e treinasse os jovens na transição para a idade adulta, capacitando-os para exercitar a cidadania, ou para se tornar atletas representantes de suas cidades nos Jogos Públicos, ou preparando-os para assumirem suas funções de regentes para seus povos ou mesmo para o exercício de atividades (MACHADO, 2010).

O mito preconiza uma conduta similar, pois a educação se dava pela presença de tutores especiais, sendo Quíron o mais famoso e competente entre eles. Ser competente também para o exercício de atividades especiais, como as de cura (Asclépio) ou da música (Orfeu), demandava a presença de um mestre.

Um acidente, porém, transforma a vida do centauro. Durante uma visita a Héracles na caverna do centauro Folo, um incidente com centauros selvagens, leva Quíron a ser acidentalmente atingido por uma flecha envenenada. Sendo ele um ser imortal, passou então a sofrer de dor insuportável e sem perspectiva de fim, a menos que ele se tornasse mortal. A nobreza do mestre se demonstrou então quando num ato de sacrifício trocou sua imortalidade pela dor de Prometeu que permanecia acorrentado a uma pedra, depois de desafiar o poder divino de Zeus, presenteando os humanos com a competência para ludibriar os divinos, e compartilhando o conhecimento para produzir o fogo, para criar abrigo, proteções para o corpo, barco para navegar, e por se recusar a revelar segredos sobre um provável futuro de Zeus. Indignado com os descomedimentos do titã, Zeus decide por castigá-lo com o aprisionamento. Preso por correntes inquebrantáveis por 30 mil anos resistia ainda ao

fato de ter seu fígado devorado todos os dias, por uma águia enviada pelo divino, órgão que se regenerava durante a noite, quando do repouso protegido pelo sono (BRANDÃO, 1991). O sofrimento de Quíron termina quando Héracles chega ao Cáucaso, mata a águia que devorava o fígado de Prometeu e negocia com Zeus a possibilidade de Quíron morrer no lugar do titã, libertando-o do agrilhoamento, proposta aceita por Zeus. Após a morte do centauro, Zeus o homenageia, transformando-o na constelação de Sagitário (BRANDÃO, 1992).

O mito de Quíron refere-se não apenas à realização do mestre como também reporta ao curador ferido.

De acordo com Lima (2012) os pedagogos, técnicos e pais, realizam a versão atual do mito de Quíron na função de professor ou técnico, principalmente, exercendo um papel fundamental na vida e na formação do atleta, direcionando-o, facilitando seu trajeto e mostrando atalhos que podem ser seguidos.

Outra interpretação possível do mito é a realização, na condição de professor, de uma carreira que não lhe foi possível como atleta, seja por falta de habilidade, condições físicas ou impedimentos sociais. Abraçar a carreira de professor seria abraçar a condição do curador. Essa posição não significa negar um feito não conquistado, mas elaborar a frustração pelo desejo não realizado.

Embora a ferida da alma não desapareça curar o outro implica maturar, transformar-se em algo diferente de sua natureza primeira. Lima (2012) afirma que as feridas permanecem como cicatrizes, marcas simbólicas e literais da identidade de todos nós e, embora parte da juventude apresente uma certa prepotência em relação à mortalidade, negando a sua existência e expondo-se a riscos desnecessários, essa condição é ainda mais visível no atleta realizador de feitos inimagináveis para o cidadão comum. Cabe ao mestre apontar a existência da mortalidade que move o pupilo, na busca contínua e constante de feitos.

6. OS PROFESSORES POR SEUS ATLETAS

Os pupilos que se transformaram em Olímpicos.

6.1 Juca por Joaquim Cruz

Joaquim Carvalho Cruz, nasceu em Taguatinga (DF), em 12 de março de 1963. Filho caçula de uma família de seis irmãos, três homens e três mulheres. Por ser o mais novo, era considerado o mais protegido. Nunca levou uma palmada, e se aproveitava disso, aprontava e saía ileso.

Os cinco irmãos nasceram no Piauí, somente ele nasceu em Brasília. O pai foi na frente, em busca de oportunidade de trabalho, já que a oferta estava altíssima. A mãe, ficou com os cinco irmãos no Piauí. Sentiu muita falta do marido e logo apareceu em Brasília com todos. O pai comprou uma casa e as condições de vida se tornaram melhores. Logo, houve um desentendimento entre eles, o pai vendeu as coisas que tinha e voltaram para o Piauí. Mas, a vida não andava boa por lá e a mãe pegou a família toda e voltaram para Taguatinga numa viagem de cinco dias no “pau-de-arara”. Foram viver em outra casa de aluguel. Mudaram de endereço várias vezes. Moraram em uma casa onde o piso era “natural”, ou seja, de barro. Era uma área invadida, que depois o Governo deu oportunidade, um pedaço de lote para cada um. Foi neste lugar que cresceu. Gostava de caçar passarinho e tinha verdadeiro fascínio por uma árvore, onde sempre havia um passarinho cantando. Como era muito recomendado para não ir ao local, por conta do “tarado” que rondava a região, segundo orientações da sua mãe, virou verdadeiro desafio chegar perto desta árvore que lhe despertava deslumbramento. E ainda para ajudar, nesta árvore havia um passarinho que insistia em lhe hipnotizar, cantando, como se tivesse o convidando para ir até lá. Mesmo com medo, que o afastava da árvore, ia chegando aos poucos, vencendo seu medo e aos pouquinhos, lembra-se dos 30 segundos que ficou ali, o que mais pareceu uma eternidade. Procurava o passarinho e nada. Voltou à árvore três dias depois, cheio de coragem, outras tantas vezes fez o mesmo processo. Finalmente avistou o passarinho, menor que um Beija-flor. Pouco tempo depois a área próxima foi invadida, e com isso chegou a prostituição, crimes, roubo, “muita coisa ruim que uma criança tinha contato com esse mundo”.

Passado um tempo o Governo foi lá e retirou a invasão, nessa área, a vegetação cresceu novamente. Ele e seus amigos limparam a área e fizeram um “campinho” de futebol, com as árvores da mata próxima fizeram as traves. “Comecei

já a introdução pro esporte, esporte de rua! E a gente passava o dia ali, jogando bola, caçando passarinho, brincando, ah!.. no meio das mamonas.” Chegando a época de ir para escola, foi estudar do “outro lado da mata”, no SESI, seus amigos ficaram na escola do bairro. Havia grande diferença entre as duas escolas. No SESI era obrigado a fazer aula de Educação Física:

"eu era obrigado a ter uma atividade, fazer Educação Física, era obrigado a fazer Educação Física. A gente ia na parte da manhã. Se a gente estudava à tarde, a gente fazia Educação Física no período da manhã, que era iniciação esportiva, aí tinha o lanche, que era o mais importante disso tudo (sorrisos). A gente ia pelo lanche, por causa do lanche... depois do lanche nós éramos obrigados a fazer uma atividade de arte, artística, teatro e depois, uma outra atividade, esporte coletivo! Só que, no esporte coletivo eu rapava fora, ia jogar bola. Aí, fiquei fazendo isso durante muito tempo, e tinha um amigo meu, Carlos Wanderlei, que estudava na minha classe, né!”

O amigo Carlos Wanderlei o convidou para as aulas de basquete, já que era obrigatória a atividade, pois se não fosse poderia “levar bomba”. Disse que o professor quase não aparecia e eles batiam pelada de basquete. Começou na segunda-feira. E logo de cara havia o famoso teste de Cooper, na pista de atletismo.

O Prof. Luis Alberto bateu o olho nele e disse: “E esse magrela aí?” Ele veio pro basquete, disse o amigo João. Ficou em segundo lugar no teste. O prof. Luis disse: “cê corre bem, não sei o quê!. Mas, aí começamos a fazer o basquetebol, gostei, apaixonei...paixão de imediato, adorei jogar Basquete”.

E assim começava sua participação esportiva. Logo depois, mudou para outra escola, pois o SESI atendia somente até a quinta série. Mesmo estudando na “Sapolândia” apelido designado a nova escola devido ao barulho que os sapos faziam por volta das 16h e 17h, deixando inaudível a fala da professora, continuou a fazer as aulas de basquetebol no SESI.

Foi quando teve a oportunidade de conhecer, numa clínica de basquete, o treinador convidado pelo seu professor Luis Alberto da Universidade Georg Washington. Esse treinador, gostou do seu jeito e deu um par de tênis All Star, o que

todo garoto gostaria de ter. Mas, o que mais deixou marcado foi a promessa que quando terminasse o segundo grau ele daria uma bolsa de estudo para jogar na Georg Washington University.

“Uma coisa que, na minha casa nunca se falava em Universidade, eu comecei a rachar nos livros e jogar basquetebol, tá! Não! que ele falou, ‘quando você terminar o segundo grau’, falei, ‘tenho que terminar o segundo grau pra poder ganhar a bolsa de estudos e jogar o basquete’. Então, comecei a levar os estudos um pouquinho mais a sério!”

Aquele pensamento de jogar basquete nos Estados Unidos não saiu mais da sua cabeça, passou a sonhar com isso. Eis que um dia, o professor estava procurando um aluno para representar a escola nos Jogos Estudantis do Distrito Federal. E seu amigo Wandeco, indicou seu nome, sem Joaquim saber, pois ele que corria bem, mas, não gostava de atletismo. Para ajudar, Wandeco também contou para o professor de basquete que Joaquim ia correr. Quando chegou ao treino o Luis Alberto sugeriu que ele fizesse um “time trial” uma corrida de 1.500m. Cravou 4:47. Logo o professor lhe passou treinos para fazer antes dos treinos de basquete. Ele não estava gostando muito da ideia de ver o pessoal jogando basquete e ele lá, correndo. Pensou então que se não aparecesse mais ao treino de atletismo o professor ia esquecer dele. Fez isso, ficou uma semana sem aparecer. Quando retornou, deu de “cara” com o professor que o chamou de lado e lá se foram 40 minutos de conversa necessários para o convencer a participar da competição. Que segundo o professor, seria uma boa oportunidade, que ele não precisaria deixar o basquete.

Foi lá e cravou 4’19” lembra do quanto doeu. Passou na seletiva, estava classificado para participar do JEB’s. Competir com garotos de São Paulo, Rio...do Brasil. Estava com 14 anos e ia participar com garotos de 18 anos.

“Toda a pressão era comigo e os meus dragões, tá! Não tinha nem pressão, porque eu sabia que eu não tinha tempo de atletismo, mas, não importava, o meu dragão era enorme. O dragão que eu tinha, você entende! O meu desafio pessoal.”

O resultado foi 4’02” na semifinal e 4’03” na final. Ficou atrás de um paulista que insistia em alcançar, não conseguiu. As pernas não acompanharam. Corria o ano

de 1977, quando o professor Luis Alberto foi para Washington, na casa daquele treinador de basquete, e deixou uns treinos de atletismo para que Joaquim fizesse. Pensou por um instante em não fazer os treinos, mas considerou que seria mais fácil os treinos, que enfrentar o professor explicando porque não havia feito. Fez tudo e foi para Presidente Prudente em um campeonato brasileiro de basquete, pela seleção de Brasília. Jogou bem, fez uma boa temporada e na sua volta estava decidido a não treinar mais atletismo. Quando chegou em Brasília, ligou pro Luis Alberto que disse que passaria na sua casa. Percebeu um certo movimento diferente dos pais, irmãs, que antes não se interessavam por seus assuntos de competição e treinos nem de basquete, nem de atletismo. Começaram a perguntar como havia sido a competição, a irmã perguntando que esporte ele ia praticar. Durante a visita o professor perguntou o que estava achando do basquete e do atletismo. O pai foi falar com ele e então logo percebeu que o Luis Alberto, na sua ausência, havia procurado o pai para conversar. Joaquim ficou muito chateado, ainda sem saber porque se chateou tanto, pegou algumas camisetas e blusas que estavam com ele e seguiu rumo à casa do Luis Alberto para devolver e “anunciar” que não treinaria mais atletismo. Sentiu como se tivesse enfrentando o dragão, o seu dragão, tirando um peso das costas.

Seguiu treinando só basquete, quando depois de duas semanas, encontrou com o professor numa escola, que lhe perguntou: “o que tem feito?”. Respondeu prontamente que estava treinando somente basquete. O professor ainda lhe questionou se andava procurando trabalho. De pronto aceitou uma vaga de monitor de basquete no Clube do Banco Central. Combinaram e foram juntos à noite. Foi quando o professor lhe entregou uma carta do Presidente da Federação Brasiliense de Atletismo, que versava sobre seu potencial e de sua vaga garantida para participar do Brasileiro de Menores em São Paulo. E ainda, o Lupércio, responsável também pela vinda do treinador americano, estava querendo conversar. Bom, pensou, “deve ter relação com o treinador americano” e aceitou conversar. Lupércio pediu para ele reconsiderar a decisão de parar com o atletismo, que ele estava fazendo a coisa errada. Considerou o potencial de Joaquim, que mesmo sem treinar fez um excelente tempo e que no basquete não teria a mesma projeção que no atletismo. Logo depois foi a vez do técnico de basquete conversar sobre a decisão de ter parado no atletismo. Ponderou que havia tanta gente no ouvido dele que começou a pensar se estava tomando a decisão correta. Por último, Luis Alberto insistiu mais uma vez no que disse, que seria a última vez que falaria sobre atletismo com ele. Que se seguisse no

basquete teria que sair de Brasília, pois lá não havia oportunidade. Insistiu novamente para que fosse no Brasileiro de Atletismo em nome da amizade que tinham.

Mudou de ideia, começou a treinar, trabalhou por algumas semanas e foi ao campeonato Brasileiro, competir os 800 metros rasos. Bateu dois recordes num só dia, ganhou assim a vaga para a Seleção. Foi para o Uruguai no campeonato Sul Americano, ganhou três medalhas de ouro e falou: “nunca mais abandono o esporte”.

Começou então a se questionar por que detestava tanto tudo aquilo. Detestava o atletismo pela pressão.

“Então, a minha mente, o comando era a expectativa, era muito grande e o corpo não estava lá ainda. O que acontece hoje em dia, às vezes, o atleta tá preparado para correr, mas a mente não está ainda, então, ele não consegue crescer nas competições. No meu caso foi ao contrário, a minha mente estava preparada. Eu era muito competitivo e usava meu corpo pra poder aparecer, poder me expressar, né! porque no fundo eu era muito tímido. E quando eu entrava na competição era eu. O fato de eu jogar bem, o fato de eu correr rápido, era uma forma de me expressar! Joaquim é um...eu me expressava, isso aí é uma força que ele tem, tá! ele é bonito dessa forma, sei lá! E quando entrava na competição, doía muito. Doía porque o meu corpo não estava lá ainda, não estava condicionado àquela demanda da mente.”

Neste tempo desenvolveu uma úlcera devido às pressões internas e de competições.

“Então, aos poucos eu fui treinando, condicionando meu corpo, tá! Com o tempo de treinamento a expectativa, o condicionamento começou a nivelar com a expectativa e a dor começou a ser menor! E foi por isso que eu detestava tanto o atletismo, porque acordava no meio da noite, primeira coisa que vinha na mente, ‘ai, tinha que competir, ai meu Deus’, dava aquela ansiedade ruim no estômago e eu não tinha forças ainda, não tinha armas pra combater os meus dragões internos. Eu gosto muito dessa palavra, dragões internos (sorrisos).”

Desenvolveu um “treinamento” para enfrentar a pressão e as expectativas. O que também o ajudou foi o fato de o treinador ser muito organizado, fazia

planejamento, sentavam e conversavam sobre os objetivos. Isso o ajudava a traçar suas metas, sabia em que direção deveria ir. Assim poderia superá-los, pois sempre colocava os treinamentos acima dos objetivos, vendo-os de frente para trás, ainda não tinha chegado lá, mas já estava vivendo o acontecimento. Sua dedicação e busca de resultados tinham melhoras diárias. A cada dia queria fazer melhor que o dia anterior, se superar.

“...uma coisa que me diferenciava do resto da população de atletas era a intensidade que eu fazia as coisas. Hoje tinha que ser melhor do que ontem, amanhã tinha que ser melhor do que hoje, sempre. Eu era um atleta intensivo e o Luis Alberto, era um treinador superintensivo. Então, juntou as duas coisas, tá!”

Seus treinos eram muito intensos e naquela época usava conga⁶ que a cada três meses abria um buraco na sola por excesso de uso e para tapar os furos usava papelão. O professor dava os tênis que conseguia por meio de doação. Lembra que foi assim que ganhou seu primeiro Adidas. E, assim também conseguiu seu primeiro teste de esteira. Antes de ir para o exame, passou na casa do professor e havia uma vela acesa. Ele lhe respondeu ao ser indagado, que era para não ter nenhum problema no coração.

Na sequência, seu professor conseguiu também com a direção do SESI, um copo de suco e dois ovos para depois dos treinos. Isso rendeu problemas futuros, pois o diretor de esporte usou este fato para dizer que seu atleta estava recebendo mordomias. Aliás, seu professor enfrentou outros problemas, porque era visto de maneira discriminada pela área do atletismo. Era técnico de futsal, basquete e preparador físico. Chegaram a barrá-lo para acompanhar as competições e o Campeonato Mundial Estudantil. Quando voltou dessa viagem percebeu o pai se aproximando e desfrutaram de momentos de pai e filho. Os treinamentos estavam ficando intensos. No ano seguinte haveria o Panamericano e o Mundial. Obteve índice para as Olimpíadas, mas, resolveram não o levar, o que na sua avaliação foi bom. Assistiu Agberto Guimarães correr e sair chorando, havia ficado em quarto lugar. Foi sua primeira vez assistindo uma Olimpíada. Escreveu no seu diário que quando fosse

⁶ Tênis popular normalmente usado por crianças de baixa renda.

na sua primeira Olimpíada, iria para ganhar, não queria ir só para participar, colocando-se assim uma meta. Para ele, “você é o que coloca na sua mente”.

Naquele ano foi com o professor Luis Alberto para Araraquara passar o final de ano com sua família, para poder se dedicar mais aos treinos. Nessa ocasião precisou voltar urgente para Brasília, pois seu pai havia falecido. Voltou para casa com seu professor, que durante a viagem só tinha contado que ele estava doente, não estava legal. Durante a viagem pensou na vida que o pai teve, que só trabalhou, que não teve oportunidade de estudar, que o sonho dele era ter um carro. Foi planejando durante as sete ou oito horas de viagem, uma condição de vida melhor para o pai. Quando chegaram, o professor disse que ia falar a coisa mais difícil da vida dele, que o pai havia falecido e que as coisas na sua casa iam ser diferentes. Ficou muito chateado com o professor, não conseguiu chorar. Demorou algum tempo para aceitar a morte do pai.

No retorno aos treinos, depois de um ano difícil, na categoria Juvenil, bateu três recordes brasileiros. Foi competir no México, em 1981, e quando voltou percebeu que conseguia assimilar melhor os treinos; que seu corpo começou a “brincar” mais, executando seus treinos com mais facilidade. Foi quando começaram as tratativas de sua ida para a universidade americana.

Joaquim Cruz compara sua chegada aos Estados Unidos ao renascimento, a transformação que um bebê passa quando ele nasce. Idioma, estudos, novos treinos. Fez mudanças de Universidades, sofreu lesões. E num momento de recuperação, no tratamento de dor no pé, precisou ficar afastado e então se dedicou fortemente aos estudos. Sentia muita dificuldade com o idioma. Relacionou que no Brasil também tinha dificuldades na escola, e a aprendizagem da nova língua exigia muito mais dedicação. Ficou meio depressivo. Ligava para o seu professor Luis Alberto pedindo para buscá-lo. Nessa fase, num dia, seu professor relata sua dificuldade na adaptação da família e outras dificuldades e propõe a volta de ambos para o Brasil. Firme e de resposta pronta, Joaquim se negou. “Você retorna se quiser, eu nem tive a chance de começar o que eu vim fazer aqui.” Luis Alberto declinou e nunca mais falaram sobre isso. Logo depois, já restabelecido voltou a competir, entrando com força no circuito universitário e começando a competir na Europa.

Teve no ano de 1983, um momento muito proveitoso. Estava se sentindo em paz consigo; começou a namorar; os treinos e suas marcas melhoraram. Se sentiu pleno. No seu último treino que antecedeu sua ida para os Jogos Olímpicos, disse que

sentiu bem próximo a Deus. Sentia que algo muito importante ia acontecer. Só precisava se preparar psicologicamente.

Foi para a Vila Olímpica três dias antes. Na noite anterior à sua prova, sentiu necessidade de estar sozinho, consigo mesmo. Se dirigiu à pista de Atletismo da UCLA, bem próximo de onde estavam. Caminhou pela pista, refletiu o que tinha feito naquele tempo e sentiu uma sensação muito gostosa, ficou por ali, uns cinco ou dez minutos. Uma sensação de paz, uma paz profunda. Pensou nos treinamentos que fez, “agora eu estou preparado pra isso, eu só tenho que passar pelo processo de agora em diante”.

Passou pelas classificatórias e foi para final, fazendo um tempo excelente. Sentiu-se bem confiante. No dia seguinte, dia da final dos 800 metros rasos, estava com seus sentimentos totalmente vulneráveis. Sentia-se sem controle do corpo, parecendo que estava com medo o tempo todo.

Foi para o seu cantinho de concentração, conseguiu controlar a emoção, o corpo, tudo. Desenvolveu uma “técnica” de colocar as pernas pra cima e ficar num estado de muita concentração.

No caminho para o Estádio pegaram trânsito e o Luis Alberto começou a ficar nervoso. Neste trajeto que demorou mais que o esperado, pensou “um monte de bobagem”. Estava com medo, ansioso e o que o fez sentir-se melhor um pouco foi ter olhado a cara do Luis Alberto, que parecia ter visto uma assombração, e estava branco, rosto caído. A partir daí evitou olhar para o professor. Chegaram no aquecimento, voltou a sentir a sensação boa novamente, a mente conseguiu parar. Conseguiu transformar a ansiedade e o nervosismo em energia positiva. Quando chegou na pista do estádio, viu todos atletas trotando para aquecer. Recebeu aquele fluxo de sentimento, de emoção, que o colocou em outro nível. Se sentiu superior aos outros atletas. Foi conversar com o Luis Alberto na cerca, sem olhar pra ele, permaneceu de cabeça baixa, não queria olhar nos olhos dele. Fizeram o planejamento da prova, como sempre faziam.

Foi para a pista, não conseguindo ouvir nada, só um barulho como se fosse abelha no ouvido. Sentiu-se enorme ali dentro. Repassou mentalmente a estratégia, de ficar atento ao Sebastian Cole e prestar atenção no queniano, sabia que ele correria muito, mas sentia que estava sem controle emocional.

A corrida fluiu, foi exatamente como havia planejado. Pensou no ritmo, sabendo que precisava de paciência nos últimos 300 metros. Tinha trabalhado nos treinos a

chegada dos últimos 100 metros e quando iniciou a corrida, a pista se abriu. Sentiu-se enorme, se arrepiou todo, sensação esquisita.

Medalha de ouro e junto um recorde mundial! Cruzou a linha de chegada e pegou a bandeira do Brasil, que o síndico do seu prédio havia levado para ele, neste ato dividiu com o povo brasileiro sua vitória. Também quis com este ato mostrar sua identidade. Seu primeiro abraço naturalmente foi em Luis Alberto.

Mesmo com muita insistência do Luis Alberto, desistiu de correr os 1500 metros. Não estava bem, não tinha conseguido dormir. Chamaram-no de mercenário. Até aquele momento não tinha contrato com ninguém, sempre praticou atletismo por amor. Tinha seus objetivos, já tinha conseguido chegar aos Estados Unidos, cursar a universidade americana. Seus objetivos e seus sonhos já estavam realizados. Recebeu muitas críticas também por não ter vindo para o Brasil logo depois dos Jogos Olímpicos. Foi pra Europa competir e depois voltou pra Eugene, para retomar sua rotina. Na universidade passou a ser notado.

Voltou ao Brasil para passar o natal com a família e não tinha ideia de como seria. Foi abordado por muitos jornalistas, fizeram uma coletiva no Sesi, fizeram várias perguntas e principalmente perguntas políticas. O professor Luis Alberto então, pediu para as perguntas serem direcionadas ao tema, mas não foi atendido. Ficou nervoso. Foram para uma sala, Luis Alberto e Joaquim, não se conteve, chorou, chorou muito, parecia que estava desabafando de todo excesso de emoção que viveram. Se abraçam e choram muito.

“[...] o Luis Alberto chorou tanto ... eu nunca vi uma pessoa chorar daquele jeito. Parece que toda aquela carga de sentimento que ele tinha saiu de uma forma que dava até pra ver (sorrisos), tá! Aí, eu chorei com ele também, mas, foi um momento que eu nunca vou esquecer na minha vida.”

Os anos seguintes foram preenchidos por competições na Europa, seus tempos melhoram, ficou muito próximo de bater o recorde mundial. Foram períodos marcados por muitas lesões. O professor então intensificou os treinos. Os dois, atleta e treinador trabalharam de maneira bem intensa, o que pode ter causado as lesões. Em 1986 fez uma cirurgia e ficou três meses em tratamento. Voltou a correr um mês depois fazendo 1'16" nos 600m. Na sequência, machucou o tendão de Aquiles, teve pressa na

recuperação para voltar a correr, pois havia muitos convites. Fazia seus trotes na piscina. Para compensar os treinos que não fazia na pista. As dores não passaram. Teve que operar o tendão, somando a terceira cirurgia. Três meses depois foi para Europa. Havia trocado o patrocinador e foi para a Alemanha, para ser avaliado pelo médico da Adidas. Desenvolveu também alergia ao pólen e ao feno, isso evoluiu para bronquite, ocasionando dores de garganta às vésperas do Pan Americano, ficou muito preocupado.

Na semifinal dos 1.500m, no aquecimento estava muito nervoso, e por sorte ou azar cancelaram porque havia pouca gente para esta prova. Dois dias depois, no dia da prova, estava com pensamento de ansiedade, de peito ardendo, estava se torturando. Foi mais cedo para pista e procurou um espaço para se concentrar. Quando começou a trotar, aquela experiência de antigamente tomou conta do seu corpo novamente, viu a vitória. Conversou com Luiz Alberto e fizeram a estratégia da prova, seria uma corrida tática. Venceu a prova. Participou de outras competições e em 1987 no Mundial de Roma, não se sentiu bem pra competir e não participou da prova. No ano seguinte começou a sua preparação para as Olimpíadas, já havia se recuperado das lesões. Foi para Seul, tendo um pouco mais de noção do tamanho das Olimpíadas.

Fez sua concentração mental, mas não conseguiu se ver chegando em primeiro. Começou a pensar na possibilidade de chegar em segundo ou terceiro lugar. No planejamento da prova com o Luiz Alberto avisou que não ia liderar a prova. O Zeca também recebeu orientações. A prova não saiu como o planejado, muita distração, não foi uma prova fluída. Ficou angustiado, queria uma outra chance. Medalha de Prata. Esta Olimpíada também foi marcada pelo seu comentário sobre o suposto doping da atleta Florence Griffith-Joyner. Houve certa repercussão sobre sua fala o que o desestabilizou. Foi considerado pelos atletas da Vila como alguém que teve coragem de abordar o assunto, que ninguém queria falar e todos sabiam.

Seguiu os próximos anos novamente entre lesões e competições. Sofreu mais uma cirurgia em 1989. Voltou com sede de competir, percebendo a janela começando a se fechar. Queria participar dos treinos, queria participar das competições na Europa, sabia que aquele momento estava chegando ao final. Mais problemas no tendão vieram junto com as competições. Sentia dores no tendão. Voltou para San Diego e as coisas só pioraram. Resolveu ir pra Eugene, marcar mais uma cirurgia, o Luis Alberto estava lá. Quando chegou, o Luis Alberto pediu pra ele fazer um teste

antes da cirurgia. Como havia algum tempo que não via o professor, se envolveu muito emocionalmente, e quando fez o teste, aquela dor sumiu. Fez meia hora de trote um pouco forte e a dor desapareceu, cancelaram a cirurgia, por aquele momento. Posteriormente foi necessária outra cirurgia, tendo complicações por inflamação bacteriana. Retomou os treinos na piscina e em 1992, estava tentando voltar, quando sentiu o período mais solitário da sua vida. O Luis Alberto já estava como responsável por outros atletas e não podia lhe dar atenção, não podia ir pra piscina com ele. Fazia dois treinamentos na piscina cedo e a tarde. No caminho tinha uma árvore que passou a observar. Depois de três, quatro meses ela estava sequinha.

Fez uma análise sobre o que conseguiu, estava tentando achar força para continuar a sua luta. Foi quando encontrou motivação para ir para à sua terceira Olimpíada. Queria agora conhecer sua forma, seu tamanho, prosseguiu nos treinos e percebeu que não teria condições de participar daquela edição, dos Jogos Olímpicos de Barcelona. Foi então cuidar das suas lesões, faz outra cirurgia e teve seu tempo de recuperação. Mas, manteve a meta de participar de mais uma Olimpíada. Queria ir agora para viver, absorver tudo da Olimpíada como participante. Viver o espírito olímpico. Na sua preparação percebeu que precisaria diminuir a intensidade dos treinos, porque tinha voltado a sentir dores. Teve alguns conflitos com o Luiz Alberto devido aos treinamentos, mas insistiu em diminuir um pouco a carga, começou a interferir no programa de treinos. Até o ponto que o professor disse que ia acabar se irritando, tiveram uma longa conversa, explicou que não tinha mais o corpo de 1984. O professor não concordava, mas acabou refletindo. Joaquim foi embora deixando-o chateado. Depois, o professor telefonou para ele dizendo que iria adaptar o trabalho de acordo com sua situação. Já em 1993 começou a competir melhor, mas no ano seguinte sentiu o corpo envelhecer fisiologicamente. Começou a perceber antecipadamente que não adiantava fazer aquele treino, que não ia render.

No Mundial de Gotemburgo, não estava correndo muito bem, 1'50" 1'49", 1'48" para os 800 metros. Aqueceu uma hora antes da prova e aquele pensamento negativo começou a andar novamente com ele, logo em seguida sentiu uma fisgadinha na perna.

Foi falar com o Luis Alberto, uns 15 minutos antes da prova. Ele perguntou o que havia sentido, como aconteceu? Respondeu e então o professor pede pra ele deitar e começou a fazer massagem. Naquele momento conseguiu quebrar o "estado mental", só de conversar com o Luis Alberto, conseguiu mudar a frequência. Luiz

Alberto disse pra ele correr uma reta bem forte e sentir como estava. Fez a reta e ficou 100%. “Então vamos competir! Boa sorte, vai lá”. Ele correu o seu melhor, 1’46” alto. Voltou a se sentir confiante.

Começou outra fase na sua carreira, sentindo falta de interagir com outros atletas. Sentia-se muito solitário. Foi para Dinamarca competir e no treinamento considerava-se motivado e pensava: “esta vai ser minha última prova”. Já tinha decidido a não participar do Troféu Brasil, que serviria para eliminatória para o Panamericano. Sentiu novamente os pensamentos negativos rondando, e pensou: “vou ou não vou, o que estou fazendo aqui? Não estou em condições de fazer isso”. Sem chances de enfrentar seus dragões internos. Foi quando pensou, “perai, deu certo uma vez, cadê o Luis Alberto?” Lá foi ele chorar, reclamar pro Luis Alberto, que não estava legal, que não estava autoconfiante, que já não sabia o que ia acontecer. O Luis Alberto disse:

“Juca, não sei o que falar pra você, tá! essa vai se a última prova aqui na Europa. Vai lá, a única coisa...”, aí, nós ficamos sentado ali um pouquinho, e ele falou... ‘vai lá e não precisa correr na frente, vai ser uma prova tática, tem esse pessoal aí’, ele começou a citar alguns nomes, e ‘corre! vê o que que você pode fazer!’, aí, falou, ‘vai lá e corre o seu melhor, paciência’. E aí, eu decidi! Aí, ali eu quebrei o estado mental, não consegui. Eu parei aquela fita, aquela imagem negativa. Consegui interromper e fui na competição. Não fui mal, corri bem, não corri melhor, porque não acreditei.”

Durante o voo de retorno a San Diego, decidiu que iria voltar pro Brasil e participar do Troféu Brasil. Precisaria ficar até o segundo lugar para conseguir ir pro Pan Americano. Não gostou daquela situação de encontrar conforto com os outros atletas que estavam na mesma situação. Tinha três semanas de treinamento, começou a trabalhar, conseguiu se reabastecer.

A prova do Troféu Brasil foi exatamente como havia planejado, correndo atrás e chegando em segundo. Foi para o Pan Americano de Mar del Plata. No alojamento encontrou uma cruz, e naquele altar, encontrou a paz, sentiu as mesmas sensações que havia sentido em 1984. Conseguiu sentir que ia ganhar a prova.

Foi conversar com o Luis Alberto, porque embora tivesse sentido a vitória, não sabia muito bem como isso ia acontecer.

... “o que quê você tá pensando Juca? Como é que você vai correr? Eu falei, ‘não tenho a mínima ideia, não sei! A minha mente tá em branco’, aí, ele falou, ‘tá bom! você sai atrás, o Edgar deve puxar a prova’. Porque o Edgar não estava bem, ele tinha machucado. Estava bem, mas tinha machucado e pra aquela competição, ele não estava 100%. O Edgar deve sair forte, tá! e tem os dois americanos que gostam de fintar, ficar lá atrás, tá! Fica ali com o Edgar, trabalhando com ele, e nos últimos 400, antes dos 400, você tem que sair, tem que sair pra matar o pique dos outros, dos dois americanos. Você pega a prova’, eu fiz exatamente do jeito que ele planejou parece que ele me colocou”.

Parece que ele havia falado “Joaquim, você vai ganhar, mas precisa fazer isso, isso, isso, assado”. Para Joaquim esta foi uma experiência de obediência. Nunca mais falaram sobre isso.

“É superdifícil, você ouvir alguma coisa e deixar uma pessoa influenciar num momento tão importante na sua vida. Na verdade, eu pratiquei Atletismo, mais porque o Luis pediu, tá! então, eu sempre dividi aquele momento com ele, e ali, provou que nós éramos uma força só. Que, apesar dele contribuir com o treinamento, tudo, mas, na hora H, onde mais eu precisava de uma direção pra executar um plano, e quando às vezes não tinha nada, ele pum! veio com o plano e eu pum! executei! Ali, finalmente provou a força que um treinador tem na vida do Atleta”.

Na mesma competição bateu o recorde dos 1500 metros com o tempo de 3’40”.

Foi para Atlanta e foi escolhido para ser o porta bandeira, na cerimônia de abertura. No processo de preparação quebrou o ossinho da mão, correu os 1.500m de gesso na mão, o que atrapalhou a biomecânica. Quando terminou a prova queria dar um beijo na pista, mas não teve coragem. Ficou dois minutos olhando para ela, para saída, foi uma forma de dizer adeus àquele momento. Foi quando falou para o Luis que havia encerrado a carreira. Treinou durante 20 anos, passado um tempo ficou triste, porque não iria mais treinar e competir da maneira como fazia. Nunca mais ia ser um atleta.

Criou um projeto em Brasília para descoberta e atendimento de jovens talentos do atletismo. Atualmente é técnico de atletismo no EUA, onde mora.

Numa das suas últimas competições em Mar del Plata concretizou a relação que havia entre Mestre e discípulo.

6.2 Paulão por Paulo André Jukoski da Silva

Nasceu em Gravataí, cidade próxima de Porto Alegre, em 24 de dezembro de 1963. Começou a praticar esporte na escola. Fazia “tudo o que era modalidade esportiva”, atletismo principalmente. Não era bom de futebol, depois foi aprendendo e caiu no Handebol, gostava muito por ser coletivo. Começou assim seu gosto pelo esporte.

Nunca foi um cara de bagunçar e sempre que participava de algum esporte os professores diziam: “pode participar, mas tem que ser bom aluno e não pode faltar”. Não faltava, mas também não era um grande aluno. Filho de pedagoga, tinha que ter cuidado com isso.

Um dia, durante o recreio da escola, o professor o viu brincando de voleibol e perguntou se queria jogar vôlei na equipe, pois estava faltando atleta reserva. Ele respondeu que não poderia pois tinha aula. Porém, o professor argumentou que ele não faltaria às aulas. Entendendo mal, ele disse: “Bom, se vai faltar a aula, eu tô dentro!” A motivação era faltar a aula. Isso quando tinha ainda 14 anos.

No campeonato, durante o aquecimento, um dos meninos se machucou, então, foi a sua estreia. “Não era especialista na rede, mas era o maior”. Já era o mais alto dos companheiros. A bola batia na cabeça, no cotovelo, no ombro e caía no time adversário.

Um professor o viu jogando e o convidou para um teste no SOGIPA, clube tradicional do Rio Grande do Sul. Onde jogava o Renan, que já aparecia na TV, rádio e jornal.

Foi o primeiro contato com um grande clube. Neste dia foi apresentado ao Diretor e o apresentaram ao Renan, “um tal de Renan Dal Zotto”, que estava jogando no Japão e havia sido eleito o melhor jogador da Copa do Mundo. O jogador “mais espetacular”, como ficou conhecido. O Renan estava sentado na mesa e quando entrou e o viu com a perna cruzada e seu tênis Mizuno de nylon trançado, “Quando a gente usava Bamba Conga, eu usava Kichute, inclusive”. Olha para o tênis, sensacional, objeto de desejo da época, como se fosse um troféu, que para tocar

precisava pedir licença. Pensou: “pô, jogar vôlei e ganhar um tênis desses, vou jogar vôlei!” apareceu assim seu primeiro objetivo para jogar vôlei, ter um tênis daquele.

Começou a partir daí a jogar na base. Vinha de Gravataí até Porto Alegre, duas horas aproximadamente, num ônibus que fazia “pinga-pinga”. Depois de um mês e meio a primeira dificuldade, sua mãe disse que estava difícil pagar passagem todos os dias, comprar tênis, uniforme. Além de sair às quatro horas da tarde e voltar meia-noite. Tinha que gastar com o lanche, então a mãe pediu para ele esperar para o outro ano. Respondeu que tudo bem, e foi conversar com o professor. O professor João Batista. Grande formador de atletas de voleibol, como Renan, Marcos Vinícius, Janelson.

O professor respondeu: “não! Vamos dar um jeito. Vem que vou dar um jeito”. O jeito que ele deu, era escondidinho, dava cinco cruzeiros, lembra-se direitinho, que dava para pagar a passagem ida e volta e comer um cachorro quente, a melhor parte de tudo, pois como diziam, saco vazio não pára em pé. Isso aconteceu durante mais ou menos uns 8 meses. É muito grato pela oportunidade e quando teve a possibilidade de agradecer em público o seu professor João Batista. Deu a ele a réplica da medalha de ouro e a camisa que havia usado no jogo, era no mínimo que poderia ter feito. “Eu acho que era o mínimo que eu podia fazer, por um investimento de um moleque que vem treinar de Gravataí sem embasamento nenhum. E hoje estou aqui como um campeão olímpico porque um cara me dava cinco reais e investiu num menino que quem sabe lá o que ia dar”. Respira fundo, para conter a emoção, e retorna falando devagarinho, porque sempre se emociona muito ao falar de família, falar das dificuldades, que foram muitas. “Mas, tem que agradecer muito, muito, muito agradecimento, porque um professor que abre mão, a gente sabe que os professores já ganham pouco e ainda ter que pagar patrocínio para atleta, passagem e alimentação para atleta. E ele fez isso, tenho certeza, de coração, porque ele já tinha feito isso várias vezes. Uma vez dá certo, outra dá errado. E então, começou a minha carreira, dentro do voleibol. Continuou seus treinos no SOGIPA, e o então o Grêmio Náutico fez uma boa proposta de receberem carteirinhas de sócio, para utilizarem o clube também. Fez mais algumas trocas de clubes e no Sul Brasileiro, já recebia Ticket refeição, passagem para ir e voltar para casa, uniforme e alguma “grana” por mês. Não pensou duas vezes para seguir a “carreira”, pois era tudo que um moleque que não tinha nada começava a ter com o voleibol.

Sua carreira começou assim, e é claro que passou por dificuldade familiares, financeiras, emocionais e pessoais. O pai era alcoólatra e bebia muito. A mãe sempre dizia que tinha que ajudar o pai. Por essas dificuldades e a mãe querendo se separar do pai, como filho mais velho, então com 16 anos, assumiu a “responsa” dos irmãos. Credita ao esporte a ajuda que teve ao passar por isso tudo. Quando perguntado o que pensou quando subiu no pódio para receber a medalha olímpica, emocionado novamente, pois é uma coisa muito forte em sua vida, lembra do seu professor João Batista colocando os cinco reais em seu bolso, a dificuldade da família, de tudo o que passou em relação a pai e mãe. Quando assumiu a casa como irmão mais velho, tudo isso o orgulha muito, a grana que ganhava no Sul Brasileiro que acabava contribuindo para a construção da casa da família, o material escolar dos irmãos, tudo veio do voleibol.

Gostava muito do ambiente de seleção, seja nas competições de mundiais como nos Jogos Olímpicos. Sabia da sua deficiência técnica, mas que era superada pela vontade de estar lá, com sua vibração, com muito positivismo, que aprendeu com a mãe e com o pai. Frisa que é importante não perder seus valores básicos. Reforça com seus atletas que podem ir jogar onde quiserem, mas se não tiverem respeito de grupo, a gente não vai a lugar nenhum. São valores que não abre mão.

Aprendeu a jogar voleibol quando foi campeão olímpico, quando “caiu a ficha”. Se referiu nesta frase sobre a importância que o voleibol teve em sua vida. Chegou no aeroporto de Porto Alegre e foi conduzido pelo carro de bombeiro, após ter sido cumprimentado pelo Governador e Prefeito pelos seus feitos. Quando passou pelo centro de Porto Alegre, foi recebido por uma chuva de papel picado. Olhou para cima e pensou: “o quê tá acontecendo, o que é isso, cara? Pra quem é isso, né? Ah, me senti um ídolo assim, coisa que a gente nunca tinha pensado, não sabia que ia acontecer isso.”

Em Gravataí foi considerado feriado. Recorda com bastante emoção do menino que não tinha dinheiro para pagar a passagem de ônibus, comprar tênis.

Em uma das suas passagens, conta que quando começou a treinar no SOGIPA, os colegas perguntavam qual tênis ele estaria usando? Era um Bamba. “Mas este tênis não é muito ruim, duro?” Ele respondeu: “cara, meu pé é grande, me adaptei muito bem com ele, uso uma palmilha”

Não usava palminha nenhuma. A mãe colocou papelão dobrado, “eu tinha vergonha de dizer que não tinha dinheiro, então eu dizia que o tênis era maravilhoso, porque, ele tinha o formato do meu pé.”

Na sua primeira viagem ao Japão foi até a loja da Mizuno onde comprou o tênis de nylon trançado e se emocionou lembrando a história daquele tênis.

No dia que ganhou seu primeiro Ticket Restaurante, foi até uma lanchonete e comprou uma torta para a família, usando todo seu ticket. Não que a mãe não pudesse pagar, mas era ele comprando com seu voleibol. “Não é só pódio olímpico que me fez assim, vibrar, né, me motivar, de chegar numa cidade que era feriado, que tinha banda tocando as músicas que gostava.”

Reforça sua gratidão ao voleibol, porque a modalidade deu tudo o que ele tem, “Minha esposa eu conheci dentro de um ginásio, meus filhos, os dois jogam voleibol, os dois foram convocados pra seleção.”

Parou de jogar em 1999, por uma lesão na cervical, e teve passagem pelo Ministério do Esporte em 2003, para trabalhar com esporte social e educacional, junto com Lars Grael. Gostou da experiência e tem ajudado na obrigatoriedade do ensino de Educação Física para todos nas escolas. Enfatiza que o professor de Educação Física deveria ter o mesmo peso de um Presidente da República, pois sua responsabilidade ao ensinar os nossos filhos, os valores, o professor como um todo, se referindo a mãe e a esposa ambas pedagogas. Tem certeza que o ensinamento que o esporte nos dá, competitivo ou não, são os valores, de ter regras, de saber o dia a dia, a disciplina que é fundamental, porque você sai da quadra e vai encontrar na universidade, vai encontrar em casa necessidade delas.

Quando chegou na seleção, se deparou com Bernard, William, Montanaro, Amauri, então a famosa geração de prata. Em um jogo memorável fez 15 pontos de bloqueio, e passou a ser chamado pelos russos de “The Block Man”.

Descreveu sua relação com os técnicos com muito carinho e apreço. Tinha especial consideração e admiração com o técnico Zé Roberto. Sentia nele a importância do lado emocional, o Zé Roberto fazia oração, falava de família, e isso para ele era muito marcante, o jeito de compartilhar nossa família “ Eu tenho certeza que se você chegar pro Zé Roberto ou qualquer um, membro do time, cada um vai dizer a mesma coisa, porque não teve uma regra geral, não teve uma bula, sabe, não, o Zé Roberto fez isso, fez isso!’. Nem o Zé sabia exatamente como domar aquele monte de meninos, entendeu? E eles na simplicidade deles, cada um fazendo o

melhor, isso foi se tornando uma bula de remédio, porque o Zé foi somando com habilidade o quebra-cabeça com os envolvidos da comissão técnica e com habilidade dando esse ingrediente a mais que a gente não tinha, que tecnicamente a equipe não era melhor que a Itália nem a Holanda.

. Esta relação começou a se modificar após o Mundial da Grécia em 1994. Os atletas foram muito assediados pela imprensa, considerados semideuses, e deixaram de lado o toque e a manchete, como descreve. Estavam preocupados com as coisas bonitas que iam falar nas entrevistas, palavras que iam usar. Foi uma frustração muito grande. Nas Olimpíadas de 1996 em Atlanta, sabiam que seria difícil, as brigas começaram entre ele e o técnico Zé Roberto. O técnico reforçava um discurso que todos os times eram melhores que a seleção, e que estavam correndo atrás. Chamou a atenção para que fossem valorizados pelo que estavam fazendo. O Zé Roberto insistia que os outros times eram melhores. Começou uma discussão de valores, discussão do grupo. A comissão técnica não entendia que era uma questão de grupo e sim pessoal. Gerou grande desgaste, chorou muito por isso, perdeu sua forte referência ao Zé Roberto. Se sentiu muito ferido. Não tinham mais aquela relação que tinham em Barcelona.

Depois de Atlanta, já não se falavam mais, pegou o avião e foi a São Paulo para conversar com ele. O que foi fundamental, porque tinha que resgatar aquele valor, que era a amizade dele. Acompanhou as conquistas dele, chorou como criança, porque vivenciou tudo aquilo e sabia que merecia.

Após o término de sua carreira como jogador, a convite de Lars Grael, passou a compor a Diretoria de Alto Rendimento. Conheceu boa parte do país, convivendo com indígenas, e demonstrando a eles, grande carinho. Apesar de encontrar pessoas boas e legais, foi um choque quando começou a conviver com pessoas maldosas, que só pensavam em dinheiro e em passar a perna nas pessoas, “sacanear”, tudo em função de motivação financeira. Foi um choque, chorava todo dia, queria ir embora, era muito cruel. Foi aprendendo ali em Brasília, que aquilo ali era uma transição, que ele tinha que passar por aquela aprendizagem, não pegando coisa ruim de políticos safados, sem vergonhas, mas de políticos positivos que estavam lá com suas famílias, que tinham famílias bacanas e lá havia pessoas bacanas.

Aponta que tudo isso foi fundamental para seu aprendizado. Passou 12 anos trabalhando com criança, chorando barbaramente da Ilha de Marajó ao Chuí, lugares que não conhecia. Conheceu os jogos indígenas, aprendeu a ser apaixonado.

Conheceu e conviveu os Xingus, a tribo, seus valores. Contendo o choro, agradece a um professor que dava cinco reais para pagar a passagem de ônibus. Um cara que acreditou num moleque de 15 anos que dava pro voleibol, então mais uma vez, agradece seu professor.

Numa das suas idas atrás de patrocínios para desenvolvimento de projetos, foi “convidado a montar” uma equipe de vôlei. Logo na sua estreia foi campeão da Liga B. Trouxe alguns jogadores que estavam fora do país, começando assim, sua jornada como técnico. Trouxe atletas renomados, e que recebiam quase nada, acreditando nesse projeto. Estava encantado com a possibilidade de comandar uma equipe, brigar com as equipes grandes um time novo cheio de “velhos” jogadores, mas com valores novos. “Sabe o que são valores novos? É o de respeitar cada um, eu chegar na sala ali e falar pra eles: ‘ô, eu tô sentindo isso hoje, eu tô chateado com isso, eu tô chateado com aquilo, eu acho que você tem que fazer isso!’ Ser sincero o tempo inteiro.” Repetia assim com o mesmo encantamento que sentia quando ouvia dos seus técnicos, principalmente o Zé Roberto, por quem tinha verdadeira admiração, porque o técnico estimulava a sinceridade entre as pessoas, o bom convívio, os valores de união de família “Eu me dei muito bem na vida assim, acreditando, respeitando as pessoas, e achei uma ferramenta maravilhosa, que foi o voleibol”.

Termina sua narrativa com a frase:

“Então, eu só digo a vocês, se isso vai ficar gravado por mais um tempo ainda, tomem cuidado com Canoas, porque tem muito mais que atletas lá dentro! (Dando um sorriso maroto). Pode ter certeza! ...”

6.3 Renan por Renan Dalzotto

Gaúcho de São Leopoldo, Rio Grande do Sul, nascido em 19 de julho de 1960. Começou jogando voleibol na escola como todo garoto em Porto Alegre.

Tinha 11 anos e narra que teve muita sorte, porque seu professor de Educação Física, do Colégio Inácio Montanha, João Batista, era apaixonado por voleibol, um estudioso e na escola só dava voleibol. E não adiantava, todo mundo querendo jogar futebol, ele só dava voleibol.

João Batista também era técnico de voleibol do SOGIPA e da Seleção Gaúcha. Como ele só dava voleibol, acabou gostando demais. Até então Renan só jogava futebol, como toda molecada, sempre os primeiros passos já chutando uma bola, e

então com 11 anos, começou a criar gosto pelo voleibol. O Professor o incentivava muito.

No segundo ano, aos 12 anos, foi convidado pelo professor para jogar no clube, com 13, já começou a integrar a seleção gaúcha.

Permaneceu no SOGIPA por 10 anos, onde fez toda sua formação, com 16 anos participou do Campeonato Brasileiro em Campinas, sendo eleito o melhor jogador do Brasil. Foi convocado para a Seleção Brasileira, começando a despontar, pois o voleibol estava centrado no eixo Rio-São Paulo.

Mesmo na categoria Infante foi convocado para o Juvenil no Sul Americano na Bolívia. Na sua primeira ida à Seleção foi campeão e também titular. Tinha habilidade para jogar como atacante e levantador. Junto com outros atletas que viriam a ser a base da Seleção Brasileira adulta, jogaram o Mundial de Voleibol no Rio de Janeiro, ficaram em terceiro lugar. A modalidade começava a dar a decolada.

Em 1977 foi convocado para a Seleção adulta, e com 17 anos foi para o Mundial no Japão como atacante. No ano seguinte foi convocado para o Mundial de Roma, como segundo levantador. Depois desta convocação não saiu mais da seleção. Em 1980 foi para a sua primeira Olimpíada, Moscou, conquistando o quinto lugar. Num jogo contra a Polônia, onde perdiam por 2 x 0, já incorporados à nova safra a seleção, o técnico Paulo Russo resolve deixá-los jogar. Viraram o jogo por 3 x 2.

Neste dia o Antonio Carlos de Almeida Braga, o Braguinha, que estava assistindo o jogo, ficou empolgado e disse: “eu quero fazer um time, mas vai ser com esses garotos aí que eu quero.”. Em 81, ele montou o Atlântica Boavista, no Rio de Janeiro. “Aí, esse time da Atlântica, justamente, era eu, o Bernardinho – que tava também nessa Seleção – Xandó, Amauri, Bernard,”

Assim foi montado o Atlântica Boavista, no Rio de Janeiro. Renan então deixa a capital gaúcha e vai morar no Rio. A partir daí começou a viver de voleibol, em 1981.

Neste mesmo ano, teve outro acontecimento muito interessante, o Mundialito, e o Nuzman, então Presidente da Confederação Brasileira de Voleibol, renovou a Seleção Brasileira. Bebeto de Freitas ficou como treinador com Brunoro e Jorjão. Se refere à importância do planejamento. Estavam na Urca quando o Nuzman falou: “Nós estamos começando o primeiro planejamento estratégico do esporte brasileiro!”. Na época, 81, imagina, ninguém nem sabia o que era planejamento estratégico. Daí, ele falou o seguinte: ‘estamos começando nosso primeiro planejamento, onde, daqui a quatro anos, estaremos disputando a primeira final olímpica!’. E aí, todo mundo se

olhou e falou: ‘ó, isso não existe, imagina, Brasil, final olímpica de vôlei.’ Isso aí, não é coisa pra... pra brasileiro.”

Todos ririam brincando, pois não sabiam o que iam fazer na próxima semana e ele já estava falando o que seria dali quatro anos, disputar uma medalha de ouro. Tem na sua lembrança a hora que o Nuzman se irrita, estava todo mundo fazendo barulho e com um tapa na mesa disse que quem não acreditasse poderia levantar e sair da mesa. Assim todos ficaram no lugar e “pagaram pra ver que negócio era esse de planejamento estratégico. “E aí, quatro anos depois, no caso, 81, 82, 83, 84, nós estávamos disputando a primeira final olímpica. Então, eu acho que muita gente todos, a maioria que estavam vivendo naquele momento ali, que aprendeu a importância que é o planejamento”.

Deste planejamento além de bons jogadores, saíram bons gestores, técnicos, talvez como reflexo deste aprendizado, da importância de planejar, de ter foco claro, de saber onde quer chegar, quando você quer chegar.

Em 1984 voltou a jogar em Porto Alegre para conciliar o cuidado com o pai.

Neste ano também aconteceu a Edição Olímpica de Los Angeles. Considera que se fechava um ciclo do voleibol no Brasil. Começou em 81 até 84. A partir daí houve uma pequena renovação, em 1985 começou novamente a Copa do Mundo, 1986, Mundial na França; 1987, Panamericano; 1988, Seul, foi sua última olimpíada. Nesse meio tempo nós tivemos o Sohn, um coreano como treinador. Os jogadores antigos fizeram uma “carta” pedindo a saída do técnico, não foram atendidos e ainda assim desligados da Seleção, permanecendo o técnico. Devido a esses desgastes, foi jogar na Itália.

Os resultados não apareceram e o técnico acabou sendo afastado. No último momento eles chamaram novamente o Bebeto e com ele voltaram todos da velha guarda, ou como forma chamados à época: os intocáveis para jogar as Olimpíadas de Seul, faltando somente 40 dias para seu início.

Os resultados não são bons. Perderam da Argentina a disputa do bronze. Antes desta fase, fala sobre o período de 84,85, que segundo ele foi o seu melhor período, sendo eleito o melhor jogador do mundo, o mais espetacular, no Mundial do Japão em 85.

Jogou 5 anos na Itália, sendo também considerado o melhor estrangeiro e campeão também da Champions League. Voltou para o Brasil em 1993 e parou de jogar com então 33 anos.

Com a gravidez da esposa resolveram ter o primeiro filho no Brasil. Voltou também para ser treinador. Sempre quis ser treinador, investiu tempo, se capacitou bastante, leu muito, anotava os treinamentos, estudava. Foi quando o Brunoro o chamou para ser técnico do Palmeiras /Parmalat, ficando dois anos; depois um ano no Chapecó e um ano no São Caetano. Depois de seis anos, resolveu parar como treinador e foi para Florianópolis trabalhar com marketing esportivo. Montou uma equipe com apoio da Universidade UNISUL e da Olympikus.

Entre ser treinador, gestor ou jogador, diz que o mais complicado é ser treinador. Fez parceria com o Sávio, do futebol para fazerem a gestão de um clube de futebol em Florianópolis, com previsão de 10 anos de gestão.

Não imaginava viver do voleibol, e hoje tudo que ele tem foi o voleibol que deu, não só dinheiro, estrutura familiar, como conceitos e princípios. O esporte proporcionou isso. Logo que começou a jogar foi assistir um amistoso Brasil x Japão e quando viu o Bebeto, o Bernard jogando, pensou: “Cara, eu vou parar de jogar esse negócio. Como eu vou chegar no nível desses caras? Eu juro, pra mim aquilo lá foi impactante ver os caras dando umas “porradas” pra baixo assim, “que isso cara”?! Uma coisa bem impressionante. “

E no ano seguinte ele estava sendo convocado para a Seleção Brasileira. Tem o maior orgulho porque o seu primeiro treinador, o professor João Batista, este final de semana este com ele em sua casa, Eu tenho uma ótima relação com ele ainda. Tá mais velhinho, é lógico, mas ele assim adora vôlei. Quando tem jogo, pega o avião, vem de Porto Alegre, pra ver os jogos aqui nosso, torce pra gente, tudo mais. Não perdeu as raízes, mantém contato com os amigos do SOGIPA, “Eu não imaginava, não imaginava mesmo, sabe, mas eu tinha um sonho assim, de poder chegar à Seleção e tudo mais. Só que eu nunca imaginava que um dia viver do vôlei. Quando começou em 1981, se você era bom, você ganhava tênis e um *cheeseburger*. Era isso, só o lanche, sabe.”

Com relação à sua modalidade, pede desculpas aos outros esportes, mas o vôlei é o mais coletivo de todos, mostra para você a importância o que é você conviver em equipe: “...fora, dentro da quadra, você não tem tempo para parar e pensar, é tudo muito rápido. Você tem que ter um sincronismo muito grande. Na fase de treinamento o seu problema é o meu problema e o meu problema é o seu problema, porque tem reflexos imediatos, dentro de quadra, dentro de campo. Perdemos uma Olimpíada por isso tudo também. É necessário jogo de cintura, saber conviver em equipe, isso é

fundamental. Isso vale pra quando se é jogador, gestor, liderança de conhecimento, para você tirar o máximo das pessoas que estão contigo. Então, dentro de campo, tinha que ser assim, né, um puxar o outro, “vamo, vamo!”, acreditar sempre. E hoje, na área da gestão, a mesma coisa, você fazer com que todo mundo acredite no projeto, que você acredite naquele planejamento, aonde você quer chegar. Entende que uma das coisas muito importante dentro do planejamento é todo mundo ter um sonho, querer, desejar chegar lá. Mais importante que isso é saber onde você quer chegar, mas não tão importante quanto saber onde você está.

Reforça que não adianta, por mais condições que haja, com equipamentos, tecnologia de ponta, infraestrutura, se não investir nas pessoas, quem vai fazer a diferença são as pessoas. “Eu acho que no esporte e na vida, mesmo quando você perde você pode ganhar, desde que você tire proveito. Se você tirar proveito e aprendizado, você tá ganhando, com aquilo que você perdeu..”

Relata que um dos maiores fatos negativos que teve na vida esportiva, sem dúvida nenhuma foi em 84 quando torceu o tornozelo e não pode começar os Jogos Olímpicos, essa contusão lhe rendeu um tornozelo estourado até hoje, fez tratamento intensivo e conseguiu participar da final das Olimpíadas de Los Angeles, quando foi medalhista de prata. Na época quiseram fazer cirurgia, mas optou por não. Foi ruim, mas no ano seguinte foi o auge, seu primeiro reconhecimento internacional, na Copa do Mundo do Mundo do Japão, onde foi eleito o jogador mais espetacular e ficou na relação dos melhores da competição. Na Itália ganhou todos os prêmios possíveis, de melhor estrangeiro, de melhor jogador.

7. Fases de uma trajetória

De acordo com estas narrativas de atletas olímpicos brasileiros, a figura do professor passa do mero orientador, técnico ou treinador. Reconhece-se a gratidão pelo encaminhamento para uma equipe de rendimento, ou mesmo pela inserção na equipe representativa da escola, fato este que muda consideravelmente sua trajetória.

Após a exploração das narrativas, verifiquei a necessidade de realizar uma divisão didática dos momentos marcantes que se apresentaram no decorrer das histórias de vida destes atletas olímpicos, onde a figura do professor teve destaque e de certa maneira alguma relação com o desenvolvimento posterior da carreira de atleta. Esta divisão acompanha o início de sua aproximação com o esporte e segue após a finalização de carreira de atleta. Encontro, descoberta, realização e

reconhecimento são fases comuns nas narrativas e que são entremeadas por citações de gratidão, de boa recordação, de significados marcantes nas trajetórias de vida.

7.1 O encontro

O encontro é marcado pelo momento da aproximação do professor com o aluno. Pode acontecer no apresentar de uma nova modalidade, num novo desafio. Instante em que o professor está atento na habilidade, na estatura, na potencialidade do aluno e este ainda não faz ideia das suas reais possibilidades, essa futura relação segundo Leite (2005 p. 248):

[...] se estabelece entre o aluno e objeto do conhecimento (no caso, os conteúdos escolares) não é somente cognitiva, mas também afetiva. Isso mostra a importância das práticas pedagógicas desenvolvidas pelo professor, pois as mesmas estarão mediando a relação que se estabelece entre o aluno e os diversos objetos do conhecimento envolvidos. Pode-se assumir, portanto que o sucesso da aprendizagem dependerá em grande parte, da qualidade dessa mediação.

Também é o momento do alcance da procura, de estar diante de algo que é buscado, desta busca tanto pelo professor, como pelo aluno. É o primeiro passo para se unirem.

O encontro, na narrativa de Joaquim Cruz, com o seu professor, que viria a ser seu técnico por um longo período na sua carreira como atleta, como com a nova modalidade apresentada por ele, ultrapassa os limites de uma situação pedagógica. Há implicado nessa relação a constituição de dois seres, que estão em busca das suas existências. O pupilo que no caso, não tinha sequer ideia de qual modalidade seguir e vislumbrou a proposta de estudar fora do país jogando basquete. E o professor como um intercessor, desmascarando uma aptidão, que ele mesmo ignorava, mas que seu conhecimento técnico sugeria ser possível.

Este desconhecimento da verdadeira vocação também aparece nas narrativas dos atletas Paulão e Renan que iniciaram a prática esportiva em outras modalidades, sendo então apresentados a modalidade que os tornaria olímpicos, pelo professor na escola. Como dito por Gusdorf (2003 p. 77), "quem encontra seu mestre descobre, ao mesmo tempo, sua vocação. Reconhecendo seu mestre para si é como identificar a si mesmo."

O professor de Joaquim Cruz começa a desempenhar um papel de questionamento frente à sua busca, e o desafia ao enfrentamento dos seus temores, denominado por ele mesmo de "dragões". É possível considerar que estes momentos de "doma de dragões", como os denominados por Safra (1995) como períodos mutativos. Para Joaquim "domar seus dragões" está relacionado à constituição de si mesmo, de seu autoconhecimento, processo que se desenvolveu ao longo de diferentes circunstâncias de enfrentamento seja nas provas das pistas e na vida. Joaquim enfrenta "seus dragões", e entende porque não gostava de atletismo, de correr, até este encontro. Seu sofrimento provocava ansiedade que lhe causavam dores de estômago e lhe tiravam sono. Foi quando decidiu domá-los.

Uma entrega e uma confiança gradualmente se estabelecem no analisando com ampliação da consciência de suas necessidades reais, podendo vir e viver com o analista uma experiência decisiva e vital relacionada às suas necessidades jamais anteriormente reconhecidas e atendidas."(SAFRA, 1995)

Winnicott (1977, p. 226) afirma a grande importância para o professor um estudo do lugar da influência nas relações humanas, fato este que se reveste de especial interesse para estudiosos da vida social, "Este estudo envolve-nos numa apreciação dos sentimentos que são mais ou menos inconscientes".

O encontro para Paulão, se deu despretensiosamente durante o recreio. Além de encontrar o professor Batista, que notadamente teve influência direta na sua formação de vida, encontrou a modalidade que seria sua companheira diária por muito tempo. Ficou claro que ele, como iniciante, não conhecia o voleibol, só brincava, sem compromisso, tinha tamanho. Foi sua estatura que chamou a atenção do professor, que lá adiante, mirou a potencialidade que se apresentava. Desta maneira também teve seu encontro com um grande clube. Foi para o time da escola porque poderia faltar às aulas para jogar sem problema posterior, e durante o jogo também contou com o "destino" do colega machucado que precisou lhe dar a vez.

Assim como Paulão, Renan também foi convidado pelo professor Batista para experimentar a nova modalidade. Jogava futebol no Grêmio e já tinha a camisa 10. Para a época, trocar o futebol pelo voleibol soou estranho para o pai, pois a modalidade era considerada coisa de menina. Sua referência a esse professor é de um profundo

conhecedor da modalidade, apaixonado e estudioso. Sua narrativa faz eco ao que Leite (2018 p. 20) sintetiza em sua pesquisa com o Grupo do Afeto, que direcionou seu olhar para professores em variadas áreas de ensino. Dentre os pontos que se destacam para o estabelecimento de vínculo afetivo, diante de mediação pedagógica, destacam-se:

1. "a relação de paixão que o professor demonstrava em relação ao seu objeto de ensino, relação esta que era claramente percebida pelos alunos.
2. pelo grande conhecimento que o professor demonstrava sobre a área de ensino abordada, relação também conhecida pelos alunos;
3. pelas práticas pedagógicas concretamente desenvolvidas em sala de aula, fortemente comprometidas com o sucesso dos alunos. "

Outra referência a este período, é que a Educação Física daquela época era sinônimo de Esporte, daí também a referência constante da qualidade técnica e o olhar apurado destes professores sendo referidos bons conhecedores e estudiosos.

7.2 A descoberta

A descoberta é a ocasião em que o aluno entende o chamado e aceita o desafio comumente despertado e inspirado pelo professor. Pode ser pela nova modalidade ou até mesmo os constantes desafios a serem superados na condição de atleta. É o momento de encontrar o que estava escondido, que se inicia a exploração de um território desconhecido, seja no aprimoramento da nova modalidade aprendida, ou mesmo nas novas percepções que o professor precisa explorar.

Extremamente tímido, Joaquim foi aos poucos se expressando por meio do esporte. Foi a maneira que ele manifestou seu contato com o mundo exterior, afirmando o que Teves (2004, p. 42) sugere, que possivelmente nunca se deu tanta importância para o jogo na formação humana, como atualmente, "Se reconhece que o jogo instiga a imaginação de maneira que a consciência se abra ao novo, às alternativas de novas realizações possíveis; estando, assim, na origem da cultura, do desenvolvimento humano e do progresso".

Eu era muito competitivo e usava meu corpo pra poder aparecer, poder me expressar! Porque no fundo eu era muito tímido. E quando eu

entrava na competição era eu. O fato de eu jogar bem, o fato de eu correr rápido, era uma forma de me expressar!”

Joaquim se fazia expressar com o mundo por meio do esporte. E foi também por meio dele que aprendeu a dominar “seus dragões”, conhecendo-os e enfrentando-os. Seu professor e a livre atuação nas quadras e pistas o ajudaram a fruir sua liberdade de criação.

A importância do brincar é sempre a precariedade do interjogo entre a realidade psíquica pessoal e a experiência de controle de objetos reais. É a precariedade da própria magia, magia que se origina na intimidade, num relacionamento que está sendo descoberto como digno de confiança.” (WINNICOTT, 1971, p. 71)

Outra consideração cabe aos objetos e os fenômenos transicionais que segundo Winnicott (1971, p. 27) concerne ao domínio da ilusão que se encontra no início da experiência. O entendimento do esporte como um objeto transicional relaciona-se ainda ao professor suficientemente bom, como acontece no caso do bebê e sua mãe. Essa condição leva o aluno a supor que há uma, “[...] ilusão de que existe uma realidade externa correspondente à sua própria capacidade de criar”. Sendo assim, como ocorre na infância, a área intermediária de início de um relacionamento entre o aluno e o mundo, sendo possível por uma “*tutoria*” do professor suficientemente bom.

Joaquim utilizou do jogo, para ser criativo e foi aos poucos se constituindo, “enfrentando seus dragões”. Paulão pode, por meio da modalidade, também constituir seu papel na família e Renan aos 17 anos já integrava a seleção adulta. Situações diferentes, mas que evidenciam o papel do jogo, da modalidade esportiva, do brincar que se tornou “sério” nas relações com o mundo.

Como Quíron, o professor foi mostrando os caminhos e preparando seus “futuros heróis” para a grande jornada que estaria por vir, por meio de treinos específicos para superarem suas dificuldades técnicas ou táticas. O elemento fundamental desse processo foi fortalece-los para que pudessem de alguma maneira ter certeza do caminho a ser trilhado. Não prometeu facilidades, mas anunciou que o desejo era um aditivo poderoso na realização do sonho.

Para Renan, o encaminhamento do seu professor, que era técnico também do SOGIPA, clube de referência em Porto Alegre, levou-o a ser rapidamente reconhecido como melhor jogador do Brasil. Passou a integrar a Seleção Brasileira, então com 17 anos, momento em que a modalidade vivia a profissionalização e alcançava grande visibilidade social. Lembra de quando foi assistir a um amistoso entre as seleções do Brasil e do Japão e viu Bebeto de Freitas e Bernard jogando, naquele momento pensou: "Eu vou parar de jogar esse negócio. Como eu vou chegar no nível desses caras? Ver os caras dando umas 'porradas' pra baixo! Foi muito impressionante."

No ano seguinte ele era convocado para a Seleção.

Renan traz para a narrativa sua gratidão ao professor e à modalidade que o tornou quem é. Não imaginava viver do voleibol nem chegar onde chegou. Credita ao esporte a estrutura material que cerca sua vida, mas também a estrutura familiar que possui e preza.

Paulão quando encaminhado para o treinamento propriamente dito, passou por algumas descobertas. Saía de sua cidade e, de ônibus, observava o caminho e aprendia a ter autonomia, condição fundamental para superar as dificuldades e a falta de recursos que insistiam em afasta-lo dos treinos. Foi quando exatamente descobriu na figura do professor, sua face Atená-Nike, anjo da guarda, num movimento de proteção, de provimento ao necessário. O professor Batista, sabendo das dificuldades do aluno para conseguir os recursos do transporte se dispõe a ajuda-lo a permanecer nos treinos. Nada prometeu, apenas agiu. Disse "vamos dar um jeito, vamos dar um jeito", e ao final de cada treino, na mochila do atleta, aparecia o dinheiro necessário para o deslocamento no próximo dia e para o lanche. Esse ato fez renascer a esperança de continuidade nos treinos que transformaria os caminhos de sua vida. Durante sua narrativa, Paulão fica profundamente emocionado e exalta com gratidão o gesto do seu professor.

Até tem que falar devagarinho, porque sempre me emociono muito quando falo da família, das dificuldades, que foram muitas. Mas, tenho que agradecer muito, muito, muito, porque um professor que abre mão desse valor... a gente sabe que os professores já ganham pouco e ainda tem que pagar patrocínio pra atleta, passagem e alimentação. E ele fez isso. Tenho certeza, de coração, porque ele já tinha feito isso várias vezes. Uma vez dá certo, outra dá errado. E então, assim começou a minha carreira no voleibol.

A relação entre o professor e o aluno também é feita de desconfiança pelo pouco entendimento que o discípulo tem sobre os projetos daquele que vislumbra o futuro. O ofício do professor exige certa tolerância ao apontar os caminhos do conhecimento. Foi o que ocorreu com o professor Luis Alberto que precisou convencer Joaquim Cruz a aceitar ir para o atletismo, assim como o Professor Batista mesmo sabendo da falta de condições financeiras insistiu para que Paulão permanecesse nos treinos, e, no caso de Renan, trocasse uma camisa 10 no futebol por uma modalidade considerada como prática de meninas.

O professor gosta de ensinar e ganha a tranquilidade através do êxito, mas não necessita absolutamente do êxito para a sua saúde mental; o aluno também sente prazer em corresponder àquilo que o professor tem para lhe oferecer, sem ser compelido pela angústia para atuar como o professor, para reter tudo quanto ele ensinou ou acreditar em tudo o que qualquer professor ensina. O professor tem que ser capaz de tolerar que duvidem ou suspeitem dele, tal como a mãe tolera os vários caprichos alimentares dos filhos; e o aluno tem que ser capaz de tolerar a admissão, não imediatamente nem de um modo confiante, daquilo que acha aceitável. (WINNICOTT, 1971 p. 29)

Em uma etapa posterior as relações são provadas nas dificuldades do caminho. É o caso de Joaquim quando é desafiado a permanecer no esporte apesar das lesões e da necessidade de se adaptar aos treinos mais pesados. A dúvida se transforma em convicção, que pode ser entendido como períodos mutativos. É perceptível em sua narrativa a forte presença do seu técnico, o seu primeiro professor, o professor suficientemente bom. O vínculo estabelecido entre eles permitia uma relação de confiança e prontidão para o enfrentamento das dificuldades e desafios. Safrá (1995) descreve esses períodos mutativos como sendo um movimento complementar para desfazer os obstáculos que pontuam a relação estabelecendo as condições para os momentos mutativos.

Então, aos poucos eu fui treinando, condicionando meu corpo! Com o tempo de treinamento a expectativa e o condicionamento começaram a se nivelar e a dor começou a ser menor. Era por isso que eu detestava tanto o Atletismo. Eu acordava no meio da noite e a primeira

coisa que me vinha na mente era “eu vou ter que competir, ai meu Deus”. A ansiedade me dava dor de estômago e eu ainda não tinha forças, não tinha armas pra combater os meus Dragões internos. Eu gosto muito dessa palavra, Dragões internos (sorrisos).

Joaquim tem em suas memórias registros de instantes marcados pela intervenção do seu técnico no sentido de aliviar seu sofrimento. Ele o ajudava a “quebrar estes estados mentais” como ele próprio diz. Uma dessas situações recordadas ocorreu durante a coletiva de imprensa quando voltaram ao país, após a conquista da primeira medalha olímpica em 1984.

“...o Luis Alberto chorou tanto que eu nunca vi uma pessoa chorar igual a ele. Parece que toda aquela carga de sentimento que ele tinha, saiu... saiu de uma forma que dava até pra ver (sorrisos)! Aí, eu chorei com ele também. Foi um momento que eu nunca vou esquecer na minha vida.”

Outro momento em que a cumplicidade vivida entre ambos se manifesta ocorre antes de uma cirurgia, após os Jogos Olímpicos de Seul:

“...eu ia fazer um teste antes da competição, mas, tinha algum tempo que eu não via o Luis Alberto. Na hora que ele chegou, eu me envolvi muito emocionalmente, com a presença dele. Fiz esse trote, aquela dor sumiu. A dor no meu tendão de repente desapareceu. Eu fiz meia hora de trote numa intensidade um pouco forte, e nada. Eu perguntei, “cadê a dor? Estava aqui e de repente, sumiu!” Era a força da mente!”

A presença do seu professor nos momentos de alegria e de tensão é fundamental não apenas para aplacar a solidão. Ela se manifesta como cuidado e como carinho diante da incerteza gerada pelo enfrentamento de uma situação desconhecida – a entrevista – ou do corpo lesionado. Como Atená, seu professor o preparou e cuidou, agindo como conselheiro, como um mentor.

7.3 A realização

Realizar é um ato que presume uma ação, é a consumação da proposta inicial, quando efetivamente os atletas percebem, o quanto o esporte trouxe para suas vidas. E essa realização nem sempre esteve atrelada à conquista de títulos ou campeonatos. Ela está relacionada ao cumprimento de um objetivo maior, sua meta de vida, a realização pessoal e profissional. Não que o pódio olímpico não tenha sido um momento marcante em suas vidas, mas esse não considerado por eles o ponto alto de suas carreiras. Os três atletas relacionam o esporte a tudo o que eles possuem, tanto do ponto de vista material como na essência de sua construção identitária, como o mundo. Apontam que tudo aquilo que gira ao seu redor, como amigos, família, valores, sonhos e desafios, teve no esporte um veículo para a realização de um momento sonhado.

Cada um deles demonstra como o fenômeno esporte transformou e realizou suas vidas.

Castro (1995) acredita que para o ser humano se realizar ele necessita de preparação para sobrevivência e hierarquia social, mas precisa principalmente, do seu desenvolvimento pessoal. Daí a importância de um professor atento, que desenvolve um olhar atento, cuidadoso para com seus alunos. Cuidado com os sonhos, e mais do que isso, atenção em como poder ajuda-los a sonhar. A educação e seus professores podem colaborar a exceder os limites, pensar grande, sonhar alto. Professores na escola não ter por objetivo transformar seus alunos em atletas olímpicos, mas entender que na trajetória de vida dessas crianças e jovens, muito dos desafios vividos durante os treinos e as competições serão lembrados nos desafios que se apresentarão a eles, e em sua maioria não somente de ordem dos conteúdos ensinados.

A experiência de um pódio olímpico é revisitada como realização na narrativa de cada um dos atletas aqui tratados.

Para Paulão, não foi o fato de ser campeão olímpico que o realizou, mas o momento do retorno à sua cidade e o reconhecimento social pelo seu feito. O pertencimento à sua comunidade que ganha a condição de uma cidade que abriga um medalhista olímpico. Tal qual Ulisses que retorna a Ítaca, após desafios e proações, é em sua casa, em sua cidade, que a jornada se cumpre. Ali ele passa a ser a referência da família (sua irmã e sua mãe começam a ser apresentadas como a mãe

do Paulão, a irmã do Paulão). A partir disso Paulão deixa de ser um desconhecido para ser o realizador da façanha que foi ganhar uma medalha olímpica.

Joaquim Cruz evidencia em sua narrativa que sua ida para o Estados Unidos para estudar numa faculdade americana foi seu grande feito. Seu professor, então técnico à época, o acompanhou e juntos iniciaram a preparação para a incrível jornada olímpica. Compara sua chegada nos Estados Unidos ao renascimento, à transformação que um bebê passa quando nasce. Idioma, estudos, novos treinos. Fez mudanças de Universidades, sofreu lesões. E por mais de 10 anos seu técnico permaneceu ao seu lado.

Paulão fala sobre o valor da sua relação com os técnicos que teve, e seu aprendizado para fortalecê-las. Como citado por Leite e Molina (2014), esse desenvolvimento ocorre com o entendimento de que as relações subjetivas fornecem as matrizes de significações na sua formação. Isso se dá por meio das relações interpessoais, onde há trocas recíprocas.

Renan não imaginava que o esporte pudesse ser o seu meio de vida. Considera que uma das melhores fases de sua carreira foi no período de 1984, momento da conquista da medalha de prata. Enfatiza que esse foi um sonho quase não realizado em função de uma lesão sofrida semanas antes da competição olímpica. Imediatamente após os Jogos Olímpicos foi jogar pelo time italiano de Parma, e no ano seguinte foi para o Mundial do Japão, sendo considerado o melhor jogador do mundo na época. Voltou ao Brasil para ser técnico. Sempre desejou ser treinador. Para tanto se capacitou estudou, se dedicou, passando à condição de mestre, assim como Joaquim e Paulão, devolvendo a seus atletas o conhecimento técnico e humano aprendido com seus mestres. Atualmente Renan é técnico da seleção brasileira de voleibol masculino, passou por esferas administrativas fazendo gestão do esporte e apontou em sua fala que ser técnico é uma das posições mais difíceis deste ciclo: jogador, técnico, gerente. Joaquim é técnico da seleção paralímpica estadunidense, premiado como o melhor técnico do ano por dois anos consecutivos. Paulão atua como técnico e gerente de times de projeção nacional que disputam a Super Liga.

De acordo com Gusdorf (2003, p. 195) a renovação do ciclo iniciático mestre e discípulo, “[...] vai no mesmo sentido, e cada um sabe que, na manutenção da tradição, o discípulo sucederá o mestre desaparecido para transmitir a exigência de verdade aos novos”.

Para Winnicott (1977, p. 228) o momento de influenciar e ser influenciado, reflete da relação professor aluno e assim como do ambiente dos colegas de equipe, “[...] ver-se a que esta relação íntima entre o que influencia e o que é influenciado constitui uma espécie de relação de amor e pode facilmente ser confundida com o artigo genuíno, em especial com as pessoas tal como realmente são.”

Paulão em sua narrativa dá destaque ao fato de ter uma equipe pautada em valores. Naquele momento trabalhava com um time recém-formado e em busca de patrocínio. Destaca que seus atletas recebem quase nada, e ainda assim estão na equipe por acreditar em sua proposta. Destaca que, de certa maneira, reproduz com sua equipe, agora na condição de técnico, o que sentia em relação a sua carreira como jogador. Reforça a importância do técnico e seus parceiros de equipe, muitas vezes comparados a uma família.

“...atletas renomados, tão aí, ganhando quase nada, acreditando num projeto. Isso me encanta; isso é o time, por isso a gente tá aí, brigando com os grandes. São pessoas que estão ali. Eu tive ali muitas vezes e gostava de ouvir isso dos técnicos. Gostava de ouvir do Zé Roberto, que a gente tinha que fazer uma oração pra família, que tinha que fazer oração pro Papai do céu, que protege a gente. Que a gente tinha que ser sincero com as pessoas. Tem gente que não acredita nisso, acha que, um bom relacionamento, lado financeiro paga tudo.

O sentido de equipe é comum nas narrativas de Renan e Paulão. Isso talvez seja reforçado pelo fato de ambos serem atletas de uma modalidade coletiva.

7.4 O reconhecimento

Cada uma das narrativas é permeada pelo reconhecimento e gratidão ao convite feito pelo professor, pelo seu olhar que vislumbrou o talento, as possibilidades, o chamado à prática esportiva de maneira mais comprometida, antes mesmo de saber que havia tal habilidade para o encaminhamento. Há o reconhecimento pela atenção e pelo esforço realizado no processo.

A relação com o professor demonstra total confiança, quase uma entrega Joaquim ilustra essa questão com uma lembrança do campeonato mundial Gotemburgo. Momentos antes da prova ele sente um problema físico e procura pelo

técnico para fazer uma queixa. E o técnico atua no sentido não de resolver o problema, mas retirar do atleta a carga emocional que a prova carregava.

"Eu fui conversar com o Luis e falei, "Luis, eu senti uma fisgada na perna". Ele falou, "deita aí!" e fez uma massagem. Naquele momento eu consegui interromper aquela fita que estava rolando na minha mente. Então, o Luis falou: "Juca, vai lá e faz uma reta bem forte e vê como você está!". Eu estava 100% e fui competir! E eu corri meu melhor, 1'46" alto, 46 noventa e pouco.

Em outro momento, agora após o Pan Americano de Mar del Plata, entendeu que compunha com o técnico mais do que tática de prova:

"Na verdade, eu pratiquei atletismo, porque, o Luis pediu! Então, eu sempre dividi aquele momento com ele. Ele provou que nós éramos uma força só. Apesar dele contribuir com o treinamento, era na hora da competição que eu mais precisava de uma direção pra executar um plano. Quando às vezes eu não tinha nada, ele veio com o plano e eu executei! Ele provou a força que um treinador tem na vida do atleta."

Nas narrativas de Joaquim Cruz há muita semelhança com o processo de perceber o seu desenvolvimento pessoal, controlar e entender suas ansiedades, seus momentos de dificuldade de lidar com pensamentos negativos, de aprimorar sua concentração. A relação estabelecida com seu professor foi além do que ensinamentos técnicos, foi permeada de períodos muito reflexivos e de superação pessoal.

A narrativa de Paulão aponta a presença do professor Batista colocando o dinheiro em seu bolso, muito emocionado, no instante em que recebeu a Medalha de Ouro Olímpica. Consagra a importância do seu professor e se refere àquele gesto como um momento muito intenso de sua vida. Lembra da dificuldade da família, sua relação com o pai e a mãe, da responsabilidade de ser primogênito, da construção da sua casa, que tudo havia vindo do voleibol. É grato à modalidade escolhida, pois ela lhe deu tudo o que tem, conheceu a esposa dentro de um ginásio, os dois filhos também jogam voleibol e foram convocados para a seleção. Relata que não é só o pódio olímpico que o fez assim, vibrante e motivado. Lembra do seu primeiro ticket

restaurante que usou para comprar uma torta para a família e destaca a importância daquilo ser feito com o resultado do seu trabalho, de seu empenho.

A relação de Paulão com o professor Batista é uma condição muito próxima de uma relação familiar. Não uma relação de laços consanguíneos, mas de um parentesco de destinos. De acordo com Gusdorf (2003, p. 87), "[...] cada obra-prima de arte, de esporte, de técnica ou ação nos dá o testemunho de uma liberdade humana, ou melhor, de uma libertação que nos compromete, porque pode ser, porque também é nossa". Para o autor o mestre invoca a gratidão do discípulo que o reconhece simplesmente por existir. E conclui: "Ele e eu somos do mesmo sangue, da mesma linhagem. Não o sabia, mas descubro-o" (p. 87).

Quando Paulão se refere ao professor de Educação Física, exalta sua importância, dizendo que deveriam ter a mesma importância que um Presidente da República. Reconhece os ensinamentos que teve no esporte, os valores que aprendeu, a importância da disciplina. "A responsabilidade de ensinar o filho da gente, os valores – o professor como um todo. Minha esposa é pedagoga, minha mãe é pedagoga e eu sei muito bem em casa isso.

Aluno do mesmo professor Batista, Renan ainda mantém o contato com seu mestre apesar da distância.

"Eu tenho uma ótima relação com ele ainda. Tá mais velhinho, mas, ele ainda adora vôlei. Quando tem jogo, ele pega o avião, vem de Porto Alegre pra ver os nossos jogos aqui nosso, torce pra gente, tudo mais."

Paulão reconhece ao longo de toda a sua narrativa a importância do professor Batista em sua história. Considera que em sua homenagem fez o mínimo para agradecer tudo aquilo o que o mestre fez por si. Lembra em diferentes momentos dos cinco cruzeiros no bolso, da superação das dificuldades.

"Então, eu agradeço muito e tive oportunidade de agradecer em público, ao João Batista. Dei a réplica da medalha de ouro pra ele e a camisa de jogo também dei pra ele. Eu acho que era o mínimo que eu podia fazer, por um investimento em um moleque que, veio treinar de Gravataí, sem embasamento nenhum."

O que estes atletas receberam consideram como algo precioso, de valor inestimável, portanto sem opção de pagamento imediato. Continuam "o pagamento"

ensinando, inspirando, transformando outros alunos, outros atletas. Gusdorf (2003, p. 211) indica que, “[...] o que ele recebeu do mestre foi-lhe impossível reembolsar ao mestre. Toda a sua vida está empenhada em ser como que a contrapartida do reconhecimento dessa dívida; não pode desobrigar-se senão pelo seu respeito e pela sua fidelidade”.

O tempo deste mestre é limitado, seu sorriso vale por uma última palavra, este mestre se faz presente muitas vezes por seu silêncio, que pode valer por muitas palavras, discursos e sermões.

7. APITO FINAL

Realizar esta pesquisa que buscou investigar a presença da figura do professor de Educação Física foi extremamente afetuosa e gratificante. Três atletas, dois professores, cinco histórias de vida entrelaçadas por uma das relações mais nobres e remota, a de professor e aluno, mestre e discípulo com um mundo em comum, o esporte. Notadamente esta relação está entre as recordações mais privilegiadas que temos no decorrer da nossa trajetória, que tem a virtude de transformar, oxigenar, transmutar.

Nas três narrativas, e em seus diferentes momentos, são observados vários pontos em comum. A começar pelo local onde tudo se inicia, a escola, logo mais surge um olhar atento e o cuidado necessário dando significado ao gesto, ao empenho, ao desejo do aluno que a princípio não tinha clareza de como chegar e nem onde, estava em busca de algo e precisava deste tutor para realizá-lo.

Isso tudo começa na escola, escola essa que tem passado por transformações assim como o entendimento da iniciação esportiva nas suas quadras. Houve um momento da história no qual o esporte era tido como sinônimo de Educação Física. Na atualidade, foi superado o entendimento da prática esportiva como a repetição do gesto pelo gesto. Percebe-se que o esporte propicia o desenvolvimento humano e este contribui para o desenvolvimento de uma sociedade que demanda mais respeito, amizade e sonhos de igualdade. A escola e o esporte tem na figura do professor o agente que permite extrapolar a convivência de seus pares que atuam dentro das 4 linhas das quadras, para ganhar outros contornos de realização. Como dito por Gusdorf (2003, p. 4), "[...] o mestre-discípulo surge-nos, pois, como uma dimensão fundamental do mundo humano".

Mesmo que atualmente a atuação do professor de Educação Física seja diferente da época dos atletas entrevistados, no sentido das expectativas de conteúdo, sua presença é marcante. O esporte que por vezes é condenado nas escolas, neste momento extrapolou os resultados dentro das quatro linhas, e levou seus protagonistas a atravessar o mar, ganhar o mundo levado por quem foi inspirado, tocado, transformado. Claro que não foi essencialmente o esporte que operou esta travessia, nem tampouco um só professor. E este é o fascínio da viagem, que de acordo com Araújo e Araújo (2004, p. 31), "O importante é fazer com que o discípulo se sinta apalavrado e tocado pela grandeza do mestre".

O que se encontra neste universo de possibilidades, que por vezes foi iniciada durante o recreio ou mesmo uma corrida desprestigiada, é um professor que na execução do seu ofício, transformou vidas, que ajudou a sonhar e mais que isso, ajudou a iluminar buscas. Num primeiro instante o que é ensinado é feito com forte consideração afetiva, como se fossem encantados para as novas vivências, que foram agarradas com paixão. Experiências afetivamente marcantes, relacionando estes professores como professores inesquecíveis, uma vez que são citados com consideração e gratidão pelos atletas mesmo que não tenham sido induzidos a esse tema. Suas falas espontâneas são carregadas de afetividade.

Baseada no referencial teórico de Winnicott (1975) acerca da mãe suficientemente boa, fez-se aqui uma analogia do papel do professor que cuida, que protege e do desenvolvimento necessário para promover a autonomia do aluno, mediando um distanciamento, preparando este pupilo para desafios maiores. No momento deste distanciamento ocorre o surgimento dos objetos transicionais, neste caso, considerando a referência do professor, poderá ser um elemento contido no esporte, como o próprio corpo, a emoção de estar em quadra não só compondo como pertencendo a uma equipe, marcando um gol, baixando seu tempo, o material necessário para realizar a partida, algo que faça sua conexão com o mundo externo, que possa elevar seu estado criativo de expressão, contribuindo para o desenvolvimento do self.

Parte deste desenvolvimento é relacionado com o que Safra (1995) intitula de períodos e mutativos. O professor no desempenho de suas funções, muitas vezes de maneira não intencional os promove, pois há confiança estabelecida nesta relação. Percebe-se nos momentos de superação, de desalento na busca de equilíbrio interno, nos vários momentos de “domar os dragões, leões, lesões, distâncias, saudades, verdadeiras feras interiores”, a importância da presença assertiva e o ensinamento de um mestre atento. Este encontro da necessidade psíquica do aluno com a função proporcionada pelo professor produz profunda modificação na maneira como o aluno se vê e como percebe o mundo, e no padrão de suas relações objetais, Safra (1995) denomina de momentos mutativos.

Este vínculo diferentemente e distante dos vínculos de pai e mãe é um terceiro elemento no construto identitário, onde o aluno é capaz de descobrir sua verdade, sua busca ao chamado que foi inspirado por este Mestre/Professor.

Para Gusdorf (2003) esse confronto com a mais alta exigência, desmascara uma identidade que a si mesma se ignorava, permitindo à personalidade passar ao ato de escolher-se a si mesma tal como sempre desejou. Assim o constante alto nível de excelência promove o preparo para os instantes desafiadores da trajetória, a começar pelo desafio de se conhecer e encontrar sua verdade. Embora Gusdorf tenha uma visão utópica da relação professor mestre, aluno discípulo, convém lembrar que, “[...] a fonte da utopia escrita e ou praticada continua, no entanto, a ser uma experiencição do mundo como desconfortável e o desejo da sua superação através do possível” (Araújo e Araújo, 2004, p. 75), ou mesmo como proclamado por Galeano⁷ “A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei.” A Educação sobrevive por acreditar que é possível, que há esperança, que nosso horizonte está logo ali, é o que nos mobiliza e faz seguir. Conheci nesta jornada de 30 anos no magistério, professores inesquecíveis, missionários no sentido de acreditar que a mudança deste nosso país só virá pela Educação. Como na fábula do passarinho que teima em apagar o incêndio com seu bico, vários professores “professam” o cuidado atento e afetuoso com seus alunos ao ensinar, pois assim o são na essência do nome da profissão que escolhem, ou foram escolhidos.

⁷ Disponível em: <<https://www.revistaprosaversoearte.com/para-que-serve-a-utopia-eduardo-galeano/>> Acesso em: 20 jan 2019.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ALBERTI, V. **Manual de história oral**. São Paulo: Editora FGV, 2005.
- AMATO, J. F. Kairós: o Momento da Partida na História de Vida de Mulheres Olímpicas Brasileiras. 2017. 165 f. Dissertação de Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2017.
- ARANTES, A.; MARTINS, F.; SARMENTO, P. Jogos Escolares Brasileiros: Reconstrução Histórica. **Motricidade**, v. 8, n. 2, p. 916–924, 2012.
- ARAÚJO, R. V. Pedagogia do esporte: Obstáculos, avanços, limites e contradições. Monografia. Curso de Pós-Graduação Lato Sensu da Universidade Federal de Goiás, 2008.
- ARAÚJO, A. F.; ARAÚJO, J. M. **Figuras do imaginário Educacional - para um novo espírito pedagógico**. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.
- ARMOUR, K.; DAGKAS, S. **Olympism and education: a critical Review a Educational** – . – Review Published (2012)
- BARBANTI, V. O Que É Esporte? **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 11, n. 1, p. 54–58, 2006.
- BERNARDES, A. G; YAMAJI, B. H. S.; GUEDES, D. P.. Motivos para prática de esporte em idades jovens: Um estudo de revisão. **Motricidade**, v. 11, n. 2, p. 163-173, 2015.
- BELBENOIT, G. **Desporto na Escola**. Lisboa: Editora Santos Estampa, 1976.
- BOLONHINI, S. Z.; PAES, R. R. Do teaching understanding: Reflexoes sobre a iniciação esportiva. **Pensar a Prática**, v. 12, n. 2, p. 1–5, 2018.
- BENTO J. O. **Desporto - Discurso e Substância** Porto: Campo das Letras, 2004
- BETTI, M. **Educação e Sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.
- BOSI, E. O. **Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BRACHT, V. A política de esporte escolar no Brasil: A pseudovalorização da Educação Física. **Revista Brasileira Ciência e Esporte**, v. 24, n. 3, p. 87-101, 2003.
- BRANDÃO, J. S. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- BRANDÃO, J. S. **Dicionário mítico-etimológico**. Petrópolis: Vozes, 1991.
- BRANDÃO, J. S. **Dicionário mítico-etimológico**. Petrópolis: Vozes, 1992.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BROWNLEE, H. **World Olympic Education Initiatives**. International Olympic Academy, 39th Session, Ancient Olympia, p. 83 – 89, 1999.
- CAMPBELL, J. **O Herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.
- CAMPOS, A. A. **O desporto: fenômeno típico da sociedade moderna**. São Paulo: Loyola, 1976
- CASTELLANI FILHO, L. **Educação física no Brasil: A história que não se conta**. Campinas, SP: Papirus, 2004.
- CASTRO M. L. S. Prefácio. In: Safrá, G. **Momentos Mutativos em psicanálise - uma visão Winnicottiana**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.
- CORREIA, W. R. Educação Física Escolar: entre inquietudes e impertinências. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 26, n. 1, p. 171–178, 2012.
- COUBERTIN, P. **Olimpismo: Seleção de textos**. In: MÜLLER, N. e TODT, N. S. (Ed.). Porto Alegre: EdIPUCRS, 2015
- ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992

- DAMATTA, R. **Universo do futebol. Esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982
- DAÓLIO, J. **Educação física escolar: olhares a partir da cultura**. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.
- FANTASIA, A.; LEITE, P. P. As narrativas biográficas e as metodologias de investigação-ação sobre a memória e o esquecimento. **ECAS - European Conference on African Studies**, v. 5, p. 21, 2013.
- GUSDORF, G. **Professores para quê? Para uma pedagogia da pedagogia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FUTADA, F. M. Educação Olímpica: conceito e modelos. In: RUBIO, K. (Ed.). **Educação olímpica e responsabilidade social**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.
- KIRK, D.; MACPHAIL, A. Teaching games for understanding and situated learning: Rethinking the Bunker-Thorp Model. **Journal of teaching in physical education**, v. 21, p. 177–192, 2002.
- KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.
- LEAL, L. A. M. Memória, rememoração e lembrança em Maurice Halbwachs. **Revista Linguagem**, n. 18, 2012.
- LEITE, S. A. S. Práticas De enseñanza y formación en la profesión: Tensiones y caminos compartidos en la universidad. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino. UNICAMP, Campinas, 2012. Campinas, p. 681–692, 2012a.
- LEITE, S. A. S. Afetividade nas práticas pedagógicas. **Temas em Psicologia**, v. 20, n. 2, p. 355–368, 2012b.
- LEITE, S. A. S.; MOLINA, A. S. Cultura e práticas pedagógicas: A qualidade da mediação e a questão do erro em sala de aula. In: **Cultura, cognição e afetividade: A sociedade em movimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- LEITE, S. A. S.; TAGLIAFERRO, A. R. A afetividade em sala de aula: Um professor inesquecível. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 9, n. 2, p. 247-260, 2005.
- LEITE, S.A.S, **Afetividade: as marcas do professor inesquecível** - 2018 Campinas - ed. Mercado das Letras
- LIMA, D. A. S. Técnico-Mestre e Atleta-Herói: uma leitura simbólica dos mitos de Quíron e do Herói entre técnicos de voleibol. Dissertação de mestrado. Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012
- LIMA, D. A. S. A relação técnico-atleta e o mito de Quíron. In.: K. Rubio (org.) **Esporte e mito**. São Paulo: Laços, 2017.
- LUGUETTI, C. N. A iniciação esportiva na escola por meio das práticas esportivas escolares In: BÖHME, M.T.S (org.) **Esporte infante juvenil - Treinamento a longo prazo e talento esportivo**. São Paulo: Edusp, 2011.
- MACHADO, N. J. Objetividade e subjetividade na construção do conhecimento. In: Arantes, V. A. (Org.), **Afetividade na escola – Alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2003
- MACHADO, N. J. Epistemologia e didática: As concepções de conhecimentos e inteligência e a prática docente. In: **Epistemologia e didática: As concepções de conhecimentos e inteligência e a pratica docente**. São Paulo: Cortez, 2005.
- MACHADO, N. J. **Educação – competência e qualidade**. São Paulo: Escrituras, 2009
- MACHADO, R. P. T. Entre o mito e a história: gênese e desenvolvimento das manifestações atléticas na Grécia Antiga (Tese de doutorado). Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo. São Paulo São Paulo, SP, 2010.

- MARTINS JUNIOR, João. O professor de Educação Física e a Educação Física Escolar: como motivar o aluno. **Revista da Educação Física/UEM Maringá**, v. 11, n. 1, p. 107-117, 2000.
- MATRIZES DO SABER. Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da Cidade, Ensino Fundamental: Educação Física**. São Paulo: SME/COPED, 2017
- MEIHY, J. C. S. B.; RIBEIRO, S. L. S. **Guia prático de história oral: Para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.
- NUNES, M. L. F.; Rubio, K. O(s) currículo(s) da Educação Física e a constituição da identidade de seus sujeitos. **Currículo sem Fronteiras**, v.8, n. 2, p. 55-77, 2008.
- OLIVEIRA, V. F. Educação, memória e histórias de vida: Usos da história oral - **História Oral**, v. 8, n. 1, p. 91 -106, 2005.
- PAES, R. R.; BALBINO H. R. A pedagogia do esporte e os Jogos Coletivos. In: Dante De Rose, D.; Jr.; Alessandro H. Nicolai Ré. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: Uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- PINEAU, G. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e Pesquisa**, v. 32, n. 2, p. 329-343, 2006.
- PITTA, D. P. R. **Iniciação a teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005.
- ROSINA, D. Entre narrativas, fragmentos e estilhas: construções de atletas brasileiros sobre os jogos olímpicos do México de 1968 (Tese de doutorado). 204p. Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo. São Paulo São Paulo, SP, 2018.
- RIBEIRO, G. M.; Da SILVA, J. W.; KOGUT, M. C. Contribuições do professor de Educação Física na formação cidadã do aluno no ensino médio. XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Territorialidade e Diversidade regional no Brasil e América Latina: suas conexões com a Educação Física e Ciências do Esporte. Vitória - Espírito Santo, 08 a 13 de setembro, p. 01-13, 2015. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2015/6conice/paper/viewFile/7506/3623>> Acesso em: 20 jan 2019.
- RUBIO, K. **O atleta e o mito do herói**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- RUBIO, K. A história de vida como método e instrumento para apreensão do imaginário esportivo contemporâneo. **Motus Corporis**, v. 11, p. 9-21, 2003.
- RUBIO, K. **Heróis Olímpicos Brasileiros**. São Paulo: Zouk, 2004.
- RUBIO, K. A dinâmica do esporte olímpico do século XIX ao XXI. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 25, n. esp, p. 83–90, 2011.
- RUBIO, K. A história de vida como método e instrumento para a apreensão do imaginário esportivo contemporâneo. **Journal of Chemical Information and Modeling**, v. 53, n. 9, p. 1689–1699, 2013.
- RUBIO, K. A experiência da pesquisa “memórias olímpicas por atletas olímpicos brasileiros”. **Acervo**, v. 27, n. 2, p. 93–105, 2014a.
- RUBIO, K. **Preservação da Memória - A responsabilidade social dos Jogos Olímpicos**. São Paulo: Képos, 2014b.
- RUBIO, K. Memórias e narrativas biográficas de atletas olímpicos brasileiros. In: **Preservação da Memória - A responsabilidade social dos Jogos Olímpicos**. São Paulo: Képos., 2014c.
- RUBIO, K. Memória, esquecimento e meta-história: entre Mnemosine e Lethe. In: **Narrativas Biográficas - Da busca à construção de um método**. São Paulo: Képos., 2016.

- RUBIO, K.; LEITE, C. de M.; ZIMMERMANN, M. A. Prática docente em educação olímpica : um desafio transversal. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 27, p. 53–55, 2013.
- SAFRA, G. **Momentos Mutativos em psicanálise - uma visão Winnicottiana**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.
- SAFRA, G. **A face estética do self: Teoria e clínica**. São Paulo: Unmarco, 2005.
- SANTOS, H.; OLIVEIRA, P.; SUSIN, P. Narrativas e pesquisa biográfica na sociologia brasileira. **Civitas**, v. 14, n. 2, p. 359–382, 2014.
- SANTOS, J. A. Os intelectuais e as críticas às práticas esportivas no Brasil (1890-1940). Dissertação (Mestrado). 274p. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2000.
- SANTOS, F.; CÔRTE-REAL, N.; REGUEIRAS, L; DIAS, C.; FONSECA, A. O papel do treinador no desenvolvimento positivo dos jovens através do desporto: do que sabemos ao que precisamos saber. **Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte**, v. 11, n. 2, 2016.
- SARMENTO, J. P.; BASTOS, F. C.; LUGETTI, C. N. A sustentabilidade dos Sistemas Desportivos e o Desporto na Escola. In: **Professor de Educação Física: Fundar e dignificar a profissão**. Porto: Instituto Casa da Educação Física, 2012.
- SAWITZKI, R. L. Esporte escolar: Aspectos pedagógicos e de formação humana. 203p. UNISINOS, São Leopoldo, RS, 2007.
- SIEDENTOP, D. **Sport education: Quality PE through positive sport experiences**. Champaign: Human Kinetics, 1994.
- SIEDENTOP, D; HASTIE, P. A.; MARS, H. V. D. **Complete Guide to Sport Education**. Champaign: Human Kinetics, 2011.
- TEVES, N. Novos campos de atuação para o profissional de educação física. In: Lebre, E.; Bento, J. (eds). **Professor de Educação Física - Ofícios da profissão**. Porto: FCDEF, 2004.
- TUBINO, M. J. G. Educação Física e esporte: da teoria pedagógica ao pressuposto do direito. In: **Professor de Educação Física - Ofícios da profissão**. Porto: FCDEF, 2004.
- WALLON, H. **Do ato ao pensamento - Ensaio de psicologia comparada**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- WINNICOTT, D. W, **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.
- WINNICOTT, D.W. **A criança e os eu mundo**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.
- ZIMMERMANN, M. A. Quando e onde se forma a experiência olímpica do atleta. **Revista USP**, n. 110, p. 79-84, 2016.
- ZIMMERMANN, M. A. Educação no Esporte. A jornada das Olimpíadas Estudantis. In: Rubio, K. (org.). **Preservação da Memória - A responsabilidade social dos Jogos Olímpicos**. São Paulo: Keops, 2014.
- ZIMMERMANN, M. A.; RUBIO, K. A lembrança do professor de Educação Física. In: Rubio, K. **Narrativas Biográficas - Da busca à construção de um método**. São Paulo: Keops, 2016.

ANEXOS

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Dados de identificação

Título do Projeto: MEMÓRIAS OLÍMPICAS POR ATLETAS OLÍMPICOS BRASILEIROS

Pesquisador Responsável: Profa. Dra. Katia Rubio

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: EEFE-USP

Telefones para contato: (11) 30913181 - (11) 30913151 - (11) 91387466

Nome do voluntário: _____

Idade: _____ anos, R.G. _____, Responsável legal (quando for o caso): _____

R.G. Responsável legal: _____

O Sr. (a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa "MEMÓRIAS OLÍMPICAS POR ATLETAS OLÍMPICOS BRASILEIROS, de responsabilidade da Profa. Dra. Katia Rubio.

O presente projeto tem como objetivo recuperar a memória dos atletas olímpicos que representaram o Brasil em várias edições dos Jogos Olímpicos da Era Moderna e por meio dessas histórias individuais discutir a formação da identidade do atleta, a importância desse ator social no cenário brasileiro e o movimento de construção e manutenção do imaginário esportivo brasileiro.

Com o consentimento do atleta as entrevistas são registradas em vídeo e posteriormente transcritas para análise.

A pesquisa não oferece risco ao participante e espera-se com essa pesquisa fazer um levantamento das modalidades medalhistas, da trajetória de seus atletas no cenário nacional – e o reconhecimento por parte da população de seus feitos – e analisar a política das Federações e Confederações Esportivas naquilo que se refere à influência desse procedimento na formação de novos atletas. Montar um banco de dados – em forma de imagem e de textos – com a memória do esporte nacional e a partir desses dados construir uma Enciclopédia dos atletas olímpicos brasileiros.

As informações coletadas serão publicadas com o consentimento do participante.

Eu, _____, RG nº _____ declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

São Paulo, _____ de _____ de _____

Nome e assinatura do participante

Testemunha

Informações relevantes ao pesquisador responsável:

Res. 196/96 – item IV.2: O termo de consentimento livre e esclarecido obedecerá aos seguintes requisitos:

- a) ser elaborado pelo pesquisador responsável, expressando o cumprimento de cada uma das exigências acima;
- b) ser aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa que referenda a investigação;
- c) ser assinado ou identificado por impressão dactiloscópica, por todos e cada um dos sujeitos da pesquisa ou por seus representantes legais; e
- d) ser elaborado em duas vias, sendo uma retida pelo sujeito da pesquisa ou por seu representante legal e uma arquivada pelo pesquisador.